



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL - PPGSS**

FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS

**O PROTAGONISMO E AÇÃO COLETIVA DE MULHERES QUILOMBOLAS:
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM CAIANA DOS CRIoulos ALAGOA
GRANDE/PB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2025**

FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS

**O PROTAGONISMO E AÇÃO COLETIVA DE MULHERES QUILOMBOLAS:
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM CAIANA DOS CRIoulos ALAGOA
GRANDE/PB**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba.

Área de Concentração: Serviço Social, Questão Social e Direitos Sociais.

Linha de pesquisa: Gênero, Diversidade e Relações de Poder.

Orientador (a): Prof.^a. Dra. Patrícia Cristina de Aragão.

CAMPINA GRANDE - PB 202

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D541p Dias, Fiama de Castro Azevedo.
O protagonismo e ação coletiva de mulheres quilombolas: desenvolvimento sustentável em Caiana dos Crioulos Alagoa Grande/PB [manuscrito] / Fiama de Castro Azevedo Dias. - 2025.
172 f. : il. color.

Digitado.
Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.
"Orientação : Prof. Dra. Patricia Cristina de Aragao, Departamento de História - CEDUC".
1. Quilombo. 2. Mulheres negras. 3. Memória. 4. Sustentabilidade. I. Título

21. ed. CDD 361.320 82

FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS

O PROTAGONISMO E AÇÃO COLETIVA DE MULHERES QUILOMBOLAS:
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM CAIANA DOS CRIoulos ALAGOA
GRANDE/PB

Dissertação apresentada à
Coordenação do Curso de Mestrado em
Serviço Social da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestra
em Serviço Social

Linha de Pesquisa: Gênero,
Diversidade e Relações de poder.

Aprovada em: 28/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **João Batista Gonçalves Bueno** (***.623.838-**), em 23/07/2025 11:06:46 com chave 44a0c27667ce11f09c0006adb0a3afce.
- **Patricia Cristina de Aragao** (***.233.064-**), em 30/05/2025 19:44:16 com chave 9d91a8d83da711f0a4ac1a7cc27eb1f9.
- **Roberia Nadia Araujo Nascimento** (***.070.314-**), em 30/05/2025 07:53:26 com chave 50663ec43d4411f0856306adb0a3afce.
- **Ana Lúcia Oliveira Aguiar** (***.703.354-**), em 29/07/2025 16:00:57 com chave 5c597dce6cae11f0857b2618257239a1.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 29/07/2025

Código de Autenticação: 9b7521



Dedico, a todas às mulheres negras, quilombolas, protagonistas de suas próprias histórias. Como Elza, mulher quilombola do Caiana dos Crioulos disse e definiu maravilhosamente bem: “Ser uma mulher quilombola nos dias de hoje é você ser *“teimoseira”*, é você assumir a sua identidade, é você conhecer a sua realidade, a realidade do seu povo, é você contribuir, é você querer contribuir, é você se renovar no sentido de busca de um conhecimento para fortalecer a base, fortalecer a nossa luta em busca dos nossos direitos”.

AGRADECIMENTOS

É chegado o fim de mais uma jornada, que resulta neste trabalho de dissertação. Ao longo desta caminhada, atravessei por diversas incitações, para que fosse possível chegar até aqui, ao término desse tão importante projeto. Durante esses dois anos, foi preciso se manter firme na fé, seja em qual imagem de fé se possuía, mas desistir nunca foi opção. Fraquejar sim! Foram vários episódios de fraqueza, não por ser fraca, mas por não conseguir ser forte o tempo todo, por não conseguir todos os dias, conciliar trabalho, com carga horária semanal de quarenta horas e alguns finais de semana e/ou feriados, se cobrar por estar se dedicando mais ao trabalho, que aos estudos, por não ter tempo de regularmente fazer alguma atividade física, para que o corpo e a mente se mantivessem fortes, de não estar sendo a filha que minha mãe e meu pai (*in memoriam*) gostaria que eu fosse, a irmã que meu irmão tinha em mente, minha cachorrinha Pepita, por não ser uma “mãe de pet” diariamente presente, a tia que sempre sonhei em ser, a neta que vovó Dulce (*in memoriam*) depositava alguma expectativa, a sobrinha que minhas tias projetavam, a madrinha perfeita para minhas afilhadas, a prima mais presente para com elas, que não são apenas primas, mas em sua grande maioria, são irmãs, para minha orientadora, pelas vezes que não me fiz presente nas responsabilidades a mim colocadas e a amiga necessária para os meus tão queridos e importantes amigos (as). Antes de agradecer, peço primeiro minhas desculpas para todos (as) vocês, que por algum motivo não consegui ser o que gostariam que fosse.

Início os agradecimentos, à Deus, à Jesus, me coloco também em profunda gratidão aos Espíritos de luz, por todo auxílio e proteção que me ofertaram, por cada inspiração e por cada demonstração de caminho a seguir.

Em seguida, agradeço às protagonistas da minha pesquisa: As mulheres quilombolas, notadamente do quilombo Caiana dos Crioulos-Alagoa Grande/PB. Que se dispuseram com tanto carinho em contribuir com minha pesquisa, que mostraram a força e a história de grandes e necessárias mulheres, que me ensinaram a importância de aprender e apreender com o que a natureza tem para nos ensinar e nos doar. E como dito por estas grandes mulheres: “*Eu sou muito orgulhosa das ações das mulheres. Porque, se não for as mulheres aqui, não vai nada para frente*”.

Logo, agradeço à minha orientadora, Patrícia Cristina de Aragão, que se fez presente durante todo esse processo, que pacientemente me acalmava e sempre me dizia “Querida, fique tranquila, você vai conseguir, você é capaz” ... “Parabéns querida, estou muito feliz com suas conquistas”. Professora, a senhora não tem ideia do quanto essas palavras acalmavam meu coração, o quanto me ajudou a conseguir seguir e como sou grata pelo presente de tê-la como minha orientadora do Mestrado.

Agradeço a professora e supervisora de estágio, Alcione Ferreira, a quem se fez presente assiduamente e com tamanha bagagem de conhecimento em suas aulas e em sua supervisão, enquanto minha supervisora de estágio e que também se faz presente aqui, nesse trabalho, onde sua dissertação e ensinamentos contribuíram para que obtivesse êxito. Gratidão, Alcione.

Agradeço também aos estimados professores (as) da banca da minha qualificação, que são os mesmos da banca de dissertação, que se dispuseram do seu tempo e seus admiráveis conhecimentos, para prestar orientação e compartilhar saberes. Gratidão!

Dirijo meus agradecimentos também às minhas professoras das disciplinas do Mestrado, pela partilha de saberes, nitidamente precisos e valiosos para nossa formação. Agradeço muito ao Professor Vitor Limeira, que por estar em sua pesquisa de pós doutorado na UEPB, foi tido o prazer de tê-lo como condutor, ao lado da professora Jussara, onde o mesmo se colocava sempre à disposição e compartilhava do seu grande acervo intelectual, o que foi essencial para construção da minha dissertação.

Obrigada à Mayara, a assistente administrativa mais proativa e resolutiva em que já conheci.

Agora, agradeço a minha família, minha rede de apoio, de força, de fé, de segurança e perseverança, que nos momentos em que estava mais difícil, era em vocês que eu pensava e conseguia continuar.

Minha amada mãe, que criou a mim e ao meu irmão, sem a presença do nosso pai e que fez isso com tanto êxito, minha querida mãe Guia, ou Dona Guia, ou tia Guia, ou professora Guia e ainda há quem chame também de Santa Guia. Mainha, enquanto vida eu possuir, nunca será suficiente para agradecer pela honrosa mãe que és obrigada por tudo, obrigada por me oportunizar estudar, obrigada por conseguir esse título, que não é só um papel e nem um nome de

Mestre, mas a senhora me oportunizou adquirir conhecimento e isso é algo que nunca me será tirado. Eu te amo, Mainha.

Meu irmão, meu tão amado irmão Clidinho, Euclides e agora o pai de Celina (que em seguida é a vez dela). Obrigada por você ser você, por sua paciência, por sua preocupação, por seus cuidados, por ser um irmão com formato de pai para mim, por sempre me orientar para o caminho do bem. Eu tenho muito orgulho de ser sua irmã, isso me enche a boca ao falar e os olhos ao lembrar do quanto eu te amo.

Ah! Agora é a vez de Celina, minha princesinha, meu amorzinho, minha primeira sobrinha, tão sonhada, tão esperada. Uma menina linda, doce, meiga, inocente, feliz e com a risada mais linda que eu conheço. Celina, você ainda não tem menção do quanto me dar forças e do quanto titia te ama. Obrigada aos seus pais Euclides e Thaís por sua vida.

Agradeço às minhas tias, Zezé, Lola, Deta, Gracinha, Dida (*in memoriam*), tio Toinho, titio Fan, por ter ensinado aos mais jovens de nossa família a importância da união e de oportunizar seus filhos, meus primos, a estudarem. Incluo Jaelson entre os tios, filho não sanguíneo da minha Vovó Dulce, mas ainda assim filho e que merece a lembrança e a importância.

Entre as tias, quero falar um pouco mais sobre duas delas, uma me cuidou enquanto minha mãe saía para trabalhar, titia Zezé e outra que foi embora, bem jovem para outro Estado, estudar e ser professora, titia Lola. Tia Zezé é outra mãe, com nome de tia, não me recordo de titia Zezé me repreender de forma assustadora, de me dizer um não de maneira que eu não compreendesse, tia Zezé é amor, é paciência, é cuidado, é zelo. Obrigada por tudo, minha titia. A outra é tia Lola, titia Lola é a tia que tenho como uma inspiração, quem não conhece titia Lola, professora (Doutora) Glorinha, escritora Glória Azevedo, precisa conhecer, em todas as formas, ela é maravilhosa e admirável. Titia Lola sempre me incentivou a seguir a carreira acadêmica, me auxiliou na graduação, no mestrado e na vida, estou longe de ser algo parecido com ela, mas sigo tentando. Eu amo vocês, titias.

E agora é a vez das minhas primas, dos meus primos, a cada primo (a), meu grato abraço, por em algum momento da vida de cada um (a) ter sido minha companhia, meu apoio, a mão a que me estendeu. São muitos primos, não consigo citar todos, mas citarei alguns que se fazem presentes na minha vida de uma maneira mais próxima.

Aline, ela tinha que ser a primeira entre as primas, porquê além de ser sempre presente, desde minha infância, nas mais diversas formas que ela tem de expressar o amor, seja em forma de “tapa” na cabeça, de abraço sufocante, de comida (que ninguém faz como ela) e de ajudar ao próximo, assim como fez por mim, na minha Graduação e principalmente no meu Mestrado. Aline foi aluna da professora Patrícia no curso de História e hoje é uma professora exemplo para seus alunos e para quem a conhece. Aline me ajudou a chegar até aqui, sempre precisamos de alguém para ajudar com correções, formatações e afins e nada melhor que tê-la como família e entregar em suas mãos, sem medo, um projeto tão sonhado. Aline você é maravilhosa. Te amo!

Janaína, “prima/tia”, de uma inteligência admirável e do coração ainda mais. Janaína é minha prima, mas que foi criada com vovó Dulce, o que a torna “prima/tia”. Janaína Azevedo, professora, mestre, escritora, que um dos seus livros, o Livro Marias, que ganhou o Prêmio Novos Autores Paraibano em 1999 e foi indicado para o Vestibular da Universidade Estadual da Paraíba no ano de 2012 e mais uma fonte de inspiração para mim e para quem tem o prazer de tê-la por perto, seja presencialmente ou em meio às suas grandiosas obras.

Juliana, minha prima, filha de Titia Zezé, mãe da minha afilhada, Júlia e do super Bento. Juliana é aquela prima que estava comigo desde meu nascimento e estar comigo até hoje. É daquelas primas que briga com o mundo e defende a família, principalmente aos familiares mais próximos. Às vezes preciso me colocar na situação de prima mais velha que ela e “puxar” às orelhas, mas também consigo reconhecer quão grandioso é seu coração. Te amo, mulher!

Luciana, Lu. Minha prima, que mesmo ausente, fisicamente, sempre esteve presente, falamos que Lu e Mayara são às primas que moram “distante”, mas que na oportunidade que temos de estarmos juntas, parece que nunca estivemos separadas. Por bondade do destino, Luciana se mudou para Areia, o que nos deixou ainda mais próximas, morou alguns meses na casa de Mainha e nossa aproximação só aumentou, hoje se tornou minha irmã mais velha, a quem eu posso contar para me incentivar em estudo, em concurso, em vida e sempre que pode me envia algo, elevando minha autoestima. Ela é prima, irmã, amiga e autoajuda. Te amo, Lu! Mayara também!

Simone e Germana, são irmãs, lindas e minhas primas. Cada uma com seu jeito cativante de ser. Simone sempre muito bem apresentável, aparência, fala,

escrita, vida. Na minha graduação moramos juntas, eu, Simone e meu irmão, em um pequeno apartamento, em que dividíamos o mesmo quarto e a vida, éramos muito unidos e para mim, foi a melhor época que morei aqui em Campina, você sempre foi importante e significativa, prima. Tomamos destinos diferentes, você hoje não mora próximo a nós, mas nossos corações e mente nunca esquecerão dos nossos momentos e nem dos nossos laços. Germana vaidosa, com risos soltos, disponível para o que precisarmos, ótima mãe, prima e ser humano. Como diz Mainha “As meninas de Gracinha são muito boas”. Sim, eu concordo! Amo vocês.

Dulce e Thais. Mãe e filha e minhas amadas primas. Cresci com pessoas perguntando se eu era filha de Dulce, quando eu era criança Dulce saiu de Campina para morar em Areia, por determinado tempo e também cuidava de mim, era a fase que ela queria paquerar e me levava para passear e consequentemente conseguia umas “paqueradas”, foi uma boa fase na vida dela, acredito eu (risos), cresci com essa lembrança de perguntarem se Dulce era minha mãe e com Mainha e meu irmão me comparar a ela até hoje, seja na aparência ou no jeito “escandaloso”, como eles falam. Mas se esse jeito é ser como a imagem que tenho de Dulce, eu quero ser comparada a ela sempre! Dulce é sinônimo de força, determinação, coragem, resiliência e sororidade. Ela é a que mais me aplaude, vocês precisam saber disso. Thais, minha tão amada e doce prima. Thais é a menina que teve que se tornar mulher, antes do que pensava, mas assim como todas as mulheres de nossa família, ela foi maravilhosa na sua força enquanto mulher, mãe, estudante, filha e particularmente prima e confidente. Thais, assim como Dulce, sempre se manteve presente na minha vida, seja em todos os modelos dessa vida, sempre me fazendo enxergar minhas pequenas conquistas, que para elas eram grandes. Prima, você é parte de mim e agradeço por isso. Amo vocês.

As minhas primas, Jacinete e suas filhas, que fazem parte da minha vida, de modo familiar e amigo, cada uma teve e têm sua importância em meus dias. Amo vocês.

Safira e Eugênia, citando as duas, pois a união delas se faz por dois motivos, inteligência e luz. Vocês são essas pessoas para mim e para o mundo. Amo vocês.

Serginho, meu amado primo, com tantas virtudes, educado, trata as mulheres e ao mundo maravilhosamente bem, não está pertinho de mim, como éramos na infância/adolescência, mas está presente no mundo virtual e de recordações e

sempre que nos vemos, é como se fosse tudo igual, nada mudou e nunca mudará. Te queria pertinho de mim, para sempre!

Kadu, Ana Paula e Bel, primos (as) que são irmãos, aparentemente bem parecidos, mas cada um(a) com sua singularidade, mas ambos carregam as mesmas austerezas, inteligentes, humanos e singelos.

Filipe, primo e pai da minha afilhada, Serena. Filipe é aquele primo que cresceu com a gente, aparentemente mimado por tia Deta, sua avó (risos). Mas Filipe, apesar de, ou graças a todo o mimo de vó, era e é um bom primo, ele é do tipo que quer demonstrar que não sente, que não se importa, mas Filipe sente e Filipe se importa, ele se importa tanto, que mesmo diante algumas situações desconfortáveis, ele sempre volta para seu lar, para sua família, no fundo Filipe sabe o que realmente importa e têm seus motivos pôr em determinadas situações não querer mostrar que entende o significado de família e do amor dela. Mas ele entende e quando está em seu dia de demonstrar, haja cabeça para ele dar cheiro. Deus foi tão bom que o presenteou com uma linda família, sua filha e sua companheira Simenya, a quem eu me afeiçoei e recebi a confiança de ser madrinha de sua primeira filha, obrigada por esse lindo e importante gesto. Bilô, amo você (s)!

As minhas afilhadas, Júlia e Serena. Que seus caminhos sejam iluminados e cheios de bençãos e proteção. Vocês são parte de mim e sou grata por tê-las. Amo vocês.

Ao meu pai, Euclides (in memoriam) que eu não tive o prazer de conhecê-lo, por seu desencarne antes do meu nascimento, exatamente dois meses antes, mas sou feliz por sempre que falam sobre o meu pai, referem-se a um bom homem, bom esposo e bom pai e é assim que eu o recriei em minha mente e tenho certeza que ele sempre me acompanhou e me acompanha. Que os bons espíritos me cerquem. Pai, cerca-me. Te amo!

Ao meu avô Severino, foram apenas oito anos de convivência nesse plano terrestre, mas que me guardou para sempre uma memória, das idas de vovô me buscar na Escolinha Pica Pau, onde me alfabetizei, eu correndo um pouco mais a frente dele e ele segurando minha bolsa, escrevo revendo a cena e hoje vejo que mesmo em tão pouco tempo de convivência, vovô já se importava com nossos estudos, vovô era um bom homem. Saudades eternas!

A minha rainha, a minha vaidosa Vovó Dulce, não tem como falar em Vovó e não se emocionar, é assim que estou aqui, emocionada, não por estar triste com sua

partida, pois agora entendo que já era o momento, mas, emocionada por ter tido a graça de ser sua neta, por ter convivido com a senhora até o último dia da sua vida, por ter tentado tornar sua velhice e sua ida mais leve, por todas as conversas que tivemos, por todos os cafunés que me deste, por toda sua vaidade, sua vontade de se cuidar, de viver. Vovó me dizia “ah minha filha, eu queria ser jovem agora, nessa época”. Ela sabia a adolescência que lhe tinha sido tomada, por se tornar esposa e mãe tão jovem. Se eu for falar tudo que tenho sobre vovó, daria um livro (quem sabe, né?). Continua me cercando, vovó. Eu te amo, eternamente!

E como nem só de trabalho e estudo se vive a humanidade, vou concluir meus agradecimentos, com os meus, as minhas, amigos e amigas. Agradecer a cada um (a) que se divertiram comigo, como se não houvesse o amanhã, por ter tornado essa caminhada mais leve e mais significativa. Assim como eu fiz com os primos (as), pontuarei alguns amigos (as), não que os demais não sejam importantes, são e são muito, mas sempre existe os que pontuamos, por diversos motivos, preciso pontuar.

Minha amiga Reny, que está comigo há mais de dez anos e que a cada ano, nossa amizade foi se intensificando cada vez mais e entre às várias conversas, desabafos, temos momentos de nos divertimos e sair da rotina. Hoje, Reny é a amizade que eu gosto de preservar, a amizade que todo mundo deveria ter, é a amiga que te impulsiona a crescer, que acolhe e que quando precisa dizer verdades, ela diz, o que a torna além de verdadeira, real e de confiança. Amiga, eu amo você.

Meu amigo Gaudinhas, amigo de anos e que com sua amizade, consegui adotar sua família como minha família também. Gaudêncio é aquele amigo conhecido por sumir e só aparecer quando ele bem entender (risos), mas eu nunca dei brecha para esses sumiços dele, era ele querendo sumir e eu insistindo, hoje em dia ele sempre aparece, seja em forma presencial, ou por meio de “memes” e mensagens dizendo o quanto se orgulha da minha trajetória. Gaudêncio não é o amigo “sumido”, Gaudêncio é o amigo amor e que sempre esteve ao meu lado. Te amo, Gaudas!

Meus amigos da Faros, o primeiro escritório em que trabalhei, Reny e Gaudêncio, estão entre eles, mas tenho também Vanessa, sempre tão amável, carinhosa, presente e que demonstra ficar feliz com minha felicidade, assim como eu fico com a dela. Vanessinha, você é tudo de bom. Amo você! Marlos... ahhh, Marlos! (risos), o amigo mais estressado que eu tenho e ao mesmo tempo o mais defensor,

ninguém invente de mexer com as pessoas que ele gosta, que ele entra na defensiva sim, mesmo que ele diga que não gosta de mim, eu sei que ele me ama (risos). Também amo você, Marlinhos. Minha querida amiga Debóra, Debinha, só de olharmos para ela, tem-se a sensação de paz e aconchego. Você foi e é muito importante na minha vida. Amo você, Debinha. Aline, a amiga do meu irmão e que a Faros me presenteou também, Aline me transferiu conhecimentos na área contábil, que não imagina ser possível adquirir, destinos nos “distanciaram”, mas memórias e consideração, não. Obrigada por tudo! Vocês são do meu coração.

Ao meu patrão de antes (Faros/NTW) e de agora (Campestre), Wagner. Por todas as oportunidades e portas que me abriu. Minha gratidão.

Meu amigo Eudes, amigo de Ensino Médio e amigo até hoje. Eudes é do tipo de amigo que só passa coisas boas, nunca vi Eudes se queixar, Eudes envia mensagens de mulheres super maravilhosas, para que eu me sinta uma, Eudes me envia todo concurso ou seleção que acha que me encaixo, Eudes sai e se diverte comigo e muitas vezes ainda cuida de mim e das minhas amigas (risos). Eudes me faz ver o lado bom das coisas e assim como ele faz isso por mim, eu tento fazer por ele. Ter um Eudes, é ter leveza em sua vida e querer vários Eudes te rodeando. Amigo, obrigada por ser você. I love you!

Minhas amigas Amanda, Germaninha e Thais, amigas de infância, desde meus quatro anos de idade, cada uma com um jeito de ser e presentes como podem ser. Amanda além de minha amiga, é minha companheira de apartamento, sempre falando em doenças (risos), mas sempre torcendo por nós e pedindo a Deus que possamos crescer e realizar nossos sonhos, amo sua amizade e você, minha amiga. Germaninha, nos vemos esporadicamente, seguimos outros caminhos e outras Cidades, mas sempre uma mensagem, uma lembrança e uma amizade viva e duradoura. Amo você, amiga. Thais, além de minha amiga desde essa data que mencionei, é minha amiga de trabalho, trabalhamos juntas e ter uma Thais por perto é saber que você terá risos a todo instante, qualquer frase dita é motivo para ela fazer alguma piada, o que torna os dias e a vida mais leve, sair com Thais é tudo de bom, eu realmente esqueço que existe o amanhã (risos). Amiga, amo você.

Minha amiga Paloma. Paloma também é lá de Areia, mas viemos nos conhecer de fato e firmar uma amizade no nosso trabalho, no Clube Campestre, somos amigas há aproximadamente cinco anos, mas sabe aquela amizade que parece ser de outras vidas? É esse sentimento que tenho. Paloma, como tantos

outros amigos, foi e é uma das minhas condutoras para o caminho acadêmico, como também, mesmo diante a tantas provas que a vida já a colocou, ela só vê o lado bom das coisas e sempre tira um ensinamento ou livramento para o que a fez sofrer. Paloma, obrigada por tudo. Amo você.

Edilson, Edy. Foi um presente que Luciana minha prima, me proporcionou. Edy é axé, é luz, é alegria, é a mistura de todas as boas sensações que alguém pode ter. Estar com Edy é ter a certeza que irá se divertir e que sempre será tratada bem, elogiada e com algo que só ele diz: “Mulher, você é independente, linda, feliz, se jogue”. Edy, que prazer te ter! Eu amo todos os nossos momentos, amo você e seus amigos, que também são meus, Laelson, Carlos, como vocês são maravilhosos. O mundo seria bem melhor com vários de vocês. Obrigada!

Vitória, Mari, Filipe, Graça, Karine, Val, Marquinhos, Nena, Bianca, Juninho e Binho, os amigos(as) do meu dia a dia, do meu trabalho. Trabalho com um mundo de pessoas, mas assim como os primos e os amigos que não são do trabalho, precisei citar alguns. Escolhi esses, porquê cada um deles (as) me incentivaram, me impulsionaram e me ajudaram de alguma maneira e assim fomos construindo uma amizade que vai além do trabalho. Vitória com um mundo paralelo que ela construiu em sua mente, nos diverte e traz dias melhores. Mari, a jovem rebelde, que fala o que quer, mas que demonstra afeto e carinho sempre que possível (ela só tem 18 anos, a jovem rebelde ainda irá embora, (risos)). Filipe, o tempestuoso, mas em cinco minutos volta ao seu estado normal e reconhece que foi além do necessário, Filipe é um menino maravilhoso, que quem conhece sua história entende o porquê de suas tempestades, mas eu o amo e sempre “puxo às orelhas”. Graça, é uma mistura de amiga e mãe cuidadosa, Graça está sempre mostrando que estar à disposição para ajudar, se preocupa, se adocece, manda mensagens diárias, cuida dos animais, algo que acho virtuoso demais em um ser humano. Karine, não trabalhamos mais juntas, mas o tempo em que trabalhamos e até hoje, ela também se coloca à disposição e de uma forma ou de outra ela consegue ser presente. Val, é aquele que é resolutivo, que quer resolver mais os problemas dos outros, que os dele mesmo. Marquinhos, ah, Marquinhos é minha mão direita, vim de Areia “sozinha” e Marquinhos sempre esteve ali, ele é o que me carrega para o trabalho e o que sente falta nos dias que eu, por algum motivo não vou trabalhar. Marquinhos, devo vários brigada a você. Nena, foi a primeira que me acolheu no Campestre e até conseguiu um lugar para eu morar, nunca vou esquecer, Nena também é afeto.

Bianca, Bibi, já nos conhecíamos fora do Campestre, mas a partir daí passamos a nos conhecer mais verdadeiramente, Bianca é alegria, é alto astral, bom coração e mente gigante, ela diz que devemos ter por perto pessoas que nos levem a pensarmos grande, o quanto me ajudou no meu trabalho, não era competência dela, mas ela ainda assim, fazia. Juninho, ele é o que rouba a paciência, mas ao mesmo tempo que ele faz isso, ele é gentil e um bom amigo. Binho, é o conselheiro, Binho carrega uma bagagem de vida, de estudo, de trabalho, que nos proporciona escolhê-lo como conselheiro e além de tudo isso, ele sabe conversar, ele sabe tratar o outro, Binho é civilidade!

A todos os meus outros amigos (as), Helô, que sempre tem uma palavra amiga e reconfortante, se mostra amiga e sempre estar ali. Mana, aquela amiga que o riso contagia a quem está por perto, a gente rir junto de tão gostosa que é sua risada, Carla, uma amiga de longa data, que também tomamos destinos diferentes, mas tenho muito carinho e admiração. Lígia, a amiga, que anima meus dias com vários assuntos aleatórios no grupo do *whatsapp* e que me ajuda a desacelerar a mente. Clesio e Adalberto, meus lindos e agradáveis amigos, Clei é sem condições no modo em que trata às pessoas, um verdadeiro “*Lord*”, Adalberto é o que aparenta ser abusado, mas é um amorzinho. Joalisson, Joba, meu amigo, meu amor, àquele que tenho em minha vida desde a adolescência, que nossa amizade só cresce mesmo diante da distância, Joba também é inspiração. Te amo! Luciano, um amigo que é sinônimo de força e uma força que é admirável. Romário, Guto, Williby, Luquinhas, Débora, Clarinha, Anderson, Adriana, Jacque, obrigada por nossos momentos, sempre tão bons e revigorantes.

Por fim, obrigada a todos (as), que já cruzaram meu caminho, que já estiveram comigo em algum momento dessa jornada e que com certeza me ajudaram a acalmar e continuar.

Tive alguém na minha vida que sempre dizia “Gente precisa de gente”. Obrigada por ter me deixado esse valioso ensinamento.

O que seria de mim, se não fosse vocês?

Sim...Gente precisa de Gente!

RESUMO

O presente estudo apresenta a importância do olhar socioeconômico e cultural das mulheres do Quilombo Caiana, com suas narrativas de resistência, manutenção da agricultura familiar, conhecimento da terra e preservação da biodiversidade local. Ele aponta para o papel da mulher nas comunidades rurais no que se refere à resistência, trabalho, ressignificar a memória e luta histórica/diária por sobrevivência em uma sociedade patriarcal e de economia neoliberal. A pesquisa se fundamenta em autores como, Alberti (2004), Barth (2011), Butto (2003), Heredia (1984), Hirata (2002) e Hollanda (2020), que contribuíram para fundamentar a análise das vivências das mulheres do Quilombo, destacando a intersecção entre gênero, raça e sustentabilidade; e também Shiva (2001), Heleieth Saffioti (2015) e Empinotti e Moreira (2013), que discutem temas como desigualdade de gênero, racismo estrutural e a importância da participação feminina na resistência e transformação social. Também dialoga com o ecofeminismo, que relaciona a sustentabilidade ambiental ao papel das mulheres na preservação do meio ambiente. A metodologia adotada é qualitativa, com a utilização da História Oral de Vida, uma abordagem que permite entender as trajetórias das mulheres quilombolas a partir de suas próprias narrativas. A pesquisa foi realizada no Quilombo Caiana dos Crioulos, situado entre os municípios de Areia e Alagoa Grande, na Paraíba, com a participação de cinco mulheres da comunidade. As entrevistas, que ocorreram ao longo de três meses, foram transcritas e analisadas para identificar padrões comuns nas histórias de vida dessas mulheres. Também foram utilizadas fontes secundárias, como documentos históricos e registros oficiais, para contextualizar as entrevistas. Os resultados da pesquisa revelaram que as mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos desempenham papéis fundamentais na preservação das tradições culturais e na construção de estratégias econômicas sustentáveis.

Palavras-chave: quilombo; mulheres negras; memória; sustentabilidade.

ABSTRACT

This study presents the importance of the socioeconomic and cultural perspective of women from the Caiana quilombo with their narratives of resistance, maintenance of family farming, knowledge of the land and preservation of local biodiversity. It points out the role of women in rural communities, regarding resistance, work, recovery of memory and historical/daily struggle for survival in a patriarchal society with a neoliberal economy. The research is based on authors such as Alberti (2004), Barth (2011), Butto (2003), Heredia (1984), Hirata (2002) and Hollanda (2020), who contributed to supporting the analysis of the experiences of women from Quilombo, highlighting the intersection between gender, race and sustainability; and also Shiva (2001), Heleieth Saffioti (2015) and Empinotti and Moreira (2013), who discuss topics such as gender inequality, structural racism and the importance of female participation in resistance and social transformation. It also dialogues with ecofeminism, which relates environmental sustainability to the role of women in preserving the environment. The methodology adopted is qualitative, using Oral Life History, an approach that allows us to understand the trajectories of quilombola women based on their own narratives. The research was conducted in Quilombo Caiana dos Crioulos, located between the municipalities of Areia and Alagoa Grande, in Paraíba, with the participation of five women from the community. The interviews, which took place over the course of three months, were transcribed and analyzed to identify common patterns in the life stories of these women. Secondary sources, such as historical documents and official records, were also used to contextualize the interviews. The results of the research revealed that the women of Quilombo Caiana dos Crioulos play fundamental roles in the preservation of cultural traditions and in the construction of sustainable economic strategies.

Keywords: quilombo; black women; memory; sustainability.

LISTA DE SIGLAS

ADCT - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

CONAQ - Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais
Quilombolas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MMN – Movimento de Mulheres Negras

OMNC - Organização de Mulheres Negras de Caiana

ONU - Organização das Nações Unidas

PB – Paraíba

SESC - Serviço Social do Comércio

UNINASSAU – Centro Universitário Maurício de Nassau

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande, PB

Figura 2 - Caiana dos Crioulos

Figura 3 - Imagem de Caiana dos Crioulos

Figura 4 – Festividade Semana da Consciência Negra (Coco de Roda)

Figura 5 – Festividade Semana da Consciência Negra (Coco de Roda)

Figura 6 - Festa do Coco

Figura 7 - Festa do Coco

Figura 8 - Festa do Coco

Figura 9 – Mulheres de Caiana

Figura 10 – Restaurante Rita de Chicó

Figura 11 – Trancista

Figura 12 – Casa de farinha

Figura 13 – Casa de farinha (Vista externa)

Figura 14 – Vivenciando Caiana, folder do Instagram

Figura 15 – Vivenciando Caiana, folder do Instagram

Figura 16 – Artesanato de Caiana dos Crioulos

Figura 17 – EMEIF Firmo Santino da Silva

Figura 18 – EMEIF Firmo Santino da Silva

Figura 19 - Mulheres de Caiana

Figura 20 – Mulheres de Caiana

Figura 21 – Folder de edição do projeto Vivenciando Caiana

Figura 22 – Mulheres do Vivenciando Caiana

Figura 23 – Folder da 6ª edição do Vivenciando Caiana

Figura 24 – Folder do *Vivenciando Caiana Consciência Negra*, 2023

Figura 25 – Organização de Mulheres de Caiana dos Crioulos

Figura 26 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão *Caminhos do Frio*, 2019

Figura 27 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão *Caminhos do Frio*, 2024

Figura 28 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão *Consciência Negra*, 2023

Figura 29 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão *Consciência Negra*, 2024

Figura 30 - Projeto *Vivenciando Caiana* recebendo uma turma de alunos do Sesc para um dia de vivência no quilombo

Figura 31 – Folder do Projeto Vivenciando Caiana

Figura 32 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão 2025

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 MOVIMENTO DAS MULHERES QUILOMBOLAS: ECOFEMINISMO E A REAFIRMAÇÃO DAS LUTAS NOS QUILOMBOS	26
2.1 Mulheres em luta e resistência.....	27
2.2 Feminismo negro e a luta das mulheres quilombolas	39
2.3 Quilombos: territórios de viver	42
2.4 Gênero, ecofeminismo e sustentabilidade em reflexões.....	48
2.5 Mulheres negras em movimento: feminismo e lutas nos quilombos.....	55
3 NOS TERRITÓRIOS DE CAIANA DOS CRIoulos: TRAJETÓRIAS	61
3.1 Nos Caminhos de Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande – PB	61
3.2 Nos territórios de Caiana - Os saberes e as práticas de ações sustentáveis na geração de renda na comunidade	75
3.3 Educação e identidade quilombola em Caiana dos Crioulos	85
3.4 Organização comunitária e lutas por direitos em Caiana dos Crioulos	93
4 NARRATIVAS E SABERES ANCESTRAIS: O PROTAGONISMO FEMININO DAS MULHERES DE CAIANA DOS CRIoulos.....	98
4.1 “Ser uma mulher quilombola nos dias de hoje é você ser teimoseira, é você assumir a sua identidade” (Elza Silva, 2024): mulher quilombola, memórias e trajetórias de viver	98
4.2 “Porque coisa tem que saber, elas sabem, nós sabemos fazer, só basta mais coragem”: O Projeto Vivenciando e as ações das mulheres de Caiana	119
4.3 Educação quilombola e o papel das mulheres na formação das novas gerações	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	165
ANEXO	168

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto de pesquisa a análise das mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos, com foco nas questões de gênero, identidade, memória, trajetória de vida e geração de renda. Localizado no agreste paraibano, o Quilombo Caiana é um espaço de preservação histórica e cultural. Compreender como as mulheres dessa comunidade lidam com os desafios sociais, econômicos e culturais que atravessam suas vidas é fundamental para entender a importância de suas ações na preservação da identidade e cultura quilombola, bem como na construção de estratégias de sobrevivência econômica.

A escolha desse tema surgiu a partir da minha trajetória acadêmica, enquanto aluna especial do Mestrado em Serviço Social no segundo semestre de 2022, por meio da disciplina *Gênero, Etnia, Raça, Geração e Diversidade Cultural*. Esse curso despertou meu interesse em aprofundar os estudos sobre as mulheres negras, especialmente as que pertencem a comunidades tradicionais, como os quilombos. Sendo natural de Areia/PB e com o Quilombo Caiana dos Crioulos situado na cidade vizinha, Alagoa Grande/PB, vi a oportunidade de explorar as questões que afetam as mulheres dessa comunidade e suas práticas de geração de renda, com foco em gênero e memória.

O contexto histórico e social do Quilombo Caiana, com suas ricas memórias e práticas culturais, oferece um campo fértil para investigar como as mulheres quilombolas desempenham papéis fundamentais na manutenção de suas tradições e na construção de estratégias econômicas sustentáveis. A sustentabilidade, que permeia a preservação da biodiversidade para consumo e geração de renda é um ponto central neste estudo, que busca viabilizar estratégias de desenvolvimento comunitário, com a contribuição vital das mulheres, preservando o meio ambiente e lutando por políticas públicas que favoreçam a geração de renda no quilombo.

A pesquisa é norteadada pela frase de Vandana Shiva: "A criatividade e a produtividade das mulheres são os fundamentos dos sistemas de conhecimento e das economias, apesar de ser invisíveis aos olhos do patriarcado capitalista" (2001, p.10). A partir dessa perspectiva, podemos perceber como as desigualdades de gênero, classe e raça/etnia se manifestam em diferentes dimensões das organizações sociais, com especial atenção ao sistema patriarcal e racista da

sociedade. Isso impede que muitos grupos, especialmente os quilombolas, exerçam plenamente sua cidadania. Heleieth Saffioti (2015, p.75) argumenta que "a desigualdade não é natural, mas construída pela tradição cultural e pelas estruturas de poder", destacando a forma como a violência de gênero está frequentemente ligada à falocracia.

Além disso, as mulheres quilombolas têm um papel crucial na transformação e ressignificação das questões de gênero, identidade e geração de renda. Essa pesquisa busca, a partir da escuta das narrativas dessas mulheres, discutir suas histórias de luta, conquistas, sofrimentos, alegrias e o orgulho de viver em um quilombo. A visibilidade dessas mulheres é essencial, pois sua participação no processo histórico de luta e resistência é muitas vezes invisibilizada, principalmente no campo dos estudos de planejamento no Brasil, conforme apontado por Empinotti e Moreira (2013, p. 219).

Em termos de conquistas históricas, o Quilombo Caiana dos Crioulos obteve importantes vitórias legais, como o reconhecimento da área da comunidade em 2017 e a entrega do título definitivo de posse em 2024, que possibilita o retorno das terras usadas tradicionalmente para o cultivo. Além disso, a cultura local, rica em manifestações como o Coco de Roda e a Ciranda, continua viva graças à atuação das mulheres quilombolas em eventos culturais.

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar as trajetórias de vida e as estratégias de geração de renda das mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos, compreendendo suas vivências sob as perspectivas de gênero, memória e sustentabilidade na luta por políticas públicas para o desenvolvimento ambiental e social.

Os objetivos específicos foram: narrar as ações coletivas das mulheres quilombolas na busca por políticas sociais e desenvolvimento sustentável, com base no ecofeminismo; inventariar os impactos das políticas sociais implementadas na experiência coletiva da comunidade de Caiana dos Crioulos; e, por fim, identificar como as mulheres de Caiana dos Crioulos organizam e desenvolvem suas atividades de geração de renda na perspectiva do desenvolvimento sustentável e ambiental.

A questão-problema que guia esta pesquisa é: Como as mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos atuam na construção de sua identidade, preservação da

memória e geração de renda diante dos desafios socioeconômicos e culturais que enfrentam?

A pesquisa está ancorada no campo dos estudos de gênero, especialmente ao abordar as experiências das mulheres negras em quilombos e suas práticas de geração de renda. As questões de identidade e memória quilombola também são centrais para o desenvolvimento do estudo, considerando como as mulheres quilombolas se inserem em uma tradição histórica de resistência e preservação cultural.

A partir de um enfoque teórico de gênero e memória, o estudo dialoga com as discussões sobre a mulher negra, refletindo sobre sua condição de marginalização e o potencial transformador de suas práticas. A obra de teóricas como Vandana Shiva e Heleieth Saffioti, que abordam as questões de gênero, classe e raça/etnia, são fundamentais para a análise da desigualdade e das práticas de resistência das mulheres quilombolas.

Além disso, o trabalho se conecta com o ecofeminismo, que defende a sustentabilidade ambiental associada ao papel das mulheres na preservação do meio ambiente. Essa abordagem ajuda a entender como as práticas sustentáveis de geração de renda no Quilombo Caiana são uma forma de resistência e desenvolvimento local.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, utilizando a metodologia de História Oral de Vida. A História Oral é um método eficaz para compreender as trajetórias de vida das mulheres quilombolas, suas lutas, desafios e estratégias de resistência. Segundo Verena Alberti (2004, p. 42), a História Oral permite a reconstrução da história a partir das vozes de quem a viveu, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das vivências e das práticas sociais. Para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com mulheres da comunidade de Caiana dos Crioulos.

Cornejo-Valle e Pichardo (2017, p. 43) abordam o papel das mulheres negras em suas trajetórias de vida, ao afirmar que:

[...] as trajetórias de vida das mulheres negras quilombolas são marcadas por um constante processo de reconstrução de suas histórias, onde elas enfrentam desafios ligados à violência, à pobreza, mas também ao

fortalecimento de suas comunidades e à luta pela preservação de suas tradições.

É apresentada a complexidade das trajetórias de vida das mulheres negras, especialmente das quilombolas, que enfrentam uma realidade de múltiplas opressões e, ao mesmo tempo, se tornam figuras centrais na resistência e na reconstrução de suas próprias histórias. A ideia de que suas vidas são um "constante processo de reconstrução" é extremamente poderosa, pois revela não apenas a adversidade que essas mulheres enfrentam, mas também sua capacidade de se reinventar, resistir e fortalecer suas comunidades.

Sobre a tradição oral, Jan Vansina, mostra, sobre a tradição oral africana:

[...] uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas, também, como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chaves, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (1982, p. 20).

Por esta pesquisa tratar de narrativas de vida, de preservação identitária e territorial, a História Oral é de grande importância para o delinear dos caminhos que foram percorridos para sua efetivação. A escolha pela comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos para esta pesquisa se verifica por buscarmos mostrar a realidade vivida pelas mulheres, ouvir seus relatos e saber da importância de seus trabalhos e de suas vozes de resistência, preservação cultural e conscientização acerca da importância de seus trabalhos como fonte de sustentabilidade da família e da luta e conquistas das políticas públicas para o quilombo.

As colaboradoras da pesquisa foram selecionadas com base em sua atuação na comunidade e em suas experiências relacionadas à geração de renda e preservação da memória quilombola. As entrevistas, realizadas ao longo de três meses, envolveram cinco mulheres da Associação de Mulheres do Quilombo, que tem aproximadamente 45 participantes; as mulheres envolvidas foram: Elza Silva Ursulino, 52 anos, agente comunitária de saúde, que reside no Quilombo há cinquenta anos; Jocelma da Silva, 33 anos, agricultora que reside no Quilombo há vinte e um anos; Josefa Maria da Silva, 46 anos, agricultora que reside no Quilombo desde o seu nascimento; Marinela do Nascimento Santos, 40 anos, agricultora, que

também reside no Quilombo desde que nasceu; e Maria Nazaré Pereira dos Santos, 52 anos, agricultora que reside em Caiana dos Crioulos há cinquenta e dois anos. A escolha dessas colaboradoras foi feita levando em consideração o alinhamento de suas trajetórias e a atuação na comunidade, o que permitiu obter uma visão representativa da realidade do Quilombo.

Cada entrevista foi transcrita e analisada de forma sistemática, buscando identificar padrões e narrativas comuns entre as participantes. A análise também incluiu fontes secundárias, como documentos históricos e registros oficiais, que ajudaram a contextualizar as entrevistas e fornecer uma compreensão mais ampla da realidade vivida pelas mulheres de Caiana dos Crioulos.

O trabalho está organizado em três capítulos:

O capítulo *Movimento das mulheres quilombolas: ecofeminismo e a reafirmação das lutas nos quilombos*, apresenta o movimento das mulheres quilombolas, suas ações coletivas e a busca por políticas públicas relacionadas à geração de renda e preservação da identidade do quilombo.

O capítulo *Nos territórios de Caiana dos Crioulos: Trajetórias*, aborda o Quilombo Caiana dos Crioulos, destacando suas memórias e práticas culturais, com ênfase na importância da atuação das mulheres.

Por fim, o capítulo *Narrativas e saberes ancestrais: o protagonismo feminino das mulheres de Caiana dos Crioulos*, é dedicado à análise das trajetórias de vida das mulheres de Caiana dos Crioulos a partir das entrevistas realizadas, explorando suas experiências e desafios enfrentados.

Ao dar visibilidade às mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos, esta pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla da luta das mulheres negras, evidenciando suas estratégias de sobrevivência e resistência em um contexto de constante desafio e transformação. A pesquisa também oferece contribuições diretas à comunidade ao fortalecer sua identidade e ampliar o entendimento sobre os mecanismos de resistência e sustentabilidade social local.

2 MOVIMENTO DAS MULHERES QUILOMBOLAS: ECOFEMINISMO E A REAFIRMAÇÃO DAS LUTAS NOS QUILOMBOS

Este capítulo busca destacar a importância da mulher quilombola como protagonista em sua luta por ações coletivas que promovam o desenvolvimento sustentável nos territórios de pertença. Nosso objetivo é evidenciar como essas mulheres, ao enfrentarem os desafios históricos e culturais impostos pelo racismo e pelo patriarcado, exercem um papel central na construção de estratégias de resistência e preservação dos modos de vida quilombolas.

Além disso, analisaremos como os papéis culturais atribuídos ao gênero resultam em uma desigual divisão do trabalho entre homens e mulheres quilombolas, perpetuando a negação do direito à terra às mulheres e limitando sua atuação a determinados espaços sociais. Nesse contexto, enfatizaremos como essas desigualdades impactam a autonomia feminina, mas também como, por meio da coletividade, as mulheres vêm rompendo com essas barreiras e reivindicando seu lugar enquanto agentes de transformação e sustentabilidade em suas comunidades.

2.1 Mulheres em luta e resistência

Um ponto importante da luta das mulheres nos quilombos gira em torno da sustentabilidade utilizada na preservação da biodiversidade local. Ao utilizarem práticas sustentáveis tanto para o consumo quanto para a geração de renda, elas promovem estratégias que integram a preservação do meio ambiente à melhoria da qualidade de vida. Isso inclui atividades como a administração sustentável de recursos naturais, o cultivo agroecológico, o uso de plantas medicinais, o artesanato com materiais locais e a venda de produtos orgânicos e tradicionais, preservando assim o meio ambiente, tudo isso conectado à luta por políticas sociais e geração de renda para o quilombo. Nesse contexto, podemos considerar a afirmação de Vandana Shiva (2001) ao afirmar que “A criatividade e a produtividade das mulheres são os fundamentos dos sistemas de conhecimento e das economias, apesar de ser invisíveis aos olhos do patriarcado capitalista” (p.10).

Outro ponto relevante é que muitas dessas mulheres têm liderado ações de resistência contra o avanço de práticas que ameaçam seus territórios, como o desmatamento, a mineração ou a monocultura. Assim, elas não só preservam os recursos naturais, mas também lutam pela permanência das suas comunidades, fortalecendo o vínculo entre território e identidade cultural.

A partir da afirmação supracitada, de Vandana Shiva, percebe-se que as desigualdades de gênero, classe e raça/etnia podem ser sentidas e observadas em diferentes panoramas das organizações sociais. O sistema patriarcal e racista da sociedade na qual estamos inseridos(as) substancia estas diferenças e separam as pessoas do exercício pleno de sua cidadania, notadamente povos quilombolas/negros. Estas realidades, construídas historicamente, impossibilitam o desenvolvimento das potencialidades de homens e mulheres em suas relações. Como afirma Heleieth Saffioti (2015):

A desigualdade, longe de ser natural, é posta pela tradição cultural, pelas estruturas de poder, pelos agentes envolvidos na trama de relações sociais. Nas relações entre homens e entre mulheres, a desigualdade de gênero não é dada, mas pode ser construída, e o é, com frequência [...]. Todavia, o vetor mais amplamente difundido da violência de gênero caminha no sentido homem contra mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura. (p.75).

Saffioti (2015) destaca que, no contexto das relações de gênero, a desigualdade não é algo natural, mas sim, resultado de processos históricos, culturais e sociais moldados por relações de poder assimétricas, uma vez que o sistema que privilegia o masculino como padrão, muitas vezes, invisibiliza as vozes, os corpos das mulheres, o que as subordinam a hegemonia masculina.

As desigualdades de gênero, classe e raça/etnia fortalecem estereótipos impostos por uma sociedade que não aceita a mestiçagem, utilizando-se de práticas discriminatórias e preconceitos que vem sendo difundidos entre as gerações. Os estudos de gênero foram e vêm sendo indispensáveis para difundir a participação das mulheres ao longo do processo histórico. Estas/es atrizes/atores vêm exteriorizando novos conteúdos que ajudam a superar a invisibilidade feminina e também as questões de gênero na construção da história oficial.

Nessa perspectiva, as mulheres quilombolas têm um papel fundamental nestas transformações e ressignificações, vê-se nessas mulheres ancestralidades que as formam em lugar de pertencimento e exemplos a serem seguidos. No decorrer da pesquisa buscamos, a partir da escuta de narrativas das mulheres quilombolas de Caiana dos Crioulos, discutir aspectos que perpassam suas histórias de lutas, sofrimentos, conquistas, alegrias e orgulho de sua condição de mulher, líder e moradora de quilombo.

De acordo com Empinotti e Moreira (2013, p. 219), “a discussão sobre o protagonismo das mulheres nas lutas sociais” e a importância da crítica feminista podem ser notadas em algumas publicações, porém, de forma pontual, todavia, há ainda uma invisibilização dessas contribuições no campo de estudos do planejamento no Brasil. É importante discutir os diferentes papéis culturais atribuídos ao gênero que determinam, de modo desigual, a divisão do trabalho entre homens e mulheres quilombolas, consolidando assim a negação do direito à terra às mulheres camponesas e condicionando em que espaços elas devem ou podem atuar.

Tal reflexão se mostrou necessária por entender que essa prática de desigual divisão do trabalho está posta desde o Brasil Colônia, quando para as mulheres negras alcançarem a sua dignidade deveriam fugir. Tão logo, dentre as incumbências femininas das mulheres brancas, cabia respeitar o regime absolutamente patriarcal, ou seja, as mulheres deveriam casar-se, além de tornarem-se submissas e cuidarem da casa, realizando os afazeres domésticos, além de serem mães e educarem os próprios filhos.

Já o marido, nessa época, era o senhor de casa e detentor de todas as decisões, uma vez que somente os homens possuíam o direito de desenvolver os conhecimentos essenciais para a cidadania, como ler e escrever. Essas relações remetem a um processo social que se origina e se consolida no espaço e tempo: a produção social do que é ser mulher e do que é ser homem em sociedade. É a forma histórica atual que nos preocupa: a sociedade capitalista de início de século XXI, classista, mercadológica, patriarcal e contraditória, em sua expressão na comunidade quilombola estudada.

Judith Plant (1993) também traz consigo a inquietação sobre a luta das mulheres quilombolas pelo reconhecimento de seus territórios ancestrais, trazendo como base a existência continuada, como povos quilombolas, em acessão com seus

próprios padrões. Este é um ponto de partida para discussão acerca do feminismo decolonial que se manifesta no contexto da América Latina, dando visibilidade às suas representações subalternas, às mulheres latino-americanas, afrodescendentes, mestiças e indígenas, e neste cenário se enquadram também as mulheres quilombolas. De acordo com Hollanda (2020, p. 17), é de suma importância o fato de que é justamente nessa época que surge, na América Latina, a emergência do chamado feminismo decolonial, que segundo a autora:

Tem como marca a articulação de elementos fundamentais para se compreender as sociedades de classes que emergem da estrutura colonial e que se desenvolvem nos tipos de capitalismo dependentes latino-americanos, como as questões raciais, de gênero e de sexualidade e das classes sociais.

Como afirma Hollanda (2020, p. 17) “O feminismo decolonial denuncia a imbricação estrutural das noções de heteronormatividade, classificação racial e sistema capitalista”. O feminismo decolonial enfatiza que a luta feminina é interseccional, portanto, uma luta contra todas as formas de opressão, de gênero, raça e classe. Para Hirata e Kergoat (2007), a divisão social do trabalho decorrente da relação social é determinada histórica e social e se fundamenta na ideia de que naturalmente o homem é qualificado para exercer determinadas funções ligadas à esfera produtiva, e a mulher é destinada a desempenhar atividades no espaço reprodutivo. Todavia, cabe também ao homem a apropriação de funções com maior valor social.

Consoante as autoras supracitadas, a divisão sexual do trabalho está organizada segundo os princípios da “separação sustentada na distinção de que há trabalho de homem e trabalho de mulher e no princípio hierárquico que atribui valores desiguais para o trabalho masculino e para o trabalho feminino” (Hirata; Kergoat, 2007, p. 559).

Hirata e Kergoat (2007, p. 559) compreendem que esses princípios:

[...] são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie.

Como já foi especificado anteriormente, a divisão sexual do trabalho foi não apenas consolidada, mas também submetida ao capitalismo. Segundo Saffioti (1976, p. 89):

Essa divisão emergiu numa conjuntura histórica em que o trabalho das mulheres já se encontrava em posição social de subordinação e desvalorização. Essa situação foi utilizada pelo capital tanto para pagar salários mais baixos, quanto para submeter as mulheres a intensas jornadas de trabalho. Por outro lado, como a responsabilidade do cuidado da casa e dos filhos já havia sido relegada às mulheres, o trabalho no espaço doméstico foi sendo transformado na principal atividade feminina, corroborada por uma sociedade que só admitia o afastamento da mulher do lar em casos extremos.

Em muitas ocasiões, o que vai tornar peculiar as relações de gênero, no que diz respeito à divisão do trabalho na agricultura camponesa, “não são os espaços de atuação, mas o valor e/ou peso desigual atribuído ao trabalho da mulher em relação ao exercido pelo homem” (Saffioti, 1976, p. 152). Tanto um quanto o outro podem atuar na esfera doméstica, pensada como aquele espaço onde se encontra a casa (construção física) e o quintal, quanto produtivo onde são cultivados os produtos com maior valor econômico e valor de troca. Todavia, quem exerce o trabalho e o tipo de atividade determina qual terá o valor social maior. Podemos perceber que geralmente são de responsabilidade das mulheres as tarefas da esfera doméstica, que são consideradas não trabalho, como cuidar dos filhos, lavar, cozinhar. De acordo com Monteiro (2013, p. 108):

Os homens cuidam do pomar limpando, podando, do concerto da casa, de uma cerca, de uma ferramenta de trabalho. A nomeação aqui é trabalho e para ele considera-se, que se demanda maior força física. Ambos, portanto, atuam no espaço doméstico considerado nesta análise, porém desempenhando tarefas diferenciadas com valores sociais desiguais. O mesmo ocorre quando nos referimos ao roçado. Homens e mulheres trabalham no roçado, é assim, por conseguinte um espaço de atuação masculina e feminina, mas, todavia participam, de forma menos ou mais intensa, de acordo com os afazeres diferenciados com pesos distintos.

A desigualdade de gênero presente na racionalidade e nas sociedades camponesas torna evidente um posicionamento crítico diante das perspectivas que “homogeneízam o/a camponês, caracterizando-o a partir de uma ideia universalizante. Partindo desse pressuposto, o campesinato também é enxergado sem sexo, sem etnia, mediante uma ótica eminentemente masculina e branca”

(Monteiro, 2013, p.110), ideia essa que perpassa o imaginário social, os órgãos do governo e, por conseguinte, as políticas públicas. É válido refletir que a desigualdade de gênero passou a existir, a partir da ótica do não olhar para o que de fato o gênero se define.

Primeiro, porque se trata de um território praticamente inexplorado, já que o gênero foi percebido como uma categoria antitética aos negócios sérios da verdadeira política, foi utilizado literalmente ou analogicamente pela teoria política, para justificar ou criticar o reinado de monarcas ou para expressar relações entre governantes e governados (Scott, 1989, p. 24).

O gênero vem sendo um território praticamente inexplorado, em relação a reconhecer tal como uma categoria representativa, pois, para a história política, sempre houve resistência em externar questões sobre mulheres e gênero, por esse se caracterizar como uma categoria antiética. As lentes e exposições de Scott (1989) nos proporcionaram suporte teórico justificável para que movimentos feministas se organizassem diante de uma perspectiva histórica que possui instrumental mais adequado e satisfatório para a análise das construções de significados e relações de poder.

Para Scott (1989), o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. No decorrer de sua trajetória o movimento feminista vem propondo, em suas pautas, temas que retratam a diversidade da classe trabalhadora, atuando no campo da “dominação das subjetividades” (Gurgel, 2010, p. 84). A autora ainda reafirma:

O fato de o movimento feminista dar visibilidade a temas como o questionamento da sexualidade heteronormativa, a reivindicação do direito ao aborto, a defesa da maternidade como opção, a denúncia da jornada intensiva de trabalho das mulheres e da educação sexista como um dos estruturantes da violência contra a mulher, enfim, temas que publicizam as relações do mundo doméstico (2010, p.84).

Esse fato fez ocasionar também uma maior resistência dos partidos socialistas à luta específica das mulheres, “considerando que estas fragmentariam a unidade de classe, entre os trabalhadores e trabalhadoras” (Gurgel, 2010, p.84). Na história do pensamento feminista, a relação com outras diferenciações tem sido preocupante, uma vez que algumas correntes consideravam que “dar peso a elas

enfraquecia uma tese política relevante: a identidade entre mulheres” (Schucman, 2012, p. 41).

Os escritos críticos de finais da década de 1980 reconheceram estas diferenças. Entretanto, esse reconhecimento nem sempre se expressou no plano analítico e, quando ele existiu, muitas vezes privilegiou uma única diferença articulada a gênero. Consoante Pacheco (2008, p. 03):

Só na década de 1980 as mulheres negras aparecem como sujeitos de pesquisa, contexto do qual o feminismo negro norte-americano e o movimento negro evidenciavam. Estas mulheres enfatizaram a necessidade de pensar as diferentes experiências históricas das mulheres, inclusive o próprio feminismo “branco de classe média e heterossexual” que sustentava a tese de uma experiência única e universal feminina. Esta afirmação não considerava o impacto e a articulação das categorias gênero, raça e classe social e outras na constituição histórica das mulheres em contextos específicos e diferenciados. Nesse período que se constata a ausência da temática: gênero e raça no campo dos estudos feministas e das relações raciais é quando surgem os primeiros trabalhos científicos contemporâneos sobre a mulher negra brasileira.

De acordo com Barbosa (2010), foram as feministas norte-americanas as pioneiras no que diz respeito a expor as evidências acerca da intersecção das categorias de raça e gênero como uma característica que traça a distinção nas “experiências de mulheres, também a crítica ao feminismo enquanto teoria e prática, sobretudo a dificuldade em reconhecer a diversidade interna ao movimento, em particular a questão racial” (Barbosa, 2010, p. 01), características que também são demonstradas pelas feministas negras brasileiras. Para Barbosa (2010, p. 01):

Elas incorporaram o tema das diferenças em suas abordagens, ocupando-se em discutir a presença do racismo, e também o entrecruzamento entre gênero, raça e classe como elemento representativo das diferenças nas experiências das mulheres. Contribuíram para aprofundar a análise e a compreensão da marginalização social, econômica e política das mulheres negras nos EUA.

Para Hooks (1995, p.13), feminista negra norte-americana,

É essencial para a continuidade da luta feminista que se reconheça o ponto de vista das mulheres negras, e que o feminismo negro atue a partir das lutas em que raça, classe e gênero apresentam-se como fatores simultâneos de opressão. E, dessa perspectiva criticar a hegemonia racista, sexista e classista para que seja possível prever e criar uma contra hegemonia. Segundo esta autora as mulheres negras constituem uma

situação particular, elas não foram socializadas para assumir o papel de explorador/agressor, não lhe foi permitido ter institucionalizado “outros” que se pode explorar ou oprimir.

A autora supracitada mostra que as mulheres brancas e os homens negros podem ter as duas coisas, eles(as) podem agir como opressor(a) ou ser oprimido(a). Neste contexto, Hooks (1995), esclarece valiosamente bem os respectivos lados:

Os homens negros podem ser vítimas do racismo, sexismo, mas lhe é permitido agir como exploradores e opressores da mulher. As mulheres brancas podem ser vítimas do sexismo, mas o racismo lhe permite agir como exploradores e opressores do povo negro (p. 13).

Com base neste cenário, o feminismo negro “propõe a conexão entre teoria e prática para entender como certas realidades e sistemas classificatórios de mundo são modificados e repensados nas várias experiências das mulheres” (Piscitelli, 2008, p. 06). Percebe-se que mulheres brancas e homens negros podem agir como opressores ou serem oprimidos. Os homens negros podem ser vítimas do racismo, sexismo, mas lhe é permitido agir como exploradores e opressores da mulher. As mulheres brancas podem ser vítimas do sexismo, mas o racismo lhe permite agir como exploradores e opressores do povo negro. De acordo com Carneiro (2001, p. 05) é possível afirmar que:

Um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades.

A desigualdade de gênero presente na racionalidade e nas sociedades camponesas torna evidente um posicionamento crítico diante das perspectivas que “homogeneízam o/a camponês, caracterizando-o a partir de uma ideia universalizante. Partindo desse pressuposto, o campesinato também é enxergado sem sexo, sem etnia, mediante uma ótica eminentemente masculina e branca” (Monteiro, 2013, p. 108). Essa ideia perpassa o imaginário social, os órgãos do governo e, por conseguinte, as políticas públicas.

De modo geral na agricultura camponesa o trabalho da mulher é tido como ajuda, mesmo quando trabalham com a mesma intensidade e se efetivam nas

mesmas tarefas que os homens. É tarefa masculina exercer o trabalho considerado pesado que requer maior força física, à mulher compete tanto realizar atividades de caráter mais rotineiro, associadas à casa, quanto tarefas consideradas mais leves na produção agrícola, segundo Brumer (2004).

Essa classificação em trabalho leve ou pesado, para Paulilo (1982), está fundamentada não na intensidade ou característica da atividade desempenhada, mas na posição ocupada na hierarquia familiar. Assim, a tarefa é leve ou pesada em função de quem a realiza, será sempre pesada quando é desempenhada pelo homem e leve quando é a mulher que realiza, não importa quanto esforço físico a mulher ponha para a sua efetivação.

Historicamente falando, o privado (a casa) como sinônimo de doméstico é o espaço por excelência ocupado pelas mulheres camponesas, por outro lado, o homem atua nos espaços públicos (roçado e o mundo externo ao estabelecimento familiar) (Monteiro, 2013), fundamentado na constituição social e cultural do ser homem e do ser mulher, nas representações que se fazem do masculino e do feminino.

Destarte, a divisão sexual do trabalho permeia o imaginário social segundo uma concepção naturalizada, onde cabe ao homem a responsabilidade de provedor e à mulher as tarefas necessárias à funcionalidade do espaço doméstico, relegando à mulher a reclusão a casa. Portanto, elas são privadas da participação nas tomadas de decisões que digam respeito ao estabelecimento familiar e às comunidades onde vivem.

De acordo com Monteiro (2013, p. 114), no que se refere à realidade das mulheres quilombolas, percebe-se que essas mulheres “não atuam somente no espaço doméstico (privado), elas transitam da casa ao roçado e vice e versa”. Ainda segundo Monteiro (2013):

Quando focamos as comunidades quilombolas na Paraíba, que se configuram territorialmente combinando espaços de uso familiar com os de uso coletivo, ou os locais de extração de lenha, todos eles no espaço identificado como “público”, observamos que, majoritariamente são espaços onde as mulheres desenvolvem tarefas e trabalhos para a reprodução das famílias. Esse fato desmistifica a identificação mecânica do espaço produtivo- público como um espaço masculino e o espaço doméstico-privado como feminino, para as territorialidades camponesas e quilombolas (p. 114).

Ainda de acordo com a autora, não é possível afirmar, portanto, que as mulheres quilombolas estão eminentemente relegadas a um espaço privado entendido como a casa. Sobretudo, para Tedeschi (2010) “existem as muitas barreiras e dificuldades estabelecidas por uma hierarquia social sustentada na sociedade patriarcal” (p.102); estas submetem as mulheres camponesas a relações de poder desiguais que as impedem de se expressarem, de se fazerem ouvir e participarem da tomada de decisão na vida cotidiana nas propriedades ou áreas familiares, assim como decidirem sobre os rumos, que a comunidade, o território onde vivem, podem tomar. Monteiro (2013, p. 115) durante a sua pesquisa percebeu:

Durante nossos trabalhos de campo constatamos que essa condição subalterna das mulheres quilombolas está mudando para algumas delas. Existe uma clara liderança feminina em grande parte das comunidades, que mostra como essas mulheres ocupam cargos de poder e de decisão nos territórios nos quais atuam. Se as mulheres lideranças quilombolas rompem com o padrão dos estudos que apresentam as mulheres camponesas excluídas das tomadas de decisões mais importantes, que digam respeito ao futuro do lugar onde vivem, isso não significa dizer que não estejam submetidas a outras formas de opressão/dominação e/ou subordinação.

É justamente no protagonismo destas mulheres como lideranças comunitárias que é possível vislumbrar os espaços de superação dessas mulheres, as esferas onde exercem poder e onde tomam decisões, mesmo considerando que em muitos desses espaços se reforçam os tradicionais papéis de gênero. A história das mulheres quilombolas como lideranças na Paraíba se iniciou tanto dentro das associações comunitárias, quanto fora delas. Ser liderança e estar liderança nestas comunidades não significa necessariamente exercer um cargo dentro do quadro administrativo das associações. De acordo com Monteiro (2013, p. 117):

Ser liderança comunitária significa muito mais que administrar as associações, significa estar disposta a lutar por terra, por saúde, por educação, por melhores condições de vida, direitos que lhes foram negados historicamente. As mulheres lideranças carregam consigo uma história constante de lutas cotidianas que permeiam e permearam as suas vidas, uma história de enfrentamento aos preconceitos sofridos, aos poderes públicos instituídos, aos fazendeiros e ao Estado.

Essas mulheres estão se politizando e compreendendo que não basta o Estado reconhecer uma dívida histórica de reparação com o povo negro que vive no

campo, hoje, é preciso mais, é preciso garantir terra e condições de permanecer vivendo e trabalhando nele (Monteiro, 2013). Elas entenderam que para garantir o território tradicionalmente ocupado é preciso lutar, uma vez que a política de acesso à terra às comunidades negras rurais, protagonizada pelo Estado, se torna cada vez mais ineficiente.

As mulheres compreenderam também, as múltiplas questões étnico-raciais, que perpassam as desigualdades sociais na sociedade brasileira. Há que se lutar por terra, por melhores condições de vida, contra a exploração do trabalho e a concentração fundiária, mas também contra uma sociedade racista que se reveste e se camufla em uma suposta democracia racial (Monteiro, 2013).

São estas as mulheres que vêm se articulando atualmente em grupos produtivos voltados principalmente “para a confecção de artesanato, corte e costura, produção de sabão e cultivo de horta” (Monteiro, 2013, p. 117). Estas ações são constituídas eminentemente por mulheres, ocasionalmente há a participação masculina, mas são elas que estão à frente, organizando esses grupos. São iniciativas que vêm se fortalecendo, apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para consolidar os grupos e comercializar o que produzem.

O que essas resistências têm a nos mostrar é que devemos estar atentos para aprender a valorizá-las em um cenário contemporâneo no qual o capital se lança de forma cada vez mais violenta sobre os territórios, recursos, lugares de uso comuns e formas de existências de populações quilombolas, indígenas e ribeirinhas. Como cita Federici (2017, p. 382), é urgente que repensemos a maneira como “[...] os conquistadores se esforçaram para dominar aqueles a quem colonizavam, e repensar também o que permitiu aos povos originários subverter este plano e, contra a destruição de seu universo social e físico, criar uma nova realidade histórica”. No Brasil, é preciso olhar e aprender com a história e a memória dos quilombos.

Os quilombos foram, no período colonial, uma oposição real, uma resistência efetiva (Moura, 1993) à forma de produzir riqueza a partir da aniquilação do outro: os negros e indígenas escravizados. Como organizações contra coloniais (Santos, 2018) eles representaram muito mais que o esvaziamento da força de trabalho necessária à produção: traziam consigo formas culturais, políticas, sociais e produtivas que eram distintas do que o modelo colonial impunha (Fiabani, 2012), reafirmando, em outras terras, saberes que os ligavam ao continente africano. No

período de escravidão continuaram resistindo de maneira sólida, mulheres e homens negros partiam para onde imaginassem ser “seguro” e a partir disto foi formado um campesinato negro e resistente.

Os quilombos, em sua sobrevivência produtiva e cultural, demonstravam que era possível uma produção e uma reprodução da vida distinta da forma predatória imposta pelo modelo colonial de *plantation* (Moura, 1993), e “tais características passam a representar, no presente, uma perspectiva de futuro com liberdade, de decidir não apenas sobre o processo produtivo, mas também sobre seu destino” (Almeida, 2016, p.10).

Como afirma Dealdina (2020, p. 26), a existência dos quilombos “representa um projeto de partilha, de viver em comunidade, de construção do território enquanto coletivo, compartilhando o acesso a bens, em especial à terra”. Fiabani (2017, p. 13-14) indica que foi no quilombo que a mulher negra escravizada “recuperou a liberdade sobre sua força de trabalho e passou a usufruí-la em benefício próprio ou do grupo”, destacando-se: “[...] no trabalho nas roças, na criação dos filhos, viveu sua religiosidade, utilizou seus conhecimentos de medicina natural, liderou revoltas, exerceu funções no comando do grupo. A mulher quilombola recuperou sua dignidade no mocambo”.

Sobre a importância das mulheres na constituição dos quilombos no período colonial, Gomes (2015, p. 39) indica que:

Certos mitos na memória coletiva de alguns remanescentes revelam a função das mulheres. Por exemplo, cabia a elas esconder o máximo de grãos na cabeça — entre seus penteados — e escapar para as matas, o mais longe possível. A economia de um quilombo atacado era reconstruída exatamente a partir desses grãos. Outras indicações sugerem sua função religiosa de proteção dos quilombos ao entrarem em transe para adivinhar o momento dos ataques punitivos.

Dessa forma:

As mulheres quilombolas atuam como um acervo da memória coletiva; com elas estão registradas as estratégias de lutas e resistências nos quilombos, os conhecimentos guardados e repassados de geração em geração. São diferentes formas de produção de conhecimento, através de uma diversidade de saberes, incluindo conhecimentos tradicionais e científicos. Dentre os papéis que desempenham está o de guardiães da pluralidade de conhecimentos que emergem e são praticados nos territórios quilombolas (Silva, 2022, p. 54).

Nos quilombos, foram/são as mulheres que mais sofreram os impactos da violência, a qualquer modo. Segundo a ONU elas “[...] são as principais impactadas pelos conflitos territoriais, pelos empreendimentos desenvolvimentistas e pela supressão de direitos, o que compromete significativamente o desenvolvimento social e econômico dessas mulheres” (Organização das Nações Unidas, 2017).

São estas mulheres que resistem cotidianamente e dão corpo e alma contra a luta diária para sua sobrevivência e dos seus, pois os quilombos foram e têm sido alvos da expropriação territorial e tomada dos seus modos de vida, que perduram por mais de cem anos, através de seus conhecimentos e saberes. Selma dos Santos Dealdina (2020, p. 27), intelectual quilombola, destaca que:

Os territórios quilombolas vêm resistindo ao longo dos anos a um quadro de total abandono no que diz respeito a políticas públicas, sem acesso a saneamento básico, direito de moradia adequada, políticas de educação escolar quilombola ou saúde. Agravam essa situação os permanentes conflitos em defesa dos territórios, o que tem submetido a população quilombola à violência psicológica, moral e física, como a iminência de despejos ou remoções forçadas, a prática de racismo ambiental, restrições ao direito de ir e vir, ameaças à vida e assassinatos, só para citar alguns exemplos.

E para o enfrentamento a essa violência, estas mulheres encontram-se em posição de tenência, utilizando de sua força, principalmente a força de trabalho em troca de baixa remuneração, para resistência diante das várias expressões de violência que lhes são postas. Para a autora, a violência não é apenas física, mas também simbólica e psicológica, manifestando-se através de uma constante negação dos direitos e da dignidade das comunidades quilombolas. As mulheres, muitas vezes, assumem a liderança na luta pela preservação de seus territórios, pela educação de suas crianças e pela construção de alternativas para o enfrentamento da pobreza e da exclusão. Para Dealdina (2020, p. 37),

Nós, mulheres quilombolas, temos um papel de extrema importância nas lutas de resistência, pela manutenção e regularização dos nossos territórios. No quilombo ou na cidade, temos sido as guardiãs das tradições da cultura afro-brasileira, do sagrado, do cuidado, das filhas e filhos, das e dos grãos, da roça, das sementes, da preservação de recursos naturais fundamentais para a garantia dos direitos.

Para a autora, o papel das mulheres quilombolas, no tocante à resistência, ao enfrentamento às dificuldades diárias de viver em territórios historicamente marginalizados, é fundamental. São essas mulheres responsáveis por preservar as tradições, saberes e culturas que garantem a continuidade e a identidade dos quilombos. Em suas palavras, essas mulheres representam a força e a persistência que desafiam os múltiplos desafios impostos pela violência estrutural, pela expropriação territorial e pela invisibilidade das políticas públicas.

2.2 Feminismo negro e a luta das mulheres quilombolas

O feminismo negro tem desempenhado um papel fundamental na luta das mulheres negras por reconhecimento, identidade e direitos. Autoras como Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro são expoentes dessa vertente feminista que busca evidenciar as especificidades das opressões vividas por mulheres negras em uma sociedade estruturada pelo racismo e pelo patriarcado (Gonzalez, 1988; Carneiro, 2001). Neste contexto, a luta das mulheres quilombolas se insere como uma manifestação concreta do feminismo negro em territórios tradicionais. Essas mulheres não apenas enfrentam desafios impostos pelo racismo estrutural, mas também pelo machismo que se manifesta em diversas esferas da sociedade, incluindo dentro de suas próprias comunidades.

O feminismo negro, portanto, não apenas denuncia essas desigualdades, mas também constrói alternativas de resistência e emancipação para essas mulheres que historicamente foram silenciadas. A partir da intersecção entre gênero, raça e classe, o feminismo negro trouxe reflexões cruciais sobre como as mulheres quilombolas vivenciam as desigualdades. Como destaca Carneiro (2001), as mulheres negras enfrentam um duplo processo de discriminação, sendo marginalizadas tanto por questões raciais quanto por questões de gênero. Muitas delas enfrentam desafios para acessar educação, saúde, terra e políticas públicas específicas (Silva, Oliveira, 2015).

Historicamente, a negação desses direitos resultou na invisibilidade social dessas mulheres, que foram relegadas a papéis secundários na sociedade e tiveram sua contribuição para o desenvolvimento de suas comunidades desconsiderada.

Entretanto, ao longo das décadas, observa-se que essas mulheres, antes marginalizadas em discussões feministas tradicionais, passaram a construir espaços próprios de reivindicação, fortalecendo suas comunidades e promovendo a reafirmação de sua identidade quilombola (Ribeiro, 2020).

Nos anos 1970 e 1980, as mulheres negras começaram a questionar o feminismo hegemônico, argumentando que suas experiências eram distintas das mulheres brancas e que havia especificidades que precisavam ser reconhecidas. Foi nesse período que intelectuais como Lélia Gonzalez passaram a articular a importância de um feminismo negro que levasse em conta não apenas as opressões de gênero, mas também as de raça e classe. Esse movimento culminou em organizações e redes de apoio que deram voz às demandas das mulheres negras e quilombolas, fortalecendo sua atuação em diferentes frentes, incluindo a luta por terra, reconhecimento cultural e políticas públicas específicas.

A luta das mulheres negras dentro do feminismo permitiu que suas reivindicações fossem inseridas na agenda política e acadêmica. A discussão sobre interseccionalidade, amplamente debatida por autoras como Kimberlé Crenshaw (1989), passou a ser uma ferramenta conceitual essencial para compreender as múltiplas formas de opressão que atingem essas mulheres. No Brasil, essa discussão teve forte influência no fortalecimento do feminismo negro e no reconhecimento das especificidades das mulheres quilombolas. Através desse arcabouço teórico, as quilombolas puderam legitimar suas demandas e ampliar a visibilidade de suas lutas.

O contexto histórico da formação dos quilombos é essencial para compreender a luta das mulheres quilombolas na atualidade. Essas comunidades surgiram como forma de resistência ao sistema escravista e, ao longo do tempo, tornaram-se espaços de preservação cultural e social da população negra. Entretanto, a posse da terra sempre foi um dos principais desafios enfrentados pelos quilombolas, e as mulheres têm assumido um papel de liderança nessas disputas.

Segundo Almeida (2017), a luta pelo reconhecimento das terras quilombolas é também uma luta pelo direito de existir plenamente enquanto sujeito social e político. As mulheres quilombolas não apenas reivindicam a regularização fundiária de seus territórios, mas também lutam pelo direito à educação, à saúde e ao desenvolvimento sustentável de suas comunidades.

A resistência das mulheres quilombolas se dá, muitas vezes, através da manutenção e valorização de saberes ancestrais. A cultura oral desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimentos sobre ervas medicinais, práticas agrícolas sustentáveis e organização comunitária. Nesse sentido, o feminismo negro se entrelaça com a luta quilombola ao reconhecer e valorizar esses saberes como formas legítimas de conhecimento, que devem ser protegidas e incentivadas.

Como aponta Silva *et al.* (2019), a luta dessas mulheres não se limita à esfera material, mas envolve também a defesa de suas tradições culturais e espirituais, que são constantemente ameaçadas pela modernização excludente e pela exploração dos recursos naturais de seus territórios. As entrevistas realizadas revelam a potência dessas vozes. Dona Elza Silva, uma das entrevistadas, ao afirmar "sou do quilombo, gosto do quilombo" (2024), demonstra a dimensão do pertencimento e da identidade construída a partir da luta coletiva.

Esse tipo de afirmação reflete não apenas uma questão territorial, mas uma forma de resistência e empoderamento. Ao se reconhecerem como quilombolas e assumirem suas histórias, essas mulheres desafiam a narrativa colonial que historicamente tentou apagá-las. O sentimento de pertencimento a um quilombo não é apenas um fator geográfico, mas também um laço afetivo e político que fortalece a coletividade e a resistência contra a opressão sistêmica.

A influência das intelectuais negras nesse processo é notória. Elas não apenas produzem conhecimento, mas atuam diretamente na conscientização e mobilização de mulheres quilombolas, fortalecendo suas lutas por direitos sociais e territoriais. O feminismo negro se torna um eixo estruturante na organização política dessas mulheres e na promoção de mudanças estruturais dentro das comunidades. A difusão de obras e debates acadêmicos sobre o feminismo negro tem possibilitado que cada vez mais mulheres quilombolas tenham acesso a uma estrutura teórica que valida suas experiências e oferece ferramentas para a luta política. O trabalho dessas intelectuais, aliado à mobilização comunitária, contribui para que as mulheres quilombolas possam atuar como protagonistas em suas próprias narrativas.

Por fim, a luta das mulheres quilombolas dentro do feminismo negro representa um dos movimentos mais potentes de resistência e transformação social.

Essas mulheres, ao reivindicarem seus direitos, desafiam as estruturas de poder historicamente excludentes e propõem novas formas de organização baseadas na coletividade, na ancestralidade e na justiça social. O feminismo negro, ao reconhecer a especificidade dessas lutas, fortalece a construção de um movimento plural e interseccional, que não apenas denuncia as opressões, mas também constrói caminhos para a emancipação dessas mulheres e de suas comunidades. A luta quilombola feminina é, portanto, um símbolo de resistência e de esperança para a construção de um Brasil mais justo e igualitário.

2.3 Quilombos: territórios de viver

Os quilombos representam muito mais do que espaços físicos de refúgio; eles são territórios de resistência, identidade e luta para a população negra no Brasil. Desde o período colonial, essas comunidades emergiram como alternativas à opressão imposta pela escravidão, funcionando como locais de autonomia e organização social. A construção dos quilombos não ocorreu apenas como um movimento espontâneo de fuga, mas também como uma forma de reorganização social baseada na ancestralidade africana. A identidade quilombola transcende a reivindicação geográfica, consolidando-se como uma categoria política e cultural que envolve direitos fundamentais e preservação histórica. Apesar da abolição formal da escravidão, as comunidades quilombolas enfrentam desafios estruturais relacionados à terra, à cidadania e à igualdade de oportunidades.

O conceito de quilombo passou por um profundo processo de ressignificação ao longo dos séculos. Se antes eram vistos apenas como locais de fuga e resistência à escravidão, hoje são compreendidos como espaços políticos fundamentais para a luta pela terra, pela cultura e pela dignidade das comunidades quilombolas.

Com o reconhecimento da importância histórica dessas comunidades, a Constituição Federal de 1988 garantiu o direito à terra aos descendentes de quilombolas, mas a efetivação desse direito enfrenta resistência considerável entre burocráticos e políticos. As disputas por território muitas vezes resultam em conflitos fundiários, como casos de violência e expulsão de famílias quilombolas. A

morosidade nos processos de regularização fundiária é um dos principais obstáculos para que essas comunidades possam exercer plenamente sua autonomia e continuidade histórica.

A luta pelo território é um dos eixos centrais da resistência quilombola, pois a terra representa não apenas um espaço físico de moradia, mas também um local de reprodução social, cultural e econômico. O direito à terra está diretamente ligado à preservação da cultura afro-brasileira, à manutenção de saberes ancestrais e à garantia de práticas agrícolas sustentáveis que asseguram a subsistência das comunidades.

Entretanto, o avanço do agronegócio, da mineração e de empreendimentos imobiliários ameaça a permanência dos quilombos, forçando muitos quilombolas a abandonarem seus territórios. Como afirmam Santos e Chaves (2007), “a posse da terra para os quilombolas não é uma questão meramente econômica, mas a base de sua identidade coletiva e de sua existência como povo” (p.79).

Outro aspecto essencial da luta quilombola é a reivindicação por políticas públicas que garantam acesso à educação, saúde e geração de renda. Muitas comunidades quilombolas ainda enfrentam dificuldades para obter serviços básicos, como escolas adequadas, atendimento médico e infraestrutura. A invisibilidade dessa legislação nos planos de desenvolvimento governamentais agrava a desigualdade social e perpetua ciclos de exclusão.

Para muitas famílias quilombolas, a falta de acesso à educação de qualidade limita as oportunidades de ascensão social, restringindo o alcance de empregos formais e perpetuando a vulnerabilidade econômica. Nesse contexto, a mobilização política das comunidades se torna fundamental para garantir a implementação de políticas públicas efetivas.

As mulheres quilombolas assumem um papel central nessa luta, pois além de reivindicarem o direito à terra, também lutam pela equidade de gênero dentro e fora das comunidades. A posse da terra significa, para muitas delas, maior autonomia e poder de decisão sobre os recursos produtivos, fortalecendo a economia local e garantindo segurança alimentar. As mulheres quilombolas se destacam como lideranças comunitárias, organizando movimentos sociais, associações e redes de apoio para fortalecer suas comunidades. Como aponta Silva (2022, 62) “A luta das mulheres quilombolas não se restringe à questão fundiária, mas envolve uma

reivindicação por direitos sociais, pelo reconhecimento de sua cultura e pelo fim da invisibilização de suas demandas nos espaços políticos e institucionais.”

Além da luta territorial e social, a valorização da cultura quilombola é um pilar essencial para a manutenção da identidade dessas comunidades. A transmissão de saberes ancestrais, as práticas religiosas de matriz africana, as manifestações culturais e a preservação dos idiomas e costumes herdados da diáspora africana são elementos fundamentais da resistência quilombola.

As festas, danças, músicas e rituais desempenham um papel essencial na construção da identidade coletiva e na reafirmação do pertencimento. No entanto, uma cultura quilombola sofre frequentemente tentativas de apagamento e apropriação, sendo necessário um esforço contínuo para garantir que a sua história seja preservada e reconhecida.

A educação é um dos instrumentos mais poderosos para fortalecer as comunidades quilombolas e garantir a continuidade de suas tradições. No entanto, muitas escolas quilombolas ainda enfrentam dificuldades, como infraestrutura precária, falta de materiais didáticos adequados e ausência de políticas educacionais específicas para atender às necessidades dessas populações.

A educação quilombola deve ser pautada na valorização da cultura afro-brasileira, promovendo a inclusão de conteúdos que resgatem a história e a contribuição dos povos africanos na formação do Brasil. Iniciativas de educação contextualizadas são fundamentais para combater o racismo estrutural e fortalecer a identidade quilombola entre as novas gerações.

O racismo estrutural, aliás, ainda se manifesta de diversas formas na realidade dos quilombos contemporâneos. A marginalização histórica das comunidades quilombolas e a negação de seus direitos refletem um legado de discriminação que persiste até os dias atuais. Muitas vezes, os quilombolas enfrentam preconceitos em espaços urbanos e dificuldades de acesso a direitos básicos, como saúde, moradia e trabalho digno. A superação dessas desigualdades exige uma transformação estrutural, com a implementação de políticas públicas eficazes e o fortalecimento dos movimentos sociais que atuam na defesa dessas comunidades.

Dessa forma, os quilombos não são apenas espaços geográficos delimitados, mas verdadeiros territórios de vida, pertencimento e resistência. Eles representam a

continuidade da cultura afro-brasileira e a reafirmação da identidade negra no Brasil, sendo fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e plural. A luta quilombola, portanto, não se limita ao passado, mas se projeta no presente e no futuro, garantindo que essas comunidades possam seguir existindo e prosperando, apesar dos desafios históricos e contemporâneos.

A resistência quilombola continua sendo um símbolo de luta contra a desigualdade e pelo direito à dignidade. Os quilombos são territórios de viver, onde a ancestralidade se manifesta na cultura, na luta política e na organização comunitária. Apesar das adversidades, a luta quilombola segue forte, protagonizada por lideranças que trabalham incansavelmente para garantir que esses espaços sejam reconhecidos e respeitados. O futuro dos quilombos depende da valorização de sua história e da implementação de políticas públicas que garantam sua permanência e desenvolvimento sustentável.

Os quilombos desempenham um papel fundamental na construção e preservação da identidade afro-brasileira, configurando-se como espaços de resistência, manutenção cultural e afirmação de minorias. Desde o período colonial, essas comunidades foram formadas por africanos escravizados que escapavam das fazendas e dos engenhos em busca de liberdade e autonomia.

Ao se estabelecerem em áreas isoladas, os quilombolas recriaram práticas culturais, sociais e religiosas oriundas de suas terras natais, adaptando-se ao novo contexto brasileiro. Essa ressignificação cultural foi essencial para a sobrevivência e o fortalecimento de suas identidades. Os quilombos passaram a representar não apenas um refúgio contra a escravidão, mas também um espaço de reinvenção social e resistência contra a violência do sistema colonial.

A formação dos quilombos não se limitou à simples fuga da escravidão, mas também simbolizou a criação de sociedades alternativas que desafiavam a ordem colonial vigente. Essas comunidades desenvolveram sistemas próprios de organização política e econômica, baseados na coletividade e na solidariedade. A preservação de línguas, músicas, danças e rituais religiosos africanos dentro dos quilombos evidenciava a resistência cultural e a exclusão à assimilação forçada pelos colonizadores. Assim, os quilombos tornaram-se verdadeiros guardiões da herança africana no Brasil, garantindo a perpetuação de saberes ancestrais e a formação de redes de apoio e fortalecimento identitário.

O Quilombo dos Palmares, um dos mais emblemáticos da história brasileira, tornou-se um símbolo de resistência e luta pela liberdade no século XVII. Durante décadas, Palmares foi um espaço de organização comunitária que desafiou as autoridades coloniais, criando uma estrutura própria de governança e defesa. A liderança de Zumbi dos Palmares consolidou a importância desses espaços na construção da identidade e da memória afro-brasileira, sendo um marco para os movimentos de resistência negra no país.

Segundo Silva (2021, p.79), “a memória de Zumbi e de Palmares representa a continuidade da luta dos afrodescendentes por reconhecimento, cidadania e dignidade em um país marcado por desigualdades raciais profundas”. A Constituição Federal de 1988 representou um marco significativo ao considerar os direitos territoriais das comunidades quilombolas, por meio do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT).

Esse dispositivo legal garante a propriedade definitiva das terras aos remanescentes de quilombos que ocupam suas terras, reforçando o compromisso do Estado brasileiro com os recursos históricos e a valorização dessas comunidades. No entanto, a efetivação desse direito tem sido um desafio contínuo, enfrentando burocráticos conflitos fundiários e a morosidade dos processos de regularização. Muitos quilombos seguem sem a titulação definitiva de suas terras, o que os torna vulneráveis a invasões e a processos de especulação imobiliária.

A identidade quilombola está intrinsecamente ligada ao território, que é vista não apenas como um espaço físico, mas como um elemento central na manutenção das tradições, da cultura e da ancestralidade. A luta pela titulação das terras é, portanto, uma luta pela preservação da própria identidade e pela garantia de condições dignas de vida.

As comunidades quilombolas enfrentam desafios como a pressão do agronegócio, a especulação imobiliária e a falta de políticas públicas eficazes que assegurem seus direitos territoriais e culturais.

Para Santos (2020, p.52), “[...] o território quilombola é mais do que uma extensão de terra; é um símbolo da resistência negra e da continuidade histórica da presença africana no Brasil.”

A comunidade Caiana dos Crioulos, localizada no município de Alagoa Grande, Paraíba, é um exemplo da resistência e da luta pela preservação da

identidade quilombola. Com uma população de aproximadamente 450 pessoas, distribuídas em 98 famílias, essa comunidade enfrenta desafios relacionados à regularização fundiária e à garantia de seus direitos territoriais. A topografia acidentada da região dificulta o cultivo agrícola, levando muitos moradores a buscarem oportunidades de trabalho fora da comunidade, especialmente no estado do Rio de Janeiro. A regularização fundiária é vista como essencial para melhorar as condições de vida e garantir a continuidade cultural da comunidade. Conforme descrito por Oliveira (2019, p.63): “A luta dos quilombolas por seus territórios não é apenas pela posse da terra, mas pela garantia da continuidade de suas práticas culturais, sociais e econômicas, fundamentais para a preservação de sua identidade coletiva”.

A cultura quilombola é diversa e rica, englobando manifestações artísticas, religiosas e sociais que refletem a ancestralidade africana. A música, a dança, as festas tradicionais e os rituais religiosos são expressões vivas dessa herança e desempenham um papel crucial na coesão social e na transmissão de valores e conhecimentos entre as gerações.

A valorização e a preservação dessas manifestações culturais são fundamentais para a afirmação da identidade afro-brasileira e para o reconhecimento da contribuição dos quilombolas na formação da sociedade brasileira. Infelizmente, muitos desses elementos ainda são marginalizados ou protegidos sem o devido reconhecimento da importância de suas origens.

A educação é um instrumento poderoso para a valorização da identidade quilombola. A inclusão da história e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares, conforme previsto pela Lei 10.639/2003, é essencial para combater o racismo e promover o respeito à diversidade. No entanto, muitas comunidades quilombolas ainda enfrentam desafios no acesso a uma educação de qualidade que respeite e valorize suas especificidades culturais. Investir em políticas educacionais que contemplem a realidade e a história dessas comunidades é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Conforme Souza (2015, p. 77), “o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas não é apenas um direito dos quilombolas, mas uma necessidade para a formação de uma sociedade que reconheça e valorize sua própria diversidade”.

A luta das comunidades quilombolas pelo reconhecimento e pela garantia de seus direitos é contínua e enfrenta diversos obstáculos. A morosidade nos processos de titulação das terras, a falta de infraestrutura básica e a invisibilidade política são desafios que desativam a mobilização das comunidades e o apoio da sociedade civil. A implementação efetiva de políticas públicas que assegurem os direitos territoriais, culturais e sociais dos quilombolas é necessária para a justiça social e para a valorização da diversidade étnica e cultural do Brasil. Sem esse reconhecimento, a herança africana no país continua sendo negligenciada e colocada à margem da sociedade.

Observamos que os quilombos são pilares fundamentais na construção da identidade afro-brasileira, representando a resistência, a resiliência e a riqueza cultural dos descendentes de africanos no Brasil. Reconhecer e valorizar essas comunidades é essencial para a construção de uma sociedade que respeite e celebre sua diversidade, reparando as injustiças históricas e assegurando um futuro de igualdade e respeito para todos. A luta quilombola não é apenas pelo passado, mas pela garantia de um presente e um futuro em que sua cultura, sua história e seus direitos sejam respeitados.

2.4 Gênero, ecofeminismo e sustentabilidade em reflexões

O termo "gênero", na sua acepção gramatical, designa indivíduos de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, mas, na forma como vem sendo usado pela literatura feminista nas últimas décadas adquiriu outras características: enfatiza a noção de cultura, situa-se na esfera social, diferentemente do conceito de "sexo", que se situa no plano biológico, e assume um caráter intrinsecamente relacional do feminino e do masculino.

Segundo a historiadora Joan Scott (1989), as feministas americanas começaram a usar o conceito de gênero para se referir à organização social entre os sexos e só mais tarde passaram a usá-lo para enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre sexo e rejeitar o determinismo biológico implícito nos termos "sexo" ou "diferença sexual". Para Scott (1995),

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (p. 75).

Essa leitura de Scott (1989) encontra apoio em Pierre Bourdieu (2017), para quem a divisão do mundo, fundada sobre as diferenças biológicas, aquelas que se referem à divisão sexual do trabalho, da procriação e da reprodução, opera como a mais fundada das ilusões coletivas. Estabelecidas como um conjunto objetivo de referências, as representações de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.

Na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas), o gênero torna-se envolvido na concepção e na construção do poder em si mesmo. Scott (1989) historiciza o conceito de gênero e busca encontrar as maneiras pelas quais ele legitima e constrói as relações sociais. É importante destacar que a relação de subordinação com relação ao gênero feminino é culturalmente estabelecida e teve suas origens remotas, fortemente marcadas na história do conhecimento científico, carro chefe das ações de muitos educadores.

A dimensão cultural atravessa os demais tópicos aqui listados, e deve ser percebida como algo dinâmico, socialmente moldável e característica de uma relação tempo/espaço. A inserção da questão de gênero nas políticas públicas em Educação Ambiental já vem demonstrando significativas mudanças. A definição de ecofeminismo surgiu nos anos 70 do século XX e foi cunhado pela feminista Francesa Françoise D'Eaubonne, cuja proposta era a de que as mulheres possuem interesses e necessidades específicas para defender a Ecologia, visto que o cuidar da terra, da natureza associa-se ao cuidar maternal. Para Trapasso (1993):

No Terceiro Mundo, as reivindicações das mulheres incluem necessariamente demandas ecológicas, uma vez que a devastação das florestas, a desertificação e a contaminação dos rios tornam ainda mais difíceis seus esforços de sobrevivência. É importante, então, que os movimentos ecológicos e o ecofeminismo se identifiquem com as realidades

do Terceiro Mundo, assim como foi imprescindível que o movimento feminista surgisse de nossos povos (p.4, tradução livre).

O ecofeminismo denuncia as formas de opressão, dominação e expulsão da terra de homens e mulheres em situação de subalternidade, destruição do meio ambiente, violência de gênero, consequentes práticas sociais de uma sociedade patriarcal e exploradora da força de trabalho, da natureza e da classe social e do gênero.

As primeiras preocupações do ecofeminismo eram voltadas para a relação entre ciência, mulher e natureza, e um dos destaques do movimento é pensar a Ecologia como um assunto feminista, uma vez que as semelhanças entre feminismo e Ecologia têm sido esquecidas pela ciência ecológica, e essa vertente do movimento feminista, unindo o movimento das mulheres com o movimento ecológico, traz uma nova visão de mundo, desvinculada da concepção socioeconômica e de dominação.

Ortner (1974), chama a atenção ao fato de que, em todas as culturas as mulheres têm sido alvo da subordinação, e propõe uma investigação profunda da origem da violência nas diferenças dos corpos entre homem e mulher. Menciona ainda que a falta de uma função criativa no homem o levou a produzir uma função destrutiva de forma artificial, pela técnica. De acordo com Ortner (1974):

Ecofeminismo identifica no sistema patriarcal a origem da catástrofe ecológica atual, tendo sido a natureza e as mulheres, ambas associadas à reprodução da vida, o alvo das agressões desse sistema. Nessa perspectiva, o patriarcado se exprime com a mesma lógica do poder machista, opressor e totalitário da agroindústria, atacando os fundamentos da vida, na sua expressão simbólica mais profunda: a fecundidade do ser vivo. Daí a luta de feministas pela libertação da mulher oprimida, na relação de gênero, estar associada ao movimento ecofeminista de libertação da mulher e da natureza, ambas exploradas (p. 65).

De acordo com Françoise D'Eaubonne (1974) e Rosemary Ruether (1975), a agricultura, no passado, era uma tarefa destinada às mulheres, no entanto, com o advento das tecnologias, mais precisamente com a invenção do arado e da irrigação, foram os homens que se apropriaram de dois recursos que pertenciam à mulher: a agricultura e a fecundidade. O sistema patriarcal tem suas origens na Filosofia da Grécia Antiga e na tradição racionalista. Antes de invasões nômades vindas da Eurásia, o que havia na sociedade indo-europeia era um sistema familiar,

caracterizado como matrifocal ou matrilinear, numa era agrária de paz (Ortner, 1974, p. 67).

De acordo os autores Rose Marie Muraro e Leonardo Boff (2002), não é suficiente saber que o ser humano constrói os sistemas, mas é necessário sabermos como eles são construídos, qual o elo entre o imaginário e o real, como se configuram o homem e a mulher no sistema patriarcal, como se articula a sexualidade e o sistema econômico. Esses são os pontos principais para a desconstrução dos sistemas simbólicos masculinos que vem destruindo a todos.

A autora destacou ainda que “convém lembrarmos que somos a única espécie capaz de construir e reconstruir a História” (Muraro; Boff 2002, p. 2). Temos essa capacidade porque o ser humano é o único animal que nasce incompleto. Por causa dessa incompletude, ele passa o resto da vida em busca de algo que preencha essa falta (desejo). Isso é o que move o ser humano e não o pensamento, pois este só o move quando por trás dele há um grande desejo. É na busca da completude que o ser humano constrói e reconstrói a História (Muraro; Boff, 2002).

O ponto de partida para analisar a relação entre o ecofeminismo e a sustentabilidade ambiental frente ao trabalho das mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos deve partir da premissa de ressignificação da identidade e reivindicação de gênero, classe, território e raça como elementos que se identificam como liames de ordenamento territorial, biodiversidade, Ecologia e estratégias de conservação da natureza.

Por entender que a existência de práticas sustentáveis está na base da organização, e partindo do pressuposto de que os princípios que norteiam as ações do Movimento Ecofeminista estão em estreita sintonia com a sustentabilidade do meio ambiente, a presente pesquisa se torna essencial uma vez que a ideia de sustentabilidade, por sua vez, traz consigo a noção de duração no tempo: o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro.

As práticas as quais nos referimos estão também alinhadas com o que Judith Plant (1993, p. 30) chama de bioregionalismo, que é a capacidade de aprender a se fazer nativo em um lugar, vivendo de acordo com os limites e elementos que a natureza proporciona, criando-se, a partir daí, uma forma de vida que pode ser transmitida a gerações futuras.

Nossos questionamentos estão, portanto, relacionados às questões éticas relativas com o humano, os animais e a biodiversidade. Karen Warren, em *Ecofeminist Philosoph* (2000) defendeu a ideia de que uma ética ecofeminista deve ser antissexista, antirracista, anti-classista, anti-naturista e oposta a qualquer "ismo" que pressuponha ou avance uma lógica de dominação (2000 p. 99). Shiva (2001), um dos nomes mais importantes do ecofeminismo e autora de vários livros sobre o tema, trata a agricultura como uma de suas maiores preocupações destacando como essa prática afeta o meio ambiente e a vida das comunidades rurais. Shiva (2001) defende que:

A biodiversidade é um recurso do povo. Enquanto o mundo industrializado e as sociedades afluentes deram as costas à biodiversidade, os pobres do Terceiro Mundo dependem continuamente dos recursos biológicos para obter comida, cuidar da saúde, extrair energia e fibras e construir moradias. A emergência das novas biotecnologias mudou o sentido e valor da biodiversidade. Ela foi convertida, de base de sustentação da vida para as comunidades pobres, em base de matéria prima para empresas poderosas. (Shiva, 2001, p. 92)

Com o objetivo de enfatizar o quão profundo são os estudos relacionados à sustentabilidade, Ignacy Sachs (2002), designou as dimensões da sustentabilidade, as quais, em princípio, devem ser levadas em consideração para se chegar muito próximo a uma sustentabilidade real. Estas são:

- 1) Social: que se refere ao alcance de um patamar razoável de homogeneidade social, com distribuição de renda justa, emprego pleno e/ou autônomo com qualidade de vida decente e igualdade no acesso aos recursos e serviços sociais. Neste sentido, é premente a questão de gênero, uma vez que as mulheres ainda recebem bases salariais menores, ocupando o mesmo cargo. Questões políticas relacionadas a esta questão, devem ser reconhecidas nas discussões que permeiam as decisões governamentais ou não, a respeito das temáticas ambientais.
- 2) Cultural: referente a mudanças no interior da continuidade (equilíbrio entre respeito à tradição e inovação), capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno (em oposição às cópias servis dos modelos alienígenas) e autoconfiança, combinada com abertura para o mundo.
- 3) Ecológica: relacionada à preservação do potencial do capital natural na sua produção de recursos renováveis e à limitação do uso dos recursos não renováveis.
- 4) Ambiental: trata-se de respeitar e realçar a capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais.
- 5) Territorial: refere-se a configurações urbanas e rurais balanceadas (eliminação das inclinações urbanas nas alocações do investimento público), melhoria do ambiente urbano, superação das disparidades inter-

regionais e estratégias de desenvolvimento ambientalmente seguras para áreas ecologicamente frágeis (Sachs, 2002, p. 107).

Estas dimensões refletem a leitura que Sachs (2002) faz do desenvolvimento dentro de uma nova perspectiva, como uma possibilidade à ordem econômica internacional, evidenciando a importância de modelos locais fundamentados em tecnologias compatíveis, em particular para as zonas rurais.

Conforme afirmou Jacobi (1999):

Buscando reduzir a dependência técnica e cultural, Apesar destes dados serem econômicos, eles refletem um “problema social de discriminação por gênero, por este motivo fica inserido como parte da dimensão social da relação sustentabilidade x mulheres (p. 176).

A sustentabilidade abrange várias dimensões: política, social, técnico-econômica, tal como nos mostra Sachs, evidenciando a importância e o que propõe particularmente cada dimensão mencionada:

- 6) Econômica: desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado, com segurança alimentar, capacidade de modernização contínua dos instrumentos de produção, razoável nível de autonomia na pesquisa científica e tecnológica e inserção soberana na economia internacional.
- 7) Política (Nacional): democracia definida em termos de apropriação universal dos direitos humanos, desenvolvimento da capacidade do Estado para implementar o projeto nacional, em parceria com todos os empreendedores e um nível razoável de coesão social.
- 8) Política (Internacional): baseada na eficácia do sistema de prevenção de guerras da ONU, na garantia da paz e na promoção da cooperação internacional, Pacote Norte-Sul de co-desenvolvimento, baseado no princípio da igualdade (regras do jogo e compartilhamento da responsabilidade de favorecimento do parceiro mais fraco), controle institucional efetivo do sistema internacional financeiro e de negócios, controle institucional efetivo da aplicação do Princípio da Precaução na gestão do meio ambiente e dos recursos naturais, prevenção das mudanças globais negativas, proteção da diversidade biológica (e cultural), gestão do patrimônio global, como herança comum da humanidade, sistema efetivo de cooperação científica e tecnológica internacional e eliminação parcial do caráter *commodity* da ciência e tecnologia, também como propriedade da herança comum da humanidade (Sachs, 2002, p. 107).

Ao enfatizar estas dimensões, Sachs deixou claro que, para alcançarmos a sustentabilidade, temos que valorizar as pessoas, seus costumes e saberes. Fica evidente que se deve ter uma visão holística dos problemas da sociedade, para além de focar apenas na gestão dos recursos naturais, ou seja, enfatizar em um

ideal de movimento ambiental que transcenda as abordagens puramente “ecocêntricas ou antropocêntricas”, promovendo uma visão completa e inclusiva que reconheça o valor intrínseco de todas as formas de vida, sem hierarquizá-las.

A diversidade de posturas e correntes dentro dos movimentos ecológicos e ambientalistas reflete a complexidade das questões socioambientais e as múltiplas perspectivas teóricas e práticas para enfrentá-las (Duarte Jr., 2015). Cada corrente carrega valores, metodologias e objetivos específicos, que dialogam com diferentes tradições filosóficas e políticas, como exemplo, o ecofeminismo que interliga a luta feminista à causa ecológica, ao reconhecer paralelos entre a opressão de mulheres e a exploração da natureza, sendo, segundo a autora, comparado ao processo de opressão e exploração da natureza, centrado na busca humana por constante modernização, conforto insaciável e controle de tudo aquilo que lhe parece inexplicável (Duarte Jr., 2015).

De acordo com a autora supracitada, essas diversas perspectivas demonstram que o ambientalismo é um campo em constante diálogo, onde diferentes visões buscam entender as raízes da crise ambiental e propor soluções que atendam tanto a sobrevivência planetária quanto a justiça social.

No entanto, também levantam debates e críticas sobre a eficácia e coerência de algumas abordagens, como o ecocapitalismo, constantemente apontado como perpetuador de desigualdades e por não denunciar as causas estruturais do problema. Para que um movimento social ambiental seja efetivamente transformador, ele precisa equilibrar justiça ambiental e social, articulando as demandas humanas com as necessidades do planeta como um todo (Duarte Jr., 2015).

Consoante Duarte Jr. (2015, p. 52):

Numa era onde o discurso ecológico está por todos os cantos, da forma mais superficial a mais radical e profunda, mostra-se fundamental chegar à raiz do problema e apontar reais alternativas. Criticar a poluição e o desmatamento sem censurar o modelo de produção e de sustentabilidade da vida (ou melhor, da não sustentabilidade dela) torna-se ineficaz e hipócrita.

A autora ressalta a importância de uma abordagem mais profunda e crítica em relação ao discurso ecológico. Embora a consciência ambiental esteja cada vez

mais presente na sociedade, é importante lembrar que críticas superficiais à poluição e ao desmatamento não são suficientes se não se questionar o próprio modelo de produção e consumo que sustenta essas práticas destrutivas. Para alcançar mudanças relevantes, é de suma importância propor alternativas que enfrentem as contradições estruturais do sistema econômico e social vigente, que frequentemente prioriza o lucro em detrimento da sustentabilidade e da justiça ambiental.

Há uma intrínseca relação entre ecofeminismo, sustentabilidade e as comunidades quilombolas revela a importância de considerar as dimensões sociais, ambientais e de gênero nas questões de preservação ambiental e no desenvolvimento sustentável. A defesa da terra e do meio ambiente, no contexto dos quilombos, está profundamente ligada ao empoderamento das mulheres, que são frequentemente as principais defensoras de suas culturas e dos recursos naturais. Portanto, uma abordagem ecofeminista pode oferecer soluções mais integradas e equitativas para os desafios enfrentados por essas comunidades, respeitando sua história, seus saberes tradicionais e suas necessidades de desenvolvimento sustentável.

2.5 Mulheres negras em movimento: feminismo e lutas nos quilombos

Ressaltando a importância de reconhecer o pioneirismo de mulheres negras frente aos discursos machistas, elitistas, brancos e de direita, é necessário ter um deslumbre da época em cada uma delas protagonizou suas lutas. Nos Estados Unidos, Angela Davis está na vanguarda no campo da intelectualidade negra daquele país e, teve notoriedade no mundo inteiro.

Em sua obra *Mulher, raça e classe* (Davis, 2016), a autora traz minuciosamente relatos de histórias de lutas do povo negro/a no Estados Unidos, deixando claro sua posição sobre educação em um dos capítulos intitulado *Educação e libertação, a perspectiva das mulheres negras*, que enfoca os anseios dessa população em torno do estudo e do conhecimento como principal anseio, principalmente das mulheres, uma vez que elas tinham a consciência de que o único meio para a transformação de sua condição social se fazia através da educação,

pois, compreendiam, porém não aceitavam a condição de inferioridade historicamente concebida a estas.

De acordo com Veiga (2020, p. 12):

Angela Davis, no clima acadêmico dos anos 1980, traça toda uma história do feminismo estadunidense de primeira onda, para nela destacar a participação das mulheres negras. Os tempos eram outros, e hoje podemos perceber algumas diferenças, como buscarei demonstrar logo abaixo. Essa autora e ativista estava preocupada não apenas com as mulheres negras, mas com toda a coletividade, incluindo homens, representados por companheiros, pais, filhos... todos sob a mira dos ataques racistas travados em seu país.

A autora supracitada ainda afirma que a necessidade de uma amplitude do movimento antirracista deveria ser quesito inseparável nas pautas dessa luta, uma vez que as autoras estavam conectadas nos dois movimentos, o negro e o movimento feminista “mesmo que isso implique em deslocamentos, em não serem contempladas em um ou em outro; daí a necessidade de articularem feminismos negros” (Veiga, 2020, p.05).

Ainda nos Estados Unidos, Veiga (2020), versa sobre a importância de outra ativista dos movimentos negro e feminista, Bell Hooks, que refletia sobre a forma como as mulheres negras eram representadas imagetivamente, como também midiaticamente. Para Hooks (1995),

Existe uma conexão entre a manutenção do que chama o “patriarcado supremacista branco” na sociedade estadunidense e as representações de raça e negritude que apoiam a opressão. Teorizar a experiência de ser negra nos Estados Unidos é uma tarefa difícil. Socializadas no interior de sistemas educacionais supremacistas brancos e por uma mídia de massa racista, muitas pessoas negras são convencidas de que nossas vidas não são complexas e, portanto, não são dignas de reflexões e análises críticas sofisticadas (Hooks, 1995, p. 32-33).

Hooks (1995), assim como tantas outras feministas negras, entendia que para que a sua voz e as vozes de outras mulheres negras fossem ouvidas, seria necessário trilhar debates e compartilharem entre si cada realidade discutida. “Já há algum tempo, o desafio crítico para as pessoas negras tem sido expandir a discussão sobre raça e representação para além dos debates envolvendo bons e maus conjuntos de imagens” (Hooks, 1995, p. 36). Segundo a autora, os “gestos de desobediência” devem ser entendidos e percebidos a partir da perspectiva política, a

partir da qual agimos, tornando possível transformar as imagens, lançando um olhar crítico sobre velhas narrativas, propondo outras leituras das subjetividades de pessoas negras, mas também das branquitudes (Hooks, 1995, p. 37-38).

Para Hooks, pensar como um/uma descolonizado/a era primordial para que se pudesse cultivar o “autoamor” e a resistência política, por isso ela dizia que era imprescindível uma certa dose de progressismo, visto que, “há uma obsessão negra com a branquitude, que acaba expondo um entrave importante, o do ódio racial internalizado pelas pessoas negras” (Veiga, 2020).

É fato que até aqui pode-se vislumbrar, entre as autoras apresentadas, um misto de vivências pessoais e os sentimentos intrínsecos a essas mulheres e que são parte principal de suas escritas, como também são o aporte de suas teorias. Collins (2019), relata no prefácio de seu livro *Pensamento feminista negro*, como a imagem que criara de si, aos quatro anos de idade, “uma imagem de uma criança linda”, fora distorcida no mundo externo, branco e racista, e isso, a provocaria a acreditar na verdade lançada pelo mundo branco e racista (Collins, 2019, p. 15).

Arrolada na ética e na união, Collins (2019) adverte sobre como as mulheres negras preservam a humanidade diante da opressão, buscando abordar o pensamento feminista a partir de suas convergências e não das divergências, isso fortaleceria as relações, os afetos e o ativismo entre elas. Para Collins (2019),

Suas [...] principais formas de opressão são raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia”, sendo que as três primeiras categorias caracterizam relações escravistas nos Estados Unidos, segundo ela. A eficácia dessas relações é representada pelo analfabetismo entre muitas mulheres negras jovens, confirmando sua exclusão de uma esfera social minimamente privilegiada (Collins, 2019, p. 33).

Collins entende o pensamento feminista negro como teoria social crítica, produzida por um grupo historicamente oprimido, “[...] caracterizando as experiências das estadunidenses negras marcadas por opressões interseccionais, a dialética entre opressão e ativismo também influenciou as ideias e as iniciativas das intelectuais negras” (Collins, 2019, p. 47). Para a autora, esse lugar social acaba sendo inserido, uma vez que a luta antirracista é também travada no cotidiano, parafraseando Collins, as mulheres negras assumem a história do “eu”, uma ciência na “primeira pessoa”, baseada em saberes científicos e comuns de mulheres negras, no caso do presente estudo, as mulheres quilombolas.

Entende-se, o que Nepomuceno (2012) chama de “raízes da desigualdade”, quando se ressaltam as condições das mulheres negras quilombolas na luta por espaços de resistência e liderança dentro dos quilombos, uma vez que isso as permitem moldar sua identidade e representatividade na contemporaneidade de forma ativa, intencional e estratégica, configurando-se com base na conjuntura na qual estão colocadas (Oliveira, 2009, p. 17).

O mundo externo, branco e racista, afirma ser capacitismo o fato de que a construção da identidade e da representatividade dessas mulheres quilombolas estão interligadas a uma cultura de violência, discriminação, exploração, tanto no seu lugar social quanto no seu corpo. A mulher negra quilombola é duplamente atravessada pelas opressões e exclusões que são geradas a partir de estereótipos baseados nos marcadores de gênero e raça.

A mulher negra em toda sua vida tem sua existência apagada por um sistema que a coloca dentro de opressões de natureza racial e sexual; em toda a história de lutas políticas e sociais foi possível ver a participação das mulheres negras (Hooks, 1995). Mulheres que desafiam e superam a falta de acesso aos direitos básicos, que anseiam por uma educação de qualidade, como afirmou Davis (2016, p.46), se referindo às mulheres estadunidenses: “os anseios dessa população em torno do estudo e do conhecimento como principal desejo”, principalmente das mulheres, uma vez que elas tinham a consciência de que o único meio para a transformação de sua condição social se fazia através da educação, pois compreendiam, porém não aceitavam a condição de inferioridade historicamente concebida a estas.

Além da falta de acesso aos direitos, que lhes são “garantidos”, as mulheres negras precisam lidar com um quadro ainda mais perverso que reflete diretamente na sua trajetória de vida e na construção de sua identidade. Collins (2019), criou para si, quando menina, “uma imagem de uma criança linda”, mas o mundo branco/racista, a via como diferente. No entanto, hoje em dia é comum meninas e mulheres se reconhecerem como mulheres negras e quilombolas (Santos, 2023), seja através do trançado nos cabelos, da cor da pele, tudo isso levando-as a se conectarem com a sua ancestralidade, abrindo caminhos para a construção, de fato, de uma identidade.

Sem dúvida um elo que escoa toda a história de luta das mulheres negras quilombolas é a ancestralidade. O poder, a resistência, a (re)conquista de direitos,

outrora subtraídos, como saúde, educação, alimentação, tudo isso fruto de lideranças que não abriram mãos do “eu coletivo”, do espaço tradicionalmente ocupado, que agora se apresenta como uma das principais questões para essas mulheres.

A ancestralidade nas comunidades quilombolas, sobretudo para as mulheres, é um “símbolo de resistência e reconstrução” (Dias; Aragão, 2024, p.179), que encontra suas raízes na própria resistência dos quilombos, que foram espaços de fuga, refúgio e luta contra a opressão colonial e escravagista. Ao exercerem papéis de liderança nessas comunidades, seja como guardiãs do saber tradicional, seja como líderes políticas que conduziam a luta pela terra, pelos direitos e pela liberdade, podemos entender que esse legado de resistência atravessou gerações, conferindo poder às mulheres quilombolas para que continuem a luta por justiça e equidade.

A luta por melhores condições de vida e visibilidade por parte dos governantes, por políticas públicas que favoreçam de forma efetiva as comunidades quilombolas, não acabou e nem está perto do fim. Mas, essa luta agora está marcada pela ancestralidade cultural que une crianças quilombolas, jovens quilombolas, adultos/as e velhos/as, ganhando força e traçando um novo olhar para essas comunidades, que não são vistas apenas como um espaço físico, mas como um símbolo de pertencimento, que se tornou uma extensão da ancestralidade, tornando essas mulheres defensoras da autonomia e do empoderamento, vivendo numa incansável busca para transformar o espaço de luta em um espaço de protagonismo. De acordo com Dias e Aragão (2024):

Acredita-se que para conseguir uma efetivação real das políticas públicas, deve-se pensar o que o sujeito que utilizará a política ganhará, o porquê e que diferença irá fazer na sua vida, enquanto sujeito social. No entanto definições de políticas públicas, mesmo as minimalistas, guiam o nosso olhar para o *lócus* onde os embates em torno de interesses, preferências e ideias se desenvolvem, isto é, os governos (p. 181).

As autoras destacam que o cerne das discussões acerca das políticas públicas gira em torno da necessidade de compreender o verdadeiro impacto que tais políticas exercem na vida dos sujeitos sociais. No entanto, para que uma política pública seja efetiva, ela não pode ser apenas uma iniciativa formal, ou seja, deve

considerar quem será beneficiado, como será beneficiado e qual será a transformação gerada em sua realidade. Portanto, as políticas públicas não são neutras, mas sim, frutos de embates sociais e políticos nos quais diferentes grupos tentam influenciar as decisões que moldam a sociedade.

3 NOS TERRITÓRIOS DE CAIANA DOS CRIoulos: TRAJETÓRIAS

O território de Caiana dos Crioulos, situado em meio a uma rica história de resistência e convivência, tem sido palco de importantes trajetórias de luta e identidade ao longo dos anos. Este capítulo busca investigar as trajetórias que marcaram a formação e o desenvolvimento deste território, com foco nas experiências de seus habitantes, nas dinâmicas sociais, culturais e políticas que o envolvem e nas formas de resistência que emergem no enfrentamento das adversidades impostas por processos históricos de exclusão e marginalização. Ao compreender essas trajetórias, podemos não apenas mapear o percurso de Caiana dos Crioulos, mas também resgatar as histórias que, muitas vezes, permanecem silenciadas, revelando a resiliência de uma comunidade que, ao longo do tempo, tem reafirmado suas raízes e resistido às diversas formas de opressão.

3.1 Nos Caminhos de Caiana dos Crioulos - Alagoa Grande – PB

As comunidades remanescentes de quilombos representam uma rica tapeçaria de histórias e origens, moldadas por diversos processos ao longo do tempo. Além das tradicionais fugas e ocupações de terras livres, a formação dessas comunidades também se deu por meio de heranças, doações, recebimento de terras como pagamento por serviços prestados ao Estado, permanência em terras cultivadas dentro de grandes propriedades e compra de terras, tanto durante o período escravocrata quanto após sua extinção (Souza; Crosso, 2014, p. 23).

Essa diversidade de origens e histórias levou a uma visão ampliada sobre esses grupos, que podem ser denominados como "terras de pretos" ou "território negro". Essa perspectiva destaca a condição de coletividades camponesas, unidas pelo compartilhamento de um território, laços de parentesco e uma memória de origem que funciona como elemento de identidade e distinção do grupo.

De acordo com Souza e Crosso (2014, p. 22), o termo quilombo possui profundas raízes coloniais, o que muitas vezes não representa a totalidade fundiária das comunidades designadas como quilombolas no Brasil. É necessário um amplo processo de revisão e descolonização da noção de quilombo, uma vez que essas realidades fundiárias não são unívocas; o termo "quilombo" ganhou o sentido de

comunidade autônoma de escravos fugitivos aqui no Brasil, através da administração colonial portuguesa. (Souza; Crosso, 2014, p. 23).

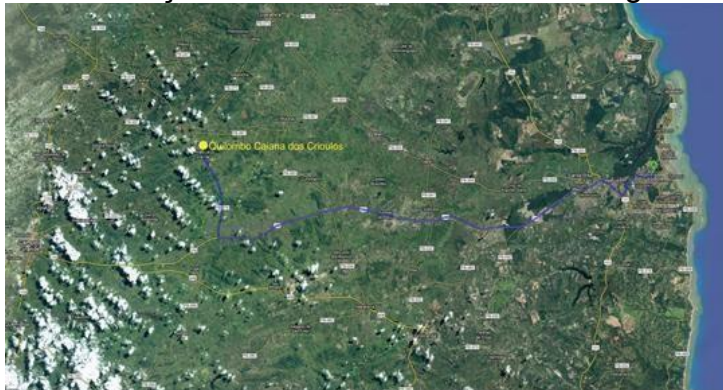
É este entendimento que permanece fixo em em nosso imaginário. Originalmente, o termo designava apenas um lugar de pouso utilizado por populações nômades ou em deslocamento; posteriormente, passou a designar também as paragens e acampamentos das caravanas que faziam o comércio de cera, de escravizados e outros itens. Percebam que o significado de quilombo, em sua origem semântica, se distancia da ideia de local de escravos fugidos (Souza, Crosso, 2014, p. 23)

As comunidades remanescentes de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção.

Partindo de uma visão ampliada, que considera as diversas origens e histórias destes grupos, uma denominação também possível para estes agrupamentos identificados como remanescentes de quilombo seria a de terras de pretos, ou território negro, que enfatiza a sua condição de coletividades camponesa, definida pelo compartilhamento de um território, de laços de parentesco e de uma memória de origem, que funcionam como elementos de sutura e de distinção do grupo (Schmidt, 2002).

Caiana dos Crioulos é uma área rural localizada a 12 km do município de Alagoa Grande- PB. O acesso à comunidade se dá através de uma estrada de barro de um vermelho que vai se acentuando com a proximidade de Caiana. Há, ao longo do seu percurso, outras propriedades rurais e assentamentos (Souza; Crosso, 2014, p. 23). A comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, representa um dos mais importantes espaços de resistência e preservação cultural afro-brasileiro no Estado. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2022, a comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, tinha 441 habitantes. Em 2024, o Incra registrou 300 famílias na comunidade.

Figura 1 – Localização de Caiana dos Crioulos – Alagoa Grande, PB



Fonte: Google Maps (2025).

A estrada é de fácil trânsito nos períodos de estiagem; ela é caracterizada por declives (ladeiras) recorrentes que, no período chuvoso, dificultam o acesso à comunidade. Outro acesso é uma estrada de barro, próxima à Igreja Católica de Caiana dos Crioulos, que chega ao município de Massaranduba, caminho utilizado por alguns moradores da comunidade e da vizinhança como rota alternativa para o município de Campina Grande. Possui, na agricultura de subsistência e na criação de animais, sua principal atividade produtiva (Souza, Crosso, 2014, p. 23).

Figura 2 - Caiana dos Crioulos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

As famílias também têm sua renda complementada e a subsistência garantida pelos recursos de aposentadorias dos idosos e o trabalho de alguns de seus membros em atividade fora da comunidade, como servente de pedreiro,

serviços domésticos, atividades comerciais e também recursos encaminhados por parentes que estão fora do estado, a exemplo do Rio de Janeiro, especificamente em Pedra de Guaratiba, destino preferencial dos moradores de Caiana, localidade identificada pelos próprios moradores como tendo constituído outra Caiana, devido ao grande fluxo migratório.

Figura 3 - Imagem de Caiana dos Crioulos



Fonte: Acervo pessoal da autora (2023).

De acordo com Souza e Crosso (2014, p. 28):

Existem ainda, em Caiana, outros espaços coletivos, como a Associação dos Moradores, a Organização de Mulheres Negras de Caiana dos Crioulos, a casa de farinha - que teve nos últimos anos seu funcionamento diminuído, devido aos baixos preços da farinha no mercado. Fator que vem desestimulando os agricultores a produzir, condição que fragiliza a sobrevivência dos moradores e também os mecanismos de sociabilização e articulação política que acontece nas farinhadas. Destacam-se também os espaços religiosos: a Igreja Católica, Igreja Assembleia de Deus, Bancada Espiritual de Dona Maria Belarinda e as práticas de rezas, a exemplo de Zé Guilherme e Sebastião (Bastião), que se diferenciam entre si, mas que congregam em seu entorno pessoas em busca de curas e conselhos.

A dinâmica das relações de gênero nas comunidades quilombolas revela um cenário complexo e multifacetado, onde as mulheres desempenham papéis cruciais tanto na esfera política quanto na manutenção da cultura e tradições. Em Caiana,

observa-se um aumento significativo da presença feminina nos espaços de poder e decisão, com mulheres assumindo posições de liderança e influência.

Essa participação ativa se traduz em um impacto direto nas decisões que afetam a comunidade, desde a gestão do território até a preservação da identidade cultural. Embora os homens estejam mais voltados para as atividades de subsistência, sua participação política é crucial, especialmente em questões relacionadas à defesa do território e à garantia da sobrevivência da comunidade.

É preciso compreender que as relações de gênero nas comunidades quilombolas são influenciadas por fatores históricos, culturais e sociais, e podem variar de acordo com o contexto específico de cada comunidade. A luta pela igualdade de gênero e pelo reconhecimento dos direitos das mulheres quilombolas é um processo contínuo, que envolve o enfrentamento de desafios como o machismo, a violência de gênero e a discriminação racial.

Caiana dos Crioulos foi fundada por descendentes de africanos escravizados Silva (2018, p. 23), a comunidade manteve vivas suas tradições ancestrais, reforçando sua identidade cultural por meio da oralidade, da religiosidade e das práticas agrícolas sustentáveis. Desde sua formação, os moradores enfrentam desafios relacionados à posse da terra, à visibilidade social e ao acesso a políticas públicas que garantam sua permanência e desenvolvimento.

Como destaca Santos (2018, p.14): “As comunidades quilombolas no Brasil são frutos de uma luta contínua por reconhecimento, enfrentamento, até os dias atuais, barreiras institucionais e estruturais que limitam sua autonomia e seus direitos.”

O autor ainda ressalta a resistência e a luta, no Brasil, das comunidades quilombolas pela garantia de seus direitos e pelo reconhecimento de sua identidade. A persistência das barreiras institucionais e estruturais evidencia a necessidade de políticas públicas mais eficazes e do fortalecimento das ações afirmativas que assegurem a autonomia dessas comunidades (Santos, 2018). A origem de Caiana dos Crioulos remonta ao século XIX, quando grupos de negros fugidos do cativeiro se estabeleceram na região em busca de autonomia territorial e cultural. De acordo com Luiz (2013, p. 222):

A primeira hipótese, externa à comunidade, vincula a origem de Caiana à formação de um quilombo nos moldes da definição vigente na época colonial, onde o mesmo era constituído por negros fugidos do “cativeiro” que em conjunto organizavam formas alternativas de organização social. Seguindo essa versão, não seria de se estranhar que os moradores mais antigos da comunidade almejassem apagar a pecha atribuída até então aos “quilombolas”, designação dadas aos agrupamentos que reunissem ao menos cinco negros fugidos, e que fora ressemantizada pelo Estado em 1988, ao criar-se a categoria de “remanescentes dos quilombos” e inseri-la na Constituição Federal.

O autor supracitado, apresenta uma análise da possível origem da comunidade de Caiana dos Crioulos, explorando a hipótese de sua formação como um quilombo durante o período colonial. A primeira teoria sugere que Caiana surgiu como um quilombo clássico, formado por negros que escaparam da escravidão e organizaram uma sociedade alternativa (Luiz, 2013). Essa visão tradicional associa quilombos a refúgios de resistência, onde os fugitivos criavam suas próprias estruturas sociais e culturais.

Para alguns moradores, o termo “quilombola” carregava uma conotação negativa, relacionada a grupos de fugitivos, durante o período colonial, mas, com a Constituição Federal de 1988 esse termo foi ressignificado, criando a categoria de “remanescentes de quilombos” e reconhecendo os direitos territoriais dessas comunidades. Essa mudança representou um marco importante na luta pelo reconhecimento e valorização das comunidades quilombolas. A organização da comunidade baseia-se na construção de redes de parentesco e solidariedade, essenciais para garantir a subsistência e a proteção contra as ameaças externas. Segundo Nascimento (2015, p.15):

[...] os quilombos, além de espaços de fuga e resistência, constituíram-se em verdadeiros territórios de liberdade, onde os africanos e seus descendentes reconstruíram suas culturas, desenvolvendo modos de vida próprios e estratégias de resistência.

Essa dinâmica permitiu a manutenção das tradições, transmitidas de geração em geração, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a identidade quilombola. (Nascimento, 2015) A territorialidade quilombola de Caiana dos Crioulos ultrapassa a questão meramente geográfica, sendo abrangida como um espaço de pertencimento e preservação cultural. Para os moradores, a terra representa não apenas o meio de subsistência, mas também um elemento sagrado, carregado de

memórias e significados que fortalecem as relações comunitárias. Conforme Silva e Oliveira (2019, p.103): “O território quilombola é um espaço de luta e resistência, onde a ancestralidade e a identidade são reafirmadas cotidianamente por meio de práticas socioculturais e econômicas que desafiam as imposições da sociedade dominante.”

O território quilombola é um espaço de luta e resistência, onde ancestralidade e identidade são reafirmadas diariamente, isso destaca a importância desses locais para a preservação da cultura afro-brasileira e a luta por direitos. O reconhecimento oficial dessas terras, entretanto, continua sendo um dos maiores desafios enfrentados pelas comunidades quilombolas em todo o Brasil (Silva *et al* (2019) e Oliveira, 2019).

De acordo com Guerra (2020), o Decreto nº 4.887/2003 representa um marco crucial na regulamentação dos direitos territoriais das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil. Ele foi criado para dar efetividade ao artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), que reconhece o direito dessas comunidades à propriedade de suas terras. O decreto estabelece os procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes de quilombos. Composto de 25 artigos - o último deles revogando expressamente o Decreto nº 3.912/2001 – o referido ato regulamentar dispôs, já em seu art. 2º, que:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003).

O Decreto nº 4.887/2003 estabelece diretrizes importantes para o processo de regularização fundiária das terras quilombolas no Brasil, com ênfase na participação das próprias comunidades nesse processo:

§ 1º: A caracterização de uma comunidade como remanescente de quilombo é feita por meio da autodefinição da própria comunidade. Isso significa que a identidade quilombola é reconhecida a partir da percepção e da história dos próprios membros da comunidade.

§ 2º: As terras a serem tituladas são aquelas essenciais para a garantia da reprodução física, social, econômica e cultural da comunidade. Ou seja, o

território é entendido como um espaço fundamental para a continuidade da existência da comunidade.

§ 3º: Os critérios de territorialidade indicados pela comunidade devem ser levados em consideração no processo de medição e demarcação das terras. Isso reforça a importância da participação da comunidade na definição dos limites de seu território. (Brasil, 2003).

Estudos realizados por Almeida (2021) apontam que:

[...] a demora na titulação das terras quilombolas decorre de um conjunto de fatores, incluindo a resistência de setores econômicos, a morosidade dos órgãos públicos e a ausência de uma política estatal eficiente externa para a concretização dos direitos dessas comunidades (p.62).

Almeida (2021) reforça a complexidade do processo de titulação das terras quilombolas no Brasil. A demora na regularização fundiária resulta de uma combinação de fatores, como por exemplo a resistência de setores econômicos, uma vez que muitas áreas ocupadas por comunidades quilombolas são cobiçadas por setores do agronegócio, imobiliário e outras indústrias, o que gera conflitos e pressões políticas (Almeida, 2021).

Pode-se citar também a morosidade dos órgãos públicos diante do trâmite burocrático e a falta de prioridade na regularização fundiária, que atrasam o reconhecimento oficial das terras quilombolas e, por fim, a ausência de uma política estatal eficiente: sem um compromisso efetivo do Estado, os processos de titulação tornam-se demorados e incertos, dificultando a garantia dos direitos dessas comunidades.

Essa realidade coloca em risco não apenas a permanência das famílias na terra, mas também a preservação da cultura e dos modos de vida tradicionais. A riqueza cultural de Caiana dos Crioulos se manifesta nas expressões artísticas, religiosas e festivas, que reafirmam a identidade quilombola. Festividades como a Festa de São Sebastião além da música e da dança, desempenham um papel essencial na valorização da cultura afrodescendente. Como observa Lopes (2020): “As manifestações culturais quilombolas não são apenas formas de entretenimento, mas instrumentos de resistência e afirmação identitária, funcionando como elementos fundamentais na construção da memória coletiva” (p.58).

Lopes (2020) destaca o papel essencial das manifestações culturais quilombolas como formas de resistência e preservação da identidade. Essas

expressões não se limitam ao entretenimento, mas carregam significados profundos ligados à memória coletiva e à luta por direitos, pois a cultura é tida como forma de resistência.

Figura 4 – Festividade Semana da Consciência Negra (Coco de Roda)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

As músicas, danças, festividades e rituais quilombolas, muitas vezes surgiram como formas de resistência à escravidão e continuam sendo instrumentos de luta contra a marginalização.

Figura 5 – Festividade Semana da Consciência Negra (Coco de Roda)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Outro fator importante é a memória coletiva e a identidade, uma vez que essas manifestações ajudam a manter vivas as tradições ancestrais e fortalecem a

identidade das comunidades quilombolas, transmitindo conhecimentos e valores às novas gerações (Lopes, 2020).

Figura 6 - Festa do Coco



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Essas práticas fortalecem os laços comunitários e garantem a continuidade dos saberes ancestrais, fundamentais para a manutenção da identidade de Caiana dos Crioulos. Outro aspecto fundamental da organização social da comunidade é a participação ativa das mulheres quilombolas, que desempenham papéis centrais na preservação cultural, na transmissão de saberes e na luta por direitos (Souza 2017). As mulheres de Caiana dos Crioulos lideraram iniciativas distintas para a educação, a sustentabilidade e o empreendedorismo comunitário, garantindo a geração de renda e o fortalecimento da economia local.

Figura 7 - Festa do Coco



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Como destaca Souza (2017, 53): “As mulheres quilombolas são agentes essenciais na construção da identidade coletiva, exercendo funções que vão além do trabalho doméstico, assumindo a liderança em movimentos sociais e na defesa dos territórios.”

Figura 8 - Festa do Coco



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Souza (2017) enfatiza o protagonismo das mulheres quilombolas na preservação da identidade coletiva e na luta por direitos. Elas desempenham papéis fundamentais que vão muito além do trabalho doméstico, sendo agentes ativas na organização comunitária, na defesa dos territórios e na manutenção das tradições

culturais, onde estão à frente de associações, cooperativas e movimentos sociais que lutam pelo reconhecimento territorial e pela melhoria das condições de vida das comunidades, além de reivindicarem direitos fundiários. As mulheres quilombolas são guardiãs dos saberes tradicionais, da agricultura sustentável e da preservação ambiental, enfrentando desafios como o racismo, o machismo e a invisibilidade social, mas seguem fortalecendo suas comunidades por meio da educação, do empreendedorismo e da transmissão de saberes ancestrais.

Dessa forma, a resistência quilombola se constrói a partir de uma perspectiva coletiva, na qual o protagonismo feminino desempenha um papel crucial, pois, a resistência quilombola não é apenas uma luta pela terra, mas também pela preservação da identidade, da cultura e dos modos de vida tradicionais. Nesse contexto, o protagonismo feminino se destaca como um pilar fundamental, já que as mulheres quilombolas não só mantêm vivas as tradições e os saberes ancestrais, mas também lideram movimentos sociais, articulam políticas públicas e promovem a educação comunitária.

A situação socioeconômica de Caiana dos Crioulos reflete as dificuldades enfrentadas por muitas comunidades quilombolas no Brasil. A carência de infraestrutura, o acesso limitado a serviços básicos, como educação e saúde, e as dificuldades para escoamento da produção agrícola são desafios cotidianos para os moradores. De acordo com Oliveira (2019, p.104):

As políticas públicas externas para as comunidades quilombolas ainda são insuficientes para garantir condições dignas de vida, sendo necessário um esforço conjunto entre governo e sociedade civil para garantir a inclusão dessas populações.

O autor supracitado ressalta a insuficiência das políticas públicas voltadas para as comunidades quilombolas e a necessidade de um esforço coletivo para promover sua inclusão e garantir condições dignas de vida. Embora existam programas de reconhecimento territorial, acesso à educação e saúde, suas implementações são, muitas vezes, precárias, dificultando a efetivação dos direitos quilombolas, uma vez que o fortalecimento das comunidades quilombolas exige políticas mais eficazes e a atuação de organizações não governamentais,

movimentos sociais e iniciativas comunitárias que impulsionem mudanças (Oliveira, 2019).

Apesar dessas adversidades, a resiliência da comunidade tem sido um fator determinante para a continuidade de sua luta por direitos e melhores condições de vida. Projetos de valorização da cultura afro-brasileira e iniciativas de fortalecimento da identidade quilombola desempenham um papel fundamental na visibilidade da comunidade Caiana dos Crioulos (Oliveira, 2019). A criação de programas educacionais e culturais tem sido essencial para a preservação da história e dos saberes tradicionais da comunidade.

Esses programas não apenas promovem o reconhecimento da identidade quilombola, mas também contribuem para o empoderamento social e econômico da população local (Tavares *et al.*, 2022). São programas que incorporam a história, a cultura e os valores quilombolas no currículo escolar, fortalecendo o senso de pertencimento entre os jovens, assim como ações que resgatam e promovem expressões culturais como a dança, a música, o artesanato e a culinária tradicional e o incentivo a práticas agrícolas tradicionais e ao turismo comunitário como formas de geração de renda e autonomia. Como afirmam Tavares *et al.* (2022, p.49): “A valorização da história e da cultura quilombola nas escolas é um instrumento poderoso para a construção da autoestima das novas gerações e para a superação do racismo estrutural que ainda marginaliza essas populações.”

Tavares *et al.*, (2022) destacam a importância da valorização da história e da cultura quilombola no ambiente escolar como uma ferramenta fundamental para fortalecer a identidade das novas gerações e combater o racismo estrutural, fortalecendo a identidade cultural dos estudantes e promovendo um ensino mais plural e inclusivo, uma vez que, ao trazer narrativas históricas e culturais que valorizam a herança afro-brasileira, a escola contribui para desconstruir estereótipos e combater a marginalização dessas comunidades uma vez que temos a Lei 10.639/2003, um marco legal que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, sendo um avanço na luta contra o apagamento da memória quilombola.

Essas iniciativas demonstram a importância do reconhecimento da cultura quilombola como parte essencial da identidade nacional. Além da valorização cultural, o fortalecimento da identidade quilombola passa pela luta por políticas

públicas efetivas que garantem a inclusão e o desenvolvimento da comunidade (Tavares *et al.*, 2022). O reconhecimento formal das terras, a implementação de programas de incentivo à produção agrícola sustentável e a criação de mecanismos de fomento à economia local são medidas essenciais para garantir a autonomia de Caiana dos Crioulos. Segundo Costa (2023, p. 45): “O desenvolvimento das comunidades quilombolas depende da implementação de políticas integradas, que promovam a regularização fundiária, o acesso a direitos básicos e o fortalecimento da identidade cultural.”

Costa (2023) reforça a necessidade de uma abordagem integrada para o desenvolvimento das comunidades quilombolas, que envolva não apenas a regularização fundiária, mas também o acesso a direitos básicos e o fortalecimento da identidade cultural, como a titulação das terras quilombolas. Esse fator é essencial para garantir a segurança territorial das comunidades, protegendo-as contra conflitos fundiários e possibilitando a continuidade de suas práticas culturais e econômicas.

Ressaltamos que a implementação de políticas públicas eficazes, aliada ao envolvimento da sociedade civil e das próprias comunidades, é essencial para garantir a dignidade e a autonomia quilombola (Costa, 2023). Apenas por meio de um conjunto de ações estruturadas será possível garantir a permanência e o bem-estar das populações quilombolas.

Dessa forma, Caiana dos Crioulos representa um dos mais importantes territórios quilombolas da Paraíba, simbolizando resistência, ancestralidade e pertencimento. A trajetória da comunidade evidencia a importância da valorização das identidades quilombolas e da implementação de políticas que assegurem a preservação de seus territórios e culturas (Costa, 2023). Apesar dos desafios enfrentados, a força dos moradores, a riqueza cultural e a luta por direitos reafirmam o papel fundamental de Caiana dos Crioulos na História do Brasil. Como ressalta Nunes (2019, p.36): “O reconhecimento e a valorização das comunidades quilombolas são passos essenciais para a construção de uma sociedade mais justa, onde a diversidade cultural e a ancestralidade sejam respeitadas e promovidas.”

O autor enfatiza a importância do reconhecimento e da valorização das comunidades quilombolas como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, pois ao promover e difundir as expressões culturais

quilombolas, como a música, a dança, a culinária e os saberes tradicionais, pode-se contribuir para o fortalecimento da identidade e o combate ao preconceito e reconhecimento da contribuição histórica dos quilombolas na formação da sociedade brasileira, que é essencial para combater o racismo estrutural e fortalecer políticas públicas voltadas à equidade (Nunes, 2019).

3.2 Nos territórios de Caiana - Os saberes e as práticas de ações sustentáveis na geração de renda na comunidade

Figura 9 – Mulheres de Caiana



Fonte: Instagram @quilombocaiana (2024).

A sustentabilidade tem sido um dos pilares fundamentais para a manutenção da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. Diante dos desafios socioeconômicos enfrentados pelos moradores, estratégias sustentáveis de geração de renda têm sido adotadas, associando práticas tradicionais de agricultura com novos modelos de economia solidária. Essas ações não apenas garantem a subsistência das famílias, mas também preservam o meio ambiente e valorizam o conhecimento ancestral.

Como destaca Santos (2020, p.150), “a sustentabilidade nos quilombos não se resume à preservação ambiental, mas está diretamente relacionada à

sobrevivência cultural e econômica dessas comunidades.” Para o autor é importante estabelecer uma visão holística da sustentabilidade nos territórios quilombolas. Essa perspectiva reconhece a interconexão entre meio ambiente, cultura e economia e destaca a necessidade de abordar a sustentabilidade de forma integrada, já que as comunidades quilombolas possuem um profundo conhecimento sobre o meio ambiente e desenvolvem práticas de manejo sustentável dos recursos naturais, tendo em vista que preservação ambiental é essencial para a manutenção da biodiversidade e para a garantia da segurança alimentar das comunidades (Santos, 2020)

As atividades econômicas desenvolvidas nos territórios quilombolas, como a agricultura familiar, o extrativismo e o artesanato, estão diretamente relacionadas à cultura e ao meio ambiente, uma vez que a sustentabilidade econômica visa garantir a geração de renda e o bem-estar das comunidades, de forma a respeitar os limites do meio ambiente e a valorizar a cultura local.

Figura 10 – Restaurante Rita de Chicó



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A Agroecologia desempenha um papel essencial na estrutura produtiva de Caiana dos Crioulos, sendo baseada em práticas de cultivo que respeitam a biodiversidade local. A utilização de adubos orgânicos, o cultivo consorciado e a rotação de culturas são estratégias que minimizam os impactos ambientais e garantem a fertilidade do solo, isso reflete a profunda conexão da comunidade com

a terra e a busca por práticas sustentáveis (Santos, 2020). A adoção de técnicas agroecológicas não apenas garante a segurança alimentar, mas também fortalece a identidade cultural e a autonomia da comunidade. Para Oliveira (2019, p. 43) “As práticas agroecológicas adotadas pelas comunidades quilombolas representam não apenas uma alternativa econômica viável, mas também uma forma de resistência ao agronegócio predatório e às mudanças climáticas.”

O autor ainda destaca o papel fundamental das práticas agroecológicas adotadas pelas comunidades quilombolas, não apenas como uma alternativa econômica, mas também como uma forma de resistência. Essas práticas representam uma maneira sustentável e autônoma de produzir alimentos, além de serem um movimento contra os impactos negativos do agronegócio e das mudanças climáticas (Oliveira, 2019).

As práticas agroecológicas quilombolas são uma forma de resistência ao modelo de produção industrial e predatório do agronegócio, que muitas vezes destrói o meio ambiente e viola direitos territoriais. Essa comunidade ao adotar a agroecologia, não só garante uma alimentação saudável e sustentável, mas também ajuda a mitigar os efeitos das mudanças climáticas, preservando o solo e os recursos naturais, proporcionando às comunidades quilombolas a capacidade de se sustentarem de forma independente, sem depender de grandes corporações, além de possibilitar o fortalecimento da economia local (Oliveira, 2019).

Esse modelo de produção sustentável permite que a comunidade reduza sua dependência de insumos externos e valorize os conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações. A adoção de um modelo de produção sustentável, como a Agroecologia, em comunidades como Caiana dos Crioulos, traz benefícios significativos que vão além da simples produção de alimentos.

Ao utilizar técnicas como adubação orgânica, o cultivo consorciado e a rotação de culturas, a comunidade diminui a necessidade de agrotóxicos e fertilizantes químicos, que geralmente são adquiridos fora da comunidade. Isso fortalece a autonomia da comunidade, reduzindo os custos de produção e os riscos associados à dependência de insumos externos (Oliveira, 2019).

A Agroecologia valoriza os conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações, que são adaptados às condições locais e respeitam o equilíbrio do

ecossistema. Esse modelo de produção reconhece a importância da sabedoria ancestral e contribui para a preservação da cultura quilombola.

As mulheres quilombolas de Caiana dos Crioulos têm um papel central na implementação de práticas sustentáveis externas à geração de renda. A atuação dessas mulheres demonstra a importância do protagonismo feminino na construção de um modelo de desenvolvimento sustentável. Ao valorizarem os conhecimentos tradicionais e as práticas sustentáveis, as mulheres quilombolas contribuem para a preservação da cultura afro-brasileira e a garantia dos direitos das comunidades quilombolas.

Figura 11 – Trancista



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

A organização de feiras comunitárias, a produção de alimentos orgânicos e o artesanato são algumas das atividades desenvolvidas para garantir a autonomia econômica e fortalecer a identidade cultural da comunidade.

Figura 12 – Casa de farinha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

É preciso entender o papel crucial das mulheres quilombolas como agentes de transformação social, especialmente em práticas que buscam equilibrar preservação ambiental e desenvolvimento econômico. As mulheres em comunidades quilombolas desempenham um papel vital na sustentabilidade e na promoção de uma economia solidária, tendo um impacto significativo na melhoria da qualidade de vida e na proteção do meio ambiente. Ao promoverem práticas sustentáveis e organizarem suas comunidades, as mulheres quilombolas também desempenham um papel importante no empoderamento das gerações futuras, fortalecendo a identidade e a autonomia das comunidades quilombolas (Tavares 2021).

Figura 13 – Casa de farinha (Vista externa)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Conforme relata Tavares (2021, p.39), “as mulheres quilombolas se destacam como agentes de transformação social, promovendo práticas sustentáveis que equilibram a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico”.

Esse protagonismo feminino contribuiu significativamente para a dinamização da economia local e para a permanência das famílias no território. O protagonismo feminino nas comunidades quilombolas é um exemplo de como a igualdade de gênero e o desenvolvimento sustentável podem caminhar juntos (Tavares, 2021).

Ao valorizar o papel das mulheres, as comunidades quilombolas fortalecem sua identidade, preservam sua cultura e garantem um futuro mais próspero para as próximas gerações. O turismo de base comunitária surge como uma alternativa sustentável para a economia de Caiana dos Crioulos. Projetos como o *Vivenciando Caiana* possibilitam que os visitantes tenham uma experiência imersiva na cultura quilombola, conhecendo seu modo de vida, suas tradições e seus saberes ancestrais.

Figura 14 – Vivenciando Caiana, folder do Instagram



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana ,2024).

Além de gerar renda para os moradores, essa iniciativa fortalece a identidade comunitária e promove o reconhecimento da importância histórica dos quilombos. Como aponta Souza (2015, p. 63): “o turismo comunitário em territórios quilombolas não é apenas uma estratégia econômica, mas uma ferramenta de fortalecimento da identidade e de empoderamento social”.

Figura 15 – Vivenciando Caiana, folder do Instagram



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana ,2024).

De acordo com Souza (2015), o turismo comunitário em territórios quilombolas é uma prática que vai além da estratégia econômica, ele é visto também como uma

ferramenta de fortalecimento da identidade e empoderamento social das comunidades. O turismo comunitário, quando implementado de forma participativa e respeitosa, pode trazer benefícios significativos para as populações quilombolas, oferecendo uma oportunidade para as comunidades quilombolas compartilharem suas histórias, tradições e saberes com os visitantes, promovendo o reconhecimento de sua cultura e história, e contribuindo para o fortalecimento do senso de pertencimento entre os membros da comunidade.

A produção artesanal também se configura como uma atividade econômica relevante para a comunidade, sendo um reflexo da criatividade e do patrimônio cultural quilombola. É através do artesanato que essas mulheres refletem a rica história e as tradições ancestrais. Cada peça artesanal carrega significados simbólicos e representa a identidade cultural quilombola. O artesanato local inclui a confecção de cestarias, peças de cerâmica e tecidos bordados, utilizando materiais naturais disponíveis na região.

Figura16 – Artesanato de Caiana dos Crioulos



Fonte: Nascimento (e equipe, 2009).

Segundo Ferreira (2020, p. 44), “o artesanato quilombola transcende a função comercial, pois carrega significados históricos e simbólicos que reforçam a identidade e a ancestralidade dos seus produtores”. Dessa forma, essa atividade não apenas gera renda, mas também contribui para a preservação dos saberes e técnicas tradicionais. O artesanato quilombola é uma expressão da resistência cultural e da luta pela preservação da identidade dessas comunidades. A

valorização do artesanato quilombola contribui para o reconhecimento e o respeito à diversidade cultural do Brasil.

O fortalecimento da economia quilombola depende, em grande medida, da implementação de políticas públicas que incentivem a sustentabilidade e a inclusão produtiva da comunidade (Ferreira, 2020). O acesso aos créditos rurais, às capacitações técnicas e aos mercados solidários são fatores essenciais para garantir a continuidade das práticas sustentáveis em Caiana dos Crioulos. De acordo com Tavares (2021, p.117): “A ausência de políticas públicas eficazes para comunidades quilombolas compromete sua capacidade de desenvolvimento econômico, perpetuando um ciclo de marginalização e exclusão social.”

Para o autor, a ausência de políticas públicas eficazes para as comunidades quilombolas compromete seu desenvolvimento econômico e perpetua um ciclo de marginalização e exclusão social. Esse problema reflete as desigualdades históricas e estruturais que essas comunidades enfrentam no Brasil (Tavares, 2021). O apoio governamental e a participação de organizações sociais são fundamentais para ampliar as oportunidades de geração de renda na comunidade.

Além das iniciativas locais, as parcerias institucionais têm condições de potencializar o desenvolvimento sustentável da comunidade. Universidades e organizações não governamentais têm projetos desenvolvidos que buscam integrar inovação e conhecimento tradicional, fortalecendo a economia quilombola. Estudos de Costa, Andrade e Andrade (2024, p.83) demonstram que “A cooperação entre comunidades quilombolas e instituições acadêmicas tem sido um elemento-chave para a implementação de práticas produtivas mais eficientes e para a ampliação das oportunidades de mercado.”

Costa, Andrade e Andrade (2024) evidenciam a importância da cooperação entre comunidades quilombolas e instituições acadêmicas como um fator crucial para o desenvolvimento de práticas produtivas mais eficientes e para a ampliação das oportunidades de mercado. Essa parceria tem o potencial de trazer benefícios mútuos, tanto para as comunidades, quanto para as instituições de ensino, por meio da troca de conhecimentos e da implementação de soluções sustentáveis.

A colaboração com universidades e centros de pesquisa pode ajudar as comunidades quilombolas a incorporar novas tecnologias sustentáveis e práticas agroecológicas, aumentando a produtividade e a eficiência das atividades

econômicas, como a agricultura e o artesanato (Costa, 2024). Essas instituições acadêmicas podem apoiar as comunidades no desenvolvimento de novos produtos ou no aprimoramento de produtos tradicionais, além de ajudar na acessibilidade a novos mercados, seja por meio de certificações, marketing ou acesso a feiras e exposições.

Isto promove o empoderamento das comunidades, pois elas se tornam protagonistas do processo de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que ampliam suas oportunidades de geração de renda e autonomia econômica. Essas iniciativas foram propostas para a superação de desafios estruturais e para a construção de um futuro mais sustentável para os moradores de Caiana dos Crioulos.

A educação ambiental também se destaca como um aspecto fundamental na manutenção das práticas sustentáveis da comunidade. A transmissão de conhecimentos sobre o manejo da terra, a conservação da água e a utilização de técnicas ecológicas são ensinamentos passados de geração em geração.

Segundo Nascimento (2015, p.38), “a educação ambiental quilombola é um elemento central para a construção de um modelo de desenvolvimento que respeite a natureza e garanta a continuidade da identidade cultural”. Assim, os saberes ancestrais são preservados e adaptados às novas demandas socioeconômicas da comunidade.

Os desafios enfrentados por Caiana dos Crioulos na busca pela sustentabilidade econômica incluem a falta de infraestrutura adequada, a dificuldade de acesso aos mercados consumidores e a concorrência com grandes produtores agrícolas. No entanto, a resiliência da comunidade e o engajamento dos moradores em projetos de valorização cultural e desenvolvimento sustentável têm avanços garantidos.

Conforme destaca Ribeiro (2024, p.142), “as comunidades quilombolas demonstram uma capacidade única de adaptação e inovação, encontrando maneiras criativas de enfrentar desafios e garantir a continuidade de seus modos de vida” Ribeiro (2024) destaca a capacidade de adaptação e inovação das comunidades quilombolas, que, apesar dos desafios enfrentados, conseguem encontrar maneiras criativas de garantir a continuidade de seus modos de vida.

Essa resiliência e criatividade são elementos centrais para a sobrevivência e o fortalecimento dessas comunidades, mesmo diante de adversidades como a

marginalização social, a falta de políticas públicas eficazes e os impactos do desenvolvimento predatório. Dessa forma, a luta pela sustentabilidade se torna uma ferramenta de resistência e fortalecimento da comunidade.

Podemos compreender que a sustentabilidade em Caiana dos Crioulos é um reflexo da integração entre saberes tradicionais e novas estratégias. A Agroecologia, o turismo comunitário, o artesanato e a economia solidária são práticas que reforçam a autonomia dos moradores e promovem o desenvolvimento sustentável da comunidade, pois essas práticas valorizam os conhecimentos e técnicas tradicionais, contribuindo para a preservação da cultura quilombola, como também atuam na geração de renda para essas comunidades, melhorando as condições de vida das famílias.

Apesar dos desafios, a determinação e o protagonismo dos quilombolas demonstram a importância da preservação dos territórios e da implementação de políticas públicas eficazes. Como ressalta Cardoso (2001, p.63), “a sustentabilidade nos quilombos deve ser entendida como um compromisso coletivo, no qual o fortalecimento das comunidades, o respeito ao meio ambiente e a valorização da cultura são elementos inseparáveis”. Dessa forma, a trajetória de Caiana dos Crioulos continua sendo um exemplo de resistência, inovação e preservação do patrimônio quilombola.

3.3 Educação e identidade quilombola em Caiana dos Crioulos

A educação tem um papel essencial na valorização da identidade quilombola e na manutenção das tradições culturais da comunidade de Caiana dos Crioulos. O acesso a uma educação que respeite e contemple a realidade quilombola é fundamental para garantir que as novas gerações possam fortalecer seu pertencimento e reivindicação de seus direitos. No entanto, a trajetória da educação quilombola no Brasil tem sido marcada por desafios, como a falta de materiais didáticos específicos e a carência de professores capacitados para trabalhar a diversidade cultural no ambiente escolar.

Figura 17 – EMEIF Firmo Santino da Silva



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Como destaca Silva *et al.* (2019, p.13): “[...] a educação quilombola deve ser um espaço de construção de identidade, onde a história e a cultura afro-brasileira sejam elementos centrais do currículo, promovendo o reconhecimento e a valorização da ancestralidade”.

Reforçando a importância de a educação quilombola ser um espaço de fortalecimento e reafirmação da identidade, utilizando a história e a cultura afro-brasileira como elementos fundamentais do currículo, essa abordagem vai além de simplesmente transmitir conhecimento; ela busca promover o reconhecimento da ancestralidade e a ressignificação de práticas culturais que, muitas vezes, foram marginalizadas ou esquecidas ao longo da história. Ao integrar essas vivências e saberes no processo educacional, a educação quilombola não só contribui para a construção de uma identidade coletiva, mas também reforça a valorização das contribuições dos afro-brasileiros para a sociedade, criando um ambiente de respeito e afirmação cultural. Assim, ao valorizar a ancestralidade, a educação quilombola não apenas forma indivíduos conscientes de suas raízes, mas também fortalece a luta pela equidade e pelos direitos das comunidades quilombolas no Brasil.

Figura 18 – EMEIF Firmo Santino da Silva



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

O autor enfatiza que a educação quilombola deve ser um espaço essencial para a construção da identidade, onde a história e a cultura afro-brasileira ocupem um lugar central no currículo escolar. Esse enfoque busca promover o reconhecimento e valorização da ancestralidade, essencial para fortalecer a autoestima e a identidade das novas gerações quilombolas, além de contribuir para a superação do racismo estrutural (Silva *et al.*, 2019).

Ao adotar uma educação que prioriza a cultura e história afro-brasileira, as escolas quilombolas não apenas ensinam conteúdos acadêmicos, mas também empoderam seus alunos a serem agentes de mudança em suas comunidades e na sociedade como um todo. (Silva *et al.*, 2019). Essa abordagem pedagógica é fundamental para garantir que as comunidades quilombolas mantenham suas tradições vivas, ao mesmo tempo que possibilitam aos seus membros uma educação que os prepare para o mundo moderno sem perder suas raízes culturais.

A implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, representou um avanço significativo para o reconhecimento da identidade quilombola na educação formal. No entanto, a efetividade dessa legislação ainda encontra entraves, especialmente nas escolas localizadas em comunidades tradicionais. A ausência de políticas públicas eficazes para garantir a formação continuada de professores e a escassez de materiais

didáticos contextualizados dificultam a inserção plena da cultura quilombola no currículo escolar.

Como aponta Santos (2020, p.47) “embora a legislação represente um avanço, sua aplicação enfrenta resistências e limitações estruturais que comprometem o ensino da história e da cultura afro-brasileira no cotidiano escolar”. Santos (2020) destaca um ponto crucial sobre a implementação da legislação que obriga o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas. Apesar de ser um avanço significativo, sua aplicação enfrenta resistências e limitações estruturais que dificultam sua efetividade no cotidiano escolar. Isso reflete as dificuldades que muitas instituições de ensino ainda têm para garantir um ensino verdadeiramente inclusivo e representativo das culturas afro-brasileiras.

A resistência e as limitações mencionadas por Santos (2020) mostram que, embora a legislação seja um marco, sua verdadeira efetividade depende da superação de desafios, tanto no nível institucional quanto no nível social. A escola quilombola deve ser um espaço de fortalecimento cultural, onde os alunos possam se refletir na história e na realidade da comunidade.

Em Caiana dos Crioulos, os conhecimentos ocorrem tanto na escola quanto no ambiente comunitário, onde os mais velhos desempenham um papel fundamental na preservação dos saberes ancestrais. A oralidade, as práticas agrícolas, a música e a religiosidade são aspectos que devem ser valorizados no contexto educacional, garantindo que os jovens quilombolas tenham acesso a uma educação que respeite sua identidade e sua cultura. Conforme destaca Tavares (2021, 128),

A escola quilombola precisa ir além do currículo tradicional, incorporando práticas pedagógicas que valorizam a cultura e a história dos povos quilombolas, permitindo que os estudantes se sintam representados e pertençam a um legado de resistência.

Tavares (2021) ressalta a importância de romper com o currículo tradicional e incorporar práticas pedagógicas que valorizem a cultura e a história dos povos quilombolas, garantindo que os estudantes se sintam representados e reconheçam seu legado de resistência. Esse tipo de educação é fundamental para fortalecer a identidade e a autoestima dos alunos quilombolas, além de promover um ensino mais inclusivo e transformador (Tavares, 2021).

Essa proposta de uma educação mais representativa e contextualizada é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde as diversas culturas e histórias sejam reconhecidas e respeitadas. Além da educação formal, os espaços comunitários são fundamentais para a troca de identidade e conhecimentos para o fortalecimento quilombola.

Projetos educacionais desenvolvidos na própria comunidade, como oficinas de artesanato, grupos de estudo sobre a história quilombola e iniciativas de valorização da cultura afro-brasileira, trazem benefícios para a formação de uma consciência coletiva e para a preservação das tradições locais. Dessa forma, a educação em Caiana dos Crioulos não se restringe à escola, mas se estende para a comunidade como um todo, sendo um elemento essencial para a continuidade da identidade quilombola.

Como afirma Oliveira (2019, p.72), “a educação quilombola vai além da sala de aula; ela é construída no cotidiano da comunidade, por meio das relações sociais e das práticas culturais que fortalecem os laços identitários”. Oliveira (2019) enfatiza que a educação quilombola não se limita ao ambiente escolar formal, mas é construída no cotidiano da comunidade, através das relações sociais e das práticas culturais que fortalecem os laços identitários.

Isso destaca a importância de um processo educacional que transcende os muros da escola, envolvendo toda a comunidade no processo de aprendizado (Oliveira, 2019). A educação quilombola, nesse contexto, vai além do ensino formal, sendo integrada à vida comunitária e centrada em valores de resistência e identidade cultural. Esse processo ajuda a fortalecer a autoestima e a autossuficiência das comunidades, além de garantir a perpetuação de suas tradições.

A formação docente para atuar em comunidades quilombolas ainda é um desafio relevante. Muitos professores que trabalham em escolas quilombolas não possuem formação específica para lidar com a diversidade cultural, o que pode resultar na reprodução de modelos educacionais que não contemplam a realidade dos estudantes quilombolas. Segundo Costa (2021, p.93): “A ausência de uma abordagem pedagógica voltada para a cultura quilombola na formação de professores exige a implementação de práticas educacionais que valorizem o conhecimento tradicional dessas comunidades.”

Para Costa (2021) existe uma questão central para a efetividade da educação quilombola, que é a ausência de uma abordagem pedagógica voltada para a cultura quilombola na formação de professores. Isso mostra a necessidade urgente de implementação de práticas educacionais que valorizem o conhecimento tradicional dessas comunidades, com o objetivo de promover uma educação mais inclusiva e contextualizada.

Ao integrar os conhecimentos tradicionais quilombolas na formação de professores, é possível desconstruir preconceitos e estigmas que muitas vezes marginalizam a cultura negra e quilombola, promovendo uma maior valorização da diversidade cultural nas escolas e na sociedade como um todo. De acordo com Tavares (2021, p. 108):

É fundamental discutir e refletir sobre a formação dos professores voltada para as questões étnico-raciais e debater sobre o quilombo, porque isso possibilitará que docentes que atuam em escolas quilombolas possam reconhecer a importância desses conhecimentos e trabalhar em sala de aula de escola de quilombo esses saberes, o que permite que esse tipo de infância valorize os saberes adquiridos por ela nesse local. Quando os professores de uma escola quilombola se articulam com a comunidade onde ela está inserida e procuram conhecer seus saberes, passam a contribuir, de forma ativa, para construir a identidade da criança negra quilombola em sua sala de aula.

Essa lacuna evidencia a necessidade de políticas públicas que garantam uma formação mais ampla e adequada aos docentes que atuam nesses territórios. Outro fator importante é a participação da comunidade na construção do Projeto Pedagógico da Escola Firmo Santino da Silva, enfatizando a importância da valorização da identidade negra na formação docente, incluindo o reconhecimento do cabelo e do corpo negro no ambiente escolar. Além disso, é importante mostrar a relevância da relação intergeracional entre crianças e idosos da comunidade, trazendo seus saberes para dentro da escola.

Em Caiana dos Crioulos, a escola deve ser vista como um espaço de resistência, onde os moradores podem contribuir para a definição das práticas educacionais e curriculares. O envolvimento dos líderes comunitários, das mulheres quilombolas e dos mais velhos é essencial para garantir que a educação escolar esteja alinhada com os valores e saberes da comunidade.

Segundo Ferreira (2020, p. 18): “[...] a participação da comunidade quilombola na educação é fundamental para que a escola seja um reflexo da identidade local e não um instrumento de imposição de valores externos.”

Os autores supracitados ressaltam a importância da participação ativa da comunidade quilombola na construção do processo educativo. Para que a escola seja um reflexo da identidade local, é essencial que os próprios membros da comunidade se envolvam, garantindo que o ensino não se torne um instrumento de imposição de valores externos que não respeitem as especificidades culturais e históricas dessas comunidades.

A infraestrutura precária das escolas quilombolas também é um obstáculo para a oferta de uma educação de qualidade. Muitas escolas localizadas em comunidades tradicionais carecem de recursos básicos, como bibliotecas, materiais pedagógicos específicos e acesso à tecnologia. Essa realidade compromete a aprendizagem dos alunos e limita suas oportunidades de desenvolvimento acadêmico.

De acordo com Ribeiro (2024, p.53), “o investimento na infraestrutura escolar quilombola deve ser uma prioridade das políticas educacionais, garantindo que os estudantes tenham condições adequadas para aprender e desenvolver suas habilidades.” Ribeiro (2024) destaca a importância de priorizar o investimento na infraestrutura escolar nas comunidades quilombolas.

Para que os estudantes possam aprender e desenvolver suas habilidades de forma efetiva, é fundamental que a infraestrutura escolar seja adequada, oferecendo condições dignas e funcionais para o processo de ensino-aprendizagem, garantindo não apenas espaços físicos adequados (como salas de aula, banheiros, e áreas de recreação), mas também recursos como materiais pedagógicos, equipamentos tecnológicos e acesso à *internet*, que são fundamentais para uma educação de qualidade (Ribeiro, 2024).

Investir na infraestrutura das escolas quilombolas é essencial para que os estudantes possam desenvolver todo o seu potencial de forma plena, com igualdade de condições para alcançar seus objetivos educacionais e profissionais. A resistência quilombola na área de educação se expressa por meio da luta por um currículo diferenciado, que valoriza os conhecimentos tradicionais e reconheça a história das comunidades afrodescendentes no Brasil.

Os quilombolas de Caiana dos Crioulos reivindicam um modelo educacional que não inclua apenas a cultura afro-brasileira como parte do ensino formal, mas que também promova uma educação antirracista e decolonial. Como destaca Nascimento (2015, p. 39), “a educação quilombola deve romper com os modelos eurocêntricos e colonizadores, promovendo uma pedagogia que reconheça os saberes ancestrais e a importância da resistência quilombola”.

É fundamental apontar para a necessidade de romper com os modelos eurocêntricos e colonizadores na educação quilombola, promovendo uma pedagogia que reconheça os saberes ancestrais e a importância da resistência quilombola. Isso implica em uma mudança profunda na forma como a educação é estruturada e ensinada, especialmente no contexto das comunidades quilombolas, pois, para implementar essa pedagogia, é essencial que os professores também recebam uma formação que os prepare para ensinar de forma intercultural e descolonizada, incorporando os saberes e valores quilombolas na sua prática pedagógica (Nascimento, 2015).

Diante desses desafios e avanços, a comunidade de Caiana dos Crioulos tem buscado fortalecer suas práticas educacionais por meio da articulação com universidades, movimentos sociais e órgãos públicos. Essas parcerias possibilitaram a realização de projetos de pesquisa, oficinas de formação para professores e produção de materiais didáticos que atendem às especificidades da comunidade. Segundo Cardoso (2001, p.16), “A interação entre as comunidades quilombolas e as instituições acadêmicas têm se mostrado um caminho eficaz para promover uma educação de qualidade, pautada na valorização da identidade e da cultura afrodescendente.”

Portanto, a educação quilombola em Caiana dos Crioulos é um instrumento de resistência e empoderamento, que fortalece a identidade cultural e possibilita a reivindicação de direitos. Apesar das dificuldades estruturais e da necessidade de maior investimento público, a comunidade segue empenhada na construção de um modelo educacional que dialoga com sua história e tradições. Como ressalta Souza (2015, p. 28): “A luta pela educação quilombola é a luta pela preservação da memória, pela valorização da identidade e pela construção de um futuro em que os saberes tradicionais e a cultura quilombola sejam respeitados e elevados.”

Dessa forma, a educação em Caiana dos Crioulos continua sendo uma ferramenta essencial para a afirmação e a continuidade da identidade quilombola. Isso reflete a luta pela educação quilombola, que reflete a importância central da educação como um instrumento de preservação cultural, de valorização da identidade e de fortalecimento da resistência quilombola.

Nesse contexto, a educação em Caiana dos Crioulos desempenha um papel fundamental, não apenas no desenvolvimento acadêmico dos estudantes, mas também na afirmação e continuidade da identidade quilombola.

Ao respeitar e elevar os saberes tradicionais, a educação quilombola oferece uma alternativa ao modelo educacional dominante, que muitas vezes marginaliza as culturas indígenas, afro-brasileiras e quilombolas. Isso também contribui para a afirmação da identidade cultural na sociedade em geral, mostrando que as culturas locais têm um valor inestimável para o futuro de uma sociedade plural.

3.4 Organização comunitária e lutas por direitos em Caiana dos Crioulos

A organização comunitária sempre foi um dos pilares da resistência quilombola, e em Caiana dos Crioulos não é diferente. A luta por direitos, principalmente no que se refere à regularização fundiária, à melhoria das condições de vida e ao acesso às políticas públicas, tem sido mobilizada na comunidade ao longo das décadas. O território é uma base de reprodução social, cultural e econômica dos quilombolas, sendo essencial para a preservação da identidade e da autonomia da comunidade.

Como aponta Almeida (2021, p. 32): “os territórios quilombolas não são apenas um espaço físico, mas um símbolo da resistência histórica e da manutenção dos saberes ancestrais, constituindo um dos elementos centrais da luta quilombola no Brasil.”

O autor ainda destaca um importante ponto acerca dos territórios quilombolas ao afirmar que eles não são apenas espaços físicos, mas representam símbolos poderosos de resistência histórica e de manutenção dos saberes ancestrais (Almeida, 2021). Os territórios quilombolas são, portanto, muito mais do que simplesmente áreas de habitação — são espaços de luta, memória e cultura, e constituem elementos centrais na luta quilombola no Brasil.

Os territórios quilombolas são muito mais do que simples áreas geográficas; eles representam símbolos de resistência, preservação cultural e luta histórica. Para as comunidades quilombolas, essas terras são fundamentais não só para sua sobrevivência material, mas para manter viva sua história, sua cultura e seus saberes ancestrais.

A regularização fundiária das terras de Caiana dos Crioulos é uma das principais reivindicações da comunidade. O reconhecimento legal da posse da terra é essencial para evitar conflitos fundiários e garantir que os quilombolas possam permanecer no território que historicamente lhes pertence. Apesar da Constituição Federal de 1988 garantir o direito à terra para as comunidades quilombolas, a morosidade dos processos administrativos e a resistência de setores econômicos dificultam a efetivação desse direito.

De acordo com Souza (2015, p. 46): “[...] a luta pela terra não é apenas uma questão jurídica, mas uma batalha pela sobrevivência cultural e social das comunidades quilombolas, que depende do território para manter suas tradições e modos de vida.” Sem o reconhecimento oficial, as comunidades ficam vulneráveis à grilagem, à exploração de recursos naturais e à expropriação.

O autor aborda um aspecto fundamental da luta quilombola, que é a luta pela terra, e que não se resume apenas a uma questão jurídica, mas é, sobretudo, uma batalha pela sobrevivência cultural e social das comunidades quilombolas. Esse ponto destaca a interconexão entre território, identidade e cultura, mostrando como o território é essencial para a preservação das tradições e dos modos de vida dessas comunidades.

A luta pela terra é um pilar essencial da luta quilombola, pois o território é o espaço onde se preserva a cultura, a história e a identidade das comunidades quilombolas. Sem o reconhecimento jurídico dessas terras, as comunidades ficam expostas à grilagem, à exploração predatória e à expropriação, o que compromete sua sobrevivência cultural e social. O reconhecimento e a titulação das terras quilombolas são, portanto, questões centrais para garantir a segurança e a autonomia das comunidades.

Além da questão fundiária, a comunidade de Caiana dos Crioulos também enfrenta desafios relacionados ao acesso à infraestrutura básica, como saneamento, saúde e transporte. A ausência de políticas públicas específicas compromete a

qualidade de vida dos quilombolas e reforça a desigualdade social. Muitas famílias ainda não possuem acesso à água potável e esgoto adequado, e a precariedade das estradas dificulta o deslocamento da população para centros urbanos próximos.

Segundo Oliveira (2019, p.28): “a precariedade da infraestrutura em comunidades quilombolas reflete um histórico de negligência do Estado, que precisa adotar políticas mais eficazes para garantir os direitos básicos a essas populações.”

Essa realidade reforça a importância da mobilização da comunidade para cobrar do poder público e reivindicar melhorias que garantam dignidade e inclusão social.

A participação em associações, como a Organização de Mulheres Negras de Caiana (OMNC) e movimentos sociais tem sido uma estratégia eficaz na busca por direitos e na luta contra a invisibilidade. Em Caiana dos Crioulos, os moradores se organizam em associações quilombolas que atuam na defesa de seus direitos, promovendo encontros, reivindicações e parcerias com organizações não governamentais e instituições acadêmicas. Essas iniciativas são fundamentais para impulsionar o poder público e garantir o cumprimento da legislação específica para as comunidades quilombolas.

Conforme destaca Nascimento (2015, p. 52): “a organização comunitária quilombola é uma ferramenta essencial para o fortalecimento da cidadania e para a construção de políticas públicas eficazes que respeitem a diversidade cultural e histórica dessas relações.”

O protagonismo feminino na luta quilombola também merece destaque. As mulheres de Caiana dos Crioulos desempenham um papel central na articulação das demandas da comunidade, organizando atividades culturais, educativas e produtivas que fortalecem a identidade quilombola e a economia local (Nascimento, 2015).

A atuação dessas mulheres se estende à defesa dos direitos territoriais e ao combate à violência de gênero, promovendo a equidade e o empoderamento feminino dentro da comunidade. Elas lideram oficinas de artesanato tradicional, como a produção de trançados e bordados, promovem rodas de conversa sobre a história e os direitos quilombolas, e coordenam grupos de agricultura familiar, garantindo a segurança alimentar da comunidade. Além disso, atuam na preservação da memória coletiva, transmitindo saberes ancestrais às novas gerações e fortalecendo a identidade quilombola por meio de celebrações culturais,

como o São João no Quilombo, a Festa do Coco e o Festival da Cultura Quilombola.

Segundo Ferreira (2020, p.82):

As mulheres quilombolas ocupam um papel fundamental na organização social, sendo agentes de resistência e transformação em seus territórios, ao mesmo tempo em que promovem a valorização da cultura e do patrimônio imaterial da comunidade

A política de educação dentro da comunidade também tem sido uma estratégia importante para fortalecer a luta quilombola, pois proporciona o empoderamento dos jovens e adultos através do acesso ao conhecimento. As escolas quilombolas, por exemplo, têm adotado práticas pedagógicas que valorizam a cultura, a história e as tradições da comunidade, formando cidadãos conscientes de seus direitos e do seu papel na luta por igualdade e justiça social.

Além disso, essas iniciativas educacionais têm incentivado o engajamento dos membros da comunidade em atividades políticas e sociais, promovendo a conscientização sobre a importância da preservação da identidade quilombola. (Tavares (2021) e Ferreira (2020). A realização de rodas de conversa, *workshops* e encontros sobre direitos territoriais e políticas públicas tem contribuído para ampliar o conhecimento da população sobre seus direitos e os mecanismos de luta política.

Como aponta Cardoso (2023, p.56): “[...] o acesso à informação e à formação política são fundamentais para que as comunidades quilombolas consigam se articular e reivindicar seus direitos diante das estruturas de poder que historicamente marginalizaram.” Dessa forma, a educação popular se torna uma ferramenta essencial para a resistência e para a construção de estratégias estratégicas de mobilização.

A articulação com outras comunidades quilombolas e movimentos sociais também tem fortalecido a luta de Caiana dos Crioulos com outras comunidades quilombolas e movimentos sociais. Essa união tem se mostrado fundamental para a conquista de direitos, a preservação da cultura e a busca por justiça social (Cardoso, 2023).

A participação em redes nacionais de defesa dos direitos quilombolas possibilita a troca de experiências e estratégias, ampliando a visibilidade das demandas da comunidade. Parcerias com organizações como a Coordenação

Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) têm sido fundamentais para garantir o apoio jurídico e político na luta pela titulação das terras e pelo acesso aos direitos fundamentais. Como menciona Ribeiro (2024, p.15): “[...] a união entre comunidades quilombolas e a construção de redes de solidariedade são essenciais para enfrentar as adversidades impostas pelo Estado e pelo setor privado, fortalecendo as lutas territoriais.”

Essa colaboração se manifesta de diversas formas e desempenha um papel fundamental na proteção dos direitos e na promoção da justiça social para essas comunidades.

Apesar dos avanços conquistados ao longo dos anos, os desafios ainda são significativos. O racismo estrutural e a exclusão histórica das comunidades quilombolas dificultam o reconhecimento pleno de seus direitos, exigindo um esforço contínuo de mobilização e resistência (Ribeiro, 2024). Além disso, uma falta de fiscalização eficiente permite que territórios quilombolas sejam ameaçados por grileiros e grandes empresas, colocando em risco a permanência de moradores no local.

Segundo Costa (2021, p.121): “[...] a luta quilombola é uma batalha constante contra a negligência estatal e os interesses privados que buscam explorar os territórios tradicionais sem considerar os direitos dessas populações.” A resistência comunitária se torna, portanto, um mecanismo de sobrevivência e preservação da cultura quilombola.

Dessa forma, a organização comunitária em Caiana dos Crioulos é um exemplo de resistência e mobilização social. A luta quilombola vai além da questão territorial e envolve também a busca por reconhecimento, valorização cultural e acesso aos direitos fundamentais (Costa, 2021). A continuidade dessa resistência é essencial para garantir que as futuras gerações possam viver em um território onde sua história, cultura e identidade sejam respeitadas e preservadas.

Como enfatiza Nunes (2019, p.89), “o fortalecimento da luta quilombola depende do engajamento coletivo e da construção de políticas públicas que garantam a permanência e o desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais”. Assim, a história de Caiana dos Crioulos continua sendo um testemunho da resiliência e da força de um povo que, apesar das adversidades, segue lutando pelo direito de existir e prosperar em seu território ancestral.

4 NARRATIVAS E SABERES ANCESTRAIS: O PROTAGONISMO FEMININO DAS MULHERES DE CAIANA DOS CRIoulos

O presente capítulo busca compreender as histórias de vida das mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos, que através de suas narrativas nos apresentam suas trajetórias de vida, ações coletivas, lutas e resistência para manter viva a memória ancestral de um povo que permanece em busca de visibilidade e de políticas públicas que lhes permitam viver em consonância com o que lhe é de direito. Para tanto, serão abordados diferentes aspectos de suas experiências, incluindo infância, juventude, trabalho e atuação comunitária.

As narrativas dessas mulheres, que participaram da pesquisa como colaboradoras, são fundamentais para compreendermos não apenas seus percursos individuais, mas também as dinâmicas coletivas que marcam sua inserção nas lideranças do Quilombo Caiana dos Crioulos e nos movimentos sociais.

Ao longo do capítulo, nosso objetivo é dar visibilidade às experiências dessas mulheres, evidenciando seu protagonismo na luta por direitos, na preservação dos saberes tradicionais e na construção de práticas agroecológicas sustentáveis. A partir de suas histórias, buscamos compreender como essas mulheres se tornam agentes de resistência e transformação social, reforçando a importância de suas vozes na manutenção da identidade cultural e na promoção da justiça social no campo.

Traçar um entendimento acerca das memórias da infância e juventude das mulheres quilombolas é essencial para que se tenha um panorama de como suas vivências moldaram suas vidas adultas. As experiências, os laços familiares e comunitários e o trabalho na agricultura são fatores indissociáveis na construção da identidade dessas mulheres.

4.1 “Ser uma mulher quilombola nos dias de hoje é você ser teimoseira, é você assumir a sua identidade” (Elza Silva, 2024): mulher quilombola, memórias e trajetórias de viver

O título desta seção é oriundo de uma fala de uma de nossas colaboradoras: Elza Silva. A fala dela remete ao lugar de ser mulher e quilombola e à luta em torno da identidade étnica. As mulheres quilombolas desempenham um papel central na

manutenção e valorização da cultura e da sustentabilidade em comunidades tradicionais como Caiana dos Crioulos. Elas são as principais responsáveis pela transmissão e preservação da memória e do conhecimento ancestral, que ocorre por meio da oralidade, das práticas comunitárias e da educação dos mais jovens. Esse saber acumulado ao longo das gerações fortalece os laços identitários e garante a continuidade das tradições.

Figura 19 - Mulheres de Caiana



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

Segundo Tavares (2021, p.129): “As mulheres quilombolas não apenas preservam a cultura e a memória coletiva, mas também atuam como agentes de resistência e transformação social, garantindo que os saberes ancestrais não sejam apagados pela modernidade.”

A partir dos relatos dessas mulheres, é possível perceber que a realidade do trabalho árduo é algo marcante na infância delas, isso permite que se trace um

panorama de desafios e resiliência. Essa experiência molda suas trajetórias e fortalece seu papel como agentes de transformação social, uma vez que, desde cedo, muitas delas foram inseridas no trabalho rural, auxiliando suas famílias em diversas atividades agrícolas (Tavares, 2021). Essa realidade contribui para a formação de uma forte conexão com a terra e com os saberes tradicionais da agricultura familiar, moldando a consciência social e política dessas mulheres, impulsionando sua atuação em movimentos sociais e na defesa de seus direitos.

Ser mulher quilombola é permanecer na luta por acesso a serviços básicos, é lutar todos os dias por igualdade de gênero, fortalecendo a sua identidade. Tudo isso foram desafios constantes na infância dessas mulheres e que ainda hoje permanecem, mas, apesar das dificuldades, essas mulheres conseguem desenvolver uma forte capacidade de resiliência e superação, como é possível perceber na fala de Elza Silva, quando lhe é perguntado o que é ser uma mulher quilombola:

Ser uma mulher quilombola nos dias de hoje é você ser teimosa, é você assumir a sua identidade, é você conhecer a sua realidade, a realidade do seu povo, é você contribuir, é você querer contribuir, é você se renovar no sentido de busca de um conhecimento para fortalecer a base, fortalecer a nossa luta em busca dos nossos direitos, pois as pessoas têm os direitos, mas esses direitos, muitas vezes, são difícil de a gente alcançar. E ser mulher quilombola é ser resistência, e ser resistência é ir em busca quando ele não está, até você é você buscar a estratégia e alcançar os seus direitos, os seus objetivos. Eu acho que é isso, ser mulher quilombola (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Elza Silva reforça em sua fala a força, a resiliência e a determinação que marcam a identidade feminina quilombola nos dias atuais. Ser mulher quilombola é, antes de tudo, um ato de resistência e afirmação, um compromisso com a luta por direitos e pela preservação da cultura ancestral. Fortalecer a luta é primordial para que outras gerações possam alcançar seus direitos. A "teimoseira" mencionada por ela, reflete a persistência e a determinação em defender a identidade e os direitos quilombolas, mesmo diante de obstáculos.

Assim como Elza Silva, Marinélia Santino, enfatiza que assumir a própria identidade é um ato de coragem e empoderamento, uma forma de resistir ao apagamento cultural e histórico.

Ser mulher quilombola, para mim, é a gente dar valor às nossas raízes que a gente tem, e agora, como a gente já sabe que ser quilombola tem um meio de nos ajudar, melhor ainda para a gente está fortalecida aqui na nossa comunidade por ser quilombola, não só por ser uma pessoa preta, mas que sabe que nossos descendentes lá atrás, eles lutaram, e a gente está dando continuidade. As mulheres lá atrás, minha mãe, meus avós, eles lutavam e não tinham muito reconhecimento. A gente, hoje, já tem. Está difícil ainda, sim, mas a gente tem muitas coisas ainda que a gente tem para lutar para a frente. Mas ser mulher quilombola é uma coisa maravilhosa que tem que permitir para a gente aqui (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala de Marinélia Santino indica um profundo senso de identidade e pertencimento, ao ressaltar a importância de valorizar as raízes ancestrais e de lutar por reconhecimento e direitos. Ser mulher quilombola, para ela, é reconhecer e honrar a história e a cultura dos seus antepassados, mantendo vivas as tradições e os saberes transmitidos ao longo das gerações. É lembrar dos antepassados como exemplos de resistência.

Para dona Josefa Nascimento, a “resistência é uma coisa que, assim, a gente nasceu e cresceu, assim, na nossa comunidade, né? É correr atrás dos nossos direitos.” (Josefa Nascimento, 2024). Resistir é reconhecer o legado de luta das mulheres quilombolas do passado, que enfrentaram o racismo e a discriminação para garantir seus direitos, é dar continuidade a essa luta, buscando o reconhecimento e a valorização da identidade quilombola nos dias de hoje. É reconhecer que, apesar dos avanços, ainda há muito a ser feito para garantir os direitos das comunidades quilombolas, como nos informa Maria Santos:

Na minha concepção, ser uma mulher quilombola é resistência, né? É lutar sempre pelos nossos direitos, que muitas das vezes são tirados, né? Ocupar os lugares que são nossos por direitos também, que muitas das vezes são tirados. E é isso. Mulher quilombola pra mim é uma resistência que a gente conhece aqui no nosso quilombo, que a gente não tinha conhecimento e hoje, graças a Deus, nós estamos conhecendo, se reunindo e buscando conhecimento (Narrativas de Maria Santos, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024)

A voz que reverbera em Maria Santos, é a mesma que ecoa na fala de Elza, que mostra um profundo senso de transformação e conquista na luta pelos direitos de sua comunidade. Ela destaca a mudança na percepção e no conhecimento sobre a identidade quilombola ao longo do tempo, contrastando a falta de informação no passado com a busca ativa por direitos no presente.

[...] as coisas que antigamente a gente não sabia, no tempo dos avós da gente, ninguém tinha esse conhecimento. E agora a gente está em busca do nosso direito. É assim, antes, né? Ser mulher quilombola, a gente nem conhecia o que era ser pessoa quilombola, né? E pra vocês conseguirem os direitos que vocês estão conseguindo hoje, era bem mais difícil. Ainda bem, tá tendo muita oportunidade. Muita lei voltada pro povo quilombola. A Lei 10. 639, né? Ela vem fortalecer a nossa luta. E ela vem confirmar os nossos direitos. E agora a gente, como Caiana, somos o pioneiro, né? As mulheres quilombolas, os quilombolas, a comunidade em si, né? E essa alegria de hoje a gente celebrar o título, né? O título como comunidade quilombola, território quilombola. E a gente ter esse título na mão, significa liberdade. Foi assinado no NIT (Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental Quilombola) mesmo, né? Onde Lula assinou e a nossa representante, uma das da comunidade, o presidente da Associação, Severina Luzia da Silva, conhecida como Cida, foi receber em São Luís de Maranhão, né? O título da terra, sendo Caiana dos Crioulo, a primeira comunidade na Paraíba a receber o título da então, isso pra mim é gratificante. Porque isso vem dizer que as nossas lutas, elas não estão em vão. E caiana ser a primeira, pra mim, quer dizer também que em alguma situação a gente se destaca das demais (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Em sua fala, Elza Silva ressalta a diferença entre o passado, no qual o conhecimento sobre a identidade quilombola era limitado, e o presente, marcado pela busca ativa por direitos. Essa mudança reflete o empoderamento e a conscientização das comunidades quilombolas sobre seus direitos e sua história. Mulheres que são verdadeiras guardiãs da memória e da cultura quilombola, elas carregam a força ancestral de unir famílias, de lutar e de resistir enquanto mulheres negras, mães, filhas e trabalhadoras.

Essas mulheres quilombolas, enxergam sua identidade como um equilíbrio entre preservação e transformação, honrando suas raízes enquanto abrem caminhos para um futuro mais justo, e ocupam um papel central nas decisões comunitárias, no cuidado da terra, nas práticas culturais e na educação, sendo verdadeiros pilares de suas comunidades.

Figura 20 – Mulheres de Caiana



Fonte: acervo pessoal da autora (2024).

Ser mulher quilombola é estar sempre transitando entre o respeito às tradições e a busca incansável por dias melhores, por igualdade de direitos e, principalmente, preservar os saberes ancestrais, mas, sempre resistindo em suas lideranças em casa e em comunidade. É necessário fazer saber que elas representam a comunidade completa, onde possuem grande parte de tudo que precisam para subsistência, mas que é necessário ir em busca de novos conhecimentos, de aperfeiçoamento, tendo sempre em mente a riqueza que possuem no quilombo.

Elza Silva segue sua fala destacando a importância da preservação da cultura e da identidade quilombola, usando a comunidade de Caiana como um exemplo de resistência e autenticidade. Ela ressalta como a comunidade manteve suas tradições vivas, apesar das dificuldades, e como isso a torna um modelo de originalidade.

[...] ela tem Caiana como uma referência. A nossa história, a nossa luta, o nosso jeito de ser, na nossa cultura, na nossa gastronomia, no nosso vestido. Vocês nunca deixaram perder, né? Nunca deixamos perder. E aí, se for olhar realmente por onde eu andei, é um do mais original mesmo, como se diz, dá pra ver a olho nu, né? É, dá pra ver a olho nu (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Segundo Santos (2020, p.132), “As narrativas quilombolas são fundamentais para a construção da identidade coletiva, pois permitem que os mais jovens compreendam a trajetória de seus antepassados e fortaleçam seu senso de pertencimento ao território.”

O autor afirma que a memória é um processo seletivo, e dessa forma torna-se apropriado identificar e problematizar os principais mecanismos que favorecem a construção e ressignificação da memória, entendendo que uma abordagem mais contemporânea sobre a temática se ocupa com memórias subterrâneas dos excluídos e dos grupos minoritários, distanciando-se da memória dita “oficial”. (Santos, 2020). Esse processo educativo fortalece a coletividade e impede que as memórias da comunidade sejam apagadas pela influência da cultura dominante. De acordo com Halbwachs (1990) *apud* Haerter (2013, p. 208),

A memória coletiva tem importante função social que é a manutenção de uma “comunidade afetiva”, observada no processo de coesão social. Afirma que a memória é um processo seletivo e dessa forma torna-se apropriado identificar e problematizar os principais mecanismos que favorecem a construção e ressignificação da memória, entendendo que uma abordagem mais contemporânea sobre a temática se ocupa com memórias subterrâneas dos excluídos e dos grupos minoritários, distanciando-se da memória dita “oficial”.

Para o autor, a memória coletiva é vista como tendo um caráter positivo, com uma função social de reforçar a coesão social, que é alcançada através da adesão afetiva à coletividade, um sentimento de pertencimento e identificação com o grupo (Haerter, 2010, p. 208).

Os conhecimentos das mulheres quilombolas atravessam gerações de maneira intergeracional, através da oralidade e memória. Estes conhecimentos são perpassados pelas mais velhas da comunidade para as mais jovens e os mais jovens; desta maneira, tais saberes, por meio da prática cotidiana, vão se perpetuando, especialmente na agricultura e no artesanato. No cultivo dos alimentos, se utilizam técnicas agroecológicas tradicionais, como a rotação de culturas, o uso de fertilizantes naturais e o plantio consorciado.

Essas práticas sustentáveis não apenas garantem a segurança alimentar da comunidade, mas também respeitam o meio ambiente e reduzem os impactos

ecológicos da produção agrícola. Como destaca Oliveira (2019, p.135), "a agroecologia quilombola se fundamenta na relação harmoniosa entre o ser humano e a natureza, sendo uma estratégia de resistência ao modelo de produção agrícola intensivo e predatório". Assim, as mulheres desempenham um papel essencial na construção de um modelo produtivo sustentável que respeita os ciclos naturais e promove a biodiversidade.

O artesanato quilombola também é um importante meio de preservação cultural e de geração de renda para as mulheres da comunidade. A confecção de peças como cestarias, bordados e cerâmicas envolve o uso de técnicas tradicionais que são passadas de geração em geração, garantindo que a identidade quilombola seja expressa por meio das manifestações artísticas.

Para Ferreira (2020, p. 142), "o artesanato quilombola representa não apenas uma fonte de renda, mas uma forma de resistência cultural, pois resgata a ancestralidade e reafirma a identidade da comunidade diante das pressões externas." O artesanato quilombola é uma forma de manter vivas as tradições e os conhecimentos ancestrais, transmitidos de geração em geração, através das técnicas, dos materiais e dos símbolos utilizados, o artesanato resgata a história e a cultura dos povos quilombolas, o que torna a produção artesanal não apenas uma atividade econômica, mas um instrumento de valorização da cultura quilombola.

A sustentabilidade e a preservação da cultura quilombola estão intrinsecamente relacionadas à atuação das mulheres, que são as principais responsáveis por garantir que os modos de vida tradicionais sejam mantidos sem prejudicar o meio ambiente. A integração entre cultura e sustentabilidade pode ser observada na forma como elas promovem práticas de manejo sustentável da terra, utilizam recursos naturais de maneira equilibrada e ensinam os mais jovens a respeitar a natureza. Segundo Cardoso (2023, p.89): "As mulheres quilombolas exercem um papel fundamental na sustentabilidade das comunidades tradicionais, pois conciliam a preservação ambiental com a necessidade de garantir a sobrevivência econômica das famílias."

Essa visão integradora demonstra que a sustentabilidade quilombola não se limita a questões ambientais, mas inclui também aspectos sociais e culturais. As mulheres de Caiana possuem um profundo conhecimento sobre o território em que vivem, incluindo a fauna, a flora e os recursos naturais, elas utilizam esse

conhecimento para promover práticas de manejo sustentável, como a agricultura familiar, o extrativismo e o artesanato, que respeitam os ciclos da natureza e garantem a conservação dos recursos, como afirma Silva (2022, p.145):

A atuação das mulheres quilombolas na sustentabilidade e na preservação cultural é um reflexo da sua posição como guardiãs do território e da memória ancestral. Elas garantem que as futuras gerações compreendam a importância da identidade quilombola e a necessidade de preservar os recursos naturais para a continuidade da comunidade.

O impacto das mulheres na preservação das tradições quilombolas também se manifesta na organização comunitária e na luta por direitos. Elas lideram movimentos pela regularização fundiária, pelo acesso à educação diferenciada e pela implementação de políticas públicas que valorizem a cultura quilombola. A liderança feminina fortalece a mobilização social e garante que a comunidade tenha voz ativa nas decisões que afetam seu futuro (Silva, 2022).

A resistência, a superação e a luta constante por dignidade, fazem parte do cotidiano dessas mulheres. Suas histórias ilustram a força e a resiliência das mulheres quilombolas, que enfrentam desafios diários para garantir seus direitos e preservar sua identidade, como indica Elza Silva, que destaca em sua fala a importância de "não fugir da luta", mesmo diante de dificuldades:

É, mais uma vez, uma forma de ser resistente. É você provar para você mesmo que você não foge da luta. Muitas vezes, as pessoas que têm uma casa lá embaixo, na cidade, como eu, cheguei ao ponto de ter uma casinha lá. Mas, para mim, eu não tenho como dizer que moro na rua. Eu tenho como dizer que Deus me deu uma oportunidade de ter uma opção, ou uma mais opção. Porque estudar na rua, como eu estudei, voltei a estudar em 2001, e foi muito difícil. Me casei com a quarta série. Comecei a trabalhar o processo seletivo de agência de saúde com a quarta série, e a coordenadora do momento dizia que era necessário que a gente voltasse a estudar. Porque ia chegar um tempo que a gente ia perder o espaço, ia perder o trabalho, ia perder a oportunidade de que a gente fosse estudar. Ela insistiu tanto nisso, ela trabalhou tanto nisso, que eu e a outra colega de agência de saúde, a gente adquiriu força para enfrentar o dia todinho. Eu já era casada, tinha dois filhos, marido no Rio, trabalhando, chegando no carro quatro horas e aí preparava uma mamadeira nas carreiras, preparava um jantar, não dava tempo de jantar, porque a hora tinha que correr para subir para pegar o carro. E isso é ser quilombola, isso é ser resistência (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A trajetória de vida de Elza é marcada pela superação de obstáculos, como a falta de escolaridade e as dificuldades financeiras, o retorno aos estudos,

impulsionado pela necessidade de garantir o emprego, demonstra a importância da educação como ferramenta de empoderamento. Essa é uma luta constante na vida dessas mulheres, conciliar trabalho, estudo e vida familiar evidencia os desafios enfrentados por elas, como Elza sinaliza abaixo:

E todas essas dificuldades, é você dizer para você mesmo que você quer um mundo melhor, que você quer uma vida melhor, uma vida com qualidade. E as pessoas que migram do quilombo para o para outras cidades da Paraíba mesmo, por exemplo, de João Pessoa, Campina Grande, é dizer para nós mesmos que a gente também somos gente. E que a gente também tem o nosso direito, e também tem a liberdade de escolher o que quer avançar. Por exemplo, chegou um dos visitantes aqui, no quilombo, aí questionou por que a gente aceitou essa parte que tem o calçamento. Questionou por que disse que ia tirar, tipo, a origem da comunidade. Aí eu disse, não, não é pelo fato de a gente ser quilombola, é que a gente não tem o direito de ter uma estrada que dê direito a ir e voltar (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Elza Silva conclui a sua fala e questiona “Por que até hoje a gente ainda não tem esse direito. Porque ainda não é a estrada toda, é só uma parte”. (Silva, 2024). A fala de Elza Silva expressa uma realidade de luta contínua e desigualdade entre as mulheres de Caiana, ela revela que, apesar de alguns avanços, a sua comunidade ainda não desfruta plenamente de seus direitos.

Por ser quilombola, a gente precisa também avançar nos direitos, e isso fazer com que facilite mais. E aí a gente precisa hoje, água, para ter mais vontade de continuar aqui na comunidade, precisa ter um acesso e também ter mais oportunidade para que as pessoas que saíram, que migraram, digam assim, não, eu vou voltar para Caiana, a gente já tem exemplo desse. E para mim é uma felicidade, isso significa que a gente foi um resistente, que a gente somos resistentes e que a gente quer avançar. E isso já está também a olho nu, a exemplo de ver uma unidade de saúde aqui há mais de 20 anos, de ter uma escola do Ensino Fundamental 1 e o 2, o Fundamental completo. De a gente ter uma associação, de a gente ter um espaço, que a gente projetou o projeto Vivência em para fortalecer a nossa cultura, fortalecer a nossa gastronomia, a nossa tradição. Então isso é um grau turístico também (Narrativas de Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala destaca a necessidade de avanços nos direitos das comunidades quilombolas, especialmente no tocante ao acesso a serviços básicos e oportunidades. A busca por água, infraestrutura e oportunidades de emprego é fundamental para garantir a permanência e o retorno de pessoas à comunidade de Caiana, uma vez que a criação de oportunidades de emprego é vista como uma forma de atrair de volta os moradores que migraram para outras regiões. A

quilombola reconhece a necessidade de avançar na conquista de direitos para melhorar a qualidade de vida dos moradores, no entanto celebra as conquistas alcançadas, como a construção de uma unidade de saúde e de uma escola.

Ao deixar a comunidade em busca de emprego, Marinélia Santino descreve essa época como um período de desorientação e perda de identidade, comparável a "nadar em cima de água e não conseguir encontrar a terra para colocar seus pés" (Marinélia Santino, 2024). Um profundo sentimento de pertencimento e identidade com a comunidade de Caiana é trazido por Marinélia Santino em sua fala:

Pertencer aqui a Caiana é muito bom. Eu particularmente saí daqui da comunidade de onde eu moro, aí a gente vê a realidade de que ia sair dentro da comunidade e procurar outro local fora de trabalho. A gente fica meio perdido. Se acha sem encontrar. É quase assim nadar em cima de água e não conseguir encontrar a terra para colocar seus pés. Então, quando retornei de volta para cá, eu me vi que me encontrei de novo. (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

O retorno a Caiana é visto como um reencontro consigo mesma, um retorno às raízes e à sensação de pertencimento. A fala de Marinélia Santino destaca a importância da comunidade como um espaço de identidade e acolhimento, onde a pessoa se sente completa e realizada. Marinélia Santino enfatiza que:

Dentro da comunidade, viver e morar aqui na Caiana é uma coisa sem palavras. Não posso dizer o que é morar para quem vem. Mas quando você chega aqui, você já percebe que é um lado diferente. Aqui é tudo natural, apesar de que tem coisas modificadas, mas é natural. A gente vive o que a gente é mesmo. E fora, a gente vive uma coisa que não é você. Parece que a gente tem que viver a realidade de outra pessoa. A gente deixa de ser a gente para viver o que aquela pessoa quer. Já aqui, a gente não. É natural. Quando o povo chega aqui, aqui é muito bom. É um lado diferente. As outras comunidades também têm assim. Mas aqui, a gente tem que falar da vivência que a gente tem aqui. "A gente vive do nascer, crescer e morrer no local". Quando a gente se perde num local, a gente se perde. É bom. Sair daqui e conhecer outro lugar, sim, é bom. Mas sair da Caiana. A gente volta, E é isso mesmo que eu gosto do meu. É evidenciar o que vocês têm aqui (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

É necessário destacar que o interesse dessa pesquisa, é evidenciar o papel da mulher na comunidade quilombola, reconhecendo seu protagonismo na família e na vida comunitária, o papel central da mulher na família, na comunidade, em diversas áreas, como na produção, na preservação da cultura e na organização social e como ela se destaca em relação aos homens.

A experiência de viver em Caiana, é descrita por Jocelma Silva (2024) como algo único e incomparável, um retorno às raízes e à autenticidade, e afirma que descrever a experiência de viver em Caiana para quem não a conhece é quase impossível.

Bom, morar em Caiana dos Crioulos é... Eu passei 13 anos. Minha batalha era vir embora. E hoje eu tô aqui. Graças a Deus, tá ótimo. Tá maravilhoso. Maravilhoso. Melhora mais ainda quando eu ficar aqui mesmo. Ainda moro na vila, mas eu quero ficar aqui. Mas tá mais perto, né... Tá mais perto de aqui. Graças a Deus. Pra mim, morar em Caiana é um orgulho, né? Eu como nasci e me criei aqui no quilombo. Só passei alguns dias no Rio de Janeiro, mas eu me senti sufocada lá no Rio...Eu sempre costumava dizer que lá eu tava dentro de uma cisterna, eu dizia sempre que tava dentro de uma cisterna sufocada, né? E aqui a gente tem o direito, além de ter a resistência, né? A gente tem a resistência, também tem o direito de viver livre, né? De viver como a gente é. Não precisar entrar no padrão que não é nosso, né? A gente aqui é a nossa originalidade. A gente é o que é. E a gente fora, a gente muitas das vezes a gente tem que manter o padrão, né? Ser o que não é. E aqui é bom demais, porque a gente consegue ser o que a gente é. A gente consegue também comer das nossas culinárias, né? Que é muito boa aqui no quilombo. Da nossa, a nossa mexe das cozinhas, né? É muito bom. E também o respeito que a gente tem um pelo outro aqui na comunidade. É muito legal aqui no quilombo (Narrativas de Jocelma Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Jocelma Silva passou 13 anos fora de Caiana, morando no Rio de Janeiro, mas sempre desejou retornar. A experiência de viver no Rio de Janeiro é descrita como sufocante, comparável a estar "dentro de uma cisterna", relata a quilombola, que enxerga a cidade como um lugar onde as pessoas são obrigadas a se adaptar a padrões externos, perdendo sua originalidade.

É possível entender o quão importante é esse sentimento de pertencimento relatado por essas mulheres. Pertencer à Caiana dos Crioulos é carregar uma herança histórica profunda, marcada pela resistência e pela luta pela liberdade. Para muitas mulheres como Marinélia Santino, morar nessa comunidade significa viver em um território que não é apenas um espaço geográfico, mas um símbolo de identidade, pertencimento e continuidade cultural.

O depoimento de Maria Santos revela um forte sentimento de pertencimento à comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, mesmo após ter vivido por nove anos no Rio de Janeiro. Ela destaca a tranquilidade e a importância de valorizar suas origens, expressando o desejo de contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

Morar no quilombo pra mim é uma coisa muito importante, que foi onde você nasceu e se criou. Apesar também que eu passei a morar no Rio de Janeiro por nove anos na Pedra de Gorativa. Nós todas aqui moramos, nós quatro. Então, mas o meu sonho era voltar pro meu lugar, porque aqui é um lugar muito tranquilo. É um lugar onde você nasceu e se criou, você sabe que aqui é muito bom. Agora o rio daqui pra mim é porque não tenho um ganho pra pessoa sobreviver. Mas aqui a gente tá agora com os poderes de Deus, né? Nós juntar aqui reunido e nós vamos em de um negócio melhor pra gente, pra gente continuar aqui. Porque aqui é um lugar onde você nasceu e se criou, que você tem que dar valor o seu lugar, porque lá fora não é a sua origem. E você se sinta muito bem no seu lugar aqui (Narrativas de Maria Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Pergunto se Maria Santos também trabalha com algo em Caiana. Ela responde que sim, na agricultura, e em artesanato.

Pertencer é diferente de habitar, de morar. Pertencer é ter raízes fincadas na terra em que se mora, e isso pode ser manifestado no cotidiano dessas mulheres, através das práticas agrícolas sustentáveis, nas celebrações culturais, nas músicas, nas danças, e nas histórias passadas de geração em geração. É viver em um território que não é apenas terra, mas herança, identidade e orgulho.

Segundo Nascimento (2015, p.144), "as mulheres quilombolas desempenham um papel político fundamental na defesa dos direitos territoriais e culturais, utilizando a coletividade como uma estratégia de resistência e transformação". Essa atuação demonstra que a preservação da identidade quilombola está diretamente ligada à luta por reconhecimento e inclusão social.

A resistência feminina nas comunidades quilombolas não se restringe ao ambiente interno da comunidade, mas se expande para a sociedade em geral. Muitas mulheres quilombolas participam de redes nacionais de defesa dos direitos quilombolas, articulando ações com movimentos sociais, organizações não governamentais e universidades para fortalecer a valorização da cultura afro-brasileira.

Segundo Ribeiro (2024, p. 126) "a articulação das mulheres quilombolas com outros movimentos sociais, tem sido essencial para garantir a implementação de políticas públicas que respeitem a diversidade cultural e promovam a igualdade de direitos". Essa rede de solidariedade amplia a visibilidade da luta quilombola e fortalece a resistência frente às adversidades.

Apesar dos desafios enfrentados, a resiliência das mulheres quilombolas tem garantido a continuidade da cultura e das práticas sustentáveis na comunidade de

Caiana dos Crioulos. A valorização do papel feminino na transmissão do conhecimento ancestral e na preservação do território é essencial para o futuro da comunidade, pois garante que os saberes tradicionais sejam perpetuados e adaptados às novas realidades.

Como afirma Costa (2024, p. 158) "as mulheres quilombolas são as verdadeiras guardiãs da identidade e da sustentabilidade comunitária, utilizando seus conhecimentos para promover o equilíbrio entre tradição e inovação". Dessa forma, elas continuam sendo protagonistas na construção de um futuro mais justo e sustentável para as próximas gerações.

É possível perceber a importância das mulheres na preservação cultural e na sustentabilidade; em Caiana dos Crioulos isso é inquestionável. Elas garantem a continuidade dos saberes tradicionais por meio da oralidade, das práticas agrícolas e do artesanato, além de liderarem a luta por direitos e reconhecimento. A sua atuação é um exemplo de resistência e resiliência, demonstrando que a cultura quilombola só pode ser preservada se houver o fortalecimento do papel feminino dentro da comunidade.

Como ressalta Nunes (2019, p. 96), "a luta das mulheres quilombolas transcende a preservação cultural, pois representa também uma batalha pela garantia de direitos e pela construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa". O futuro da comunidade depende, portanto, da valorização do protagonismo feminino na defesa do território, da identidade e da sustentabilidade.

Viver em uma comunidade quilombola é ter a vida marcada por essa união entre memória (vivências e relatos pessoais) e história (os registros e estudos sobre esses acontecimentos). Hoje, essas comunidades continuam lutando pelo direito à terra e pela valorização de sua cultura. A memória e a história estão profundamente conectadas à vida nos quilombos. Para Halbwachs (1990, p.34) a noção de reconhecimento é central:

[...] Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso

espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída [...].

Halbwachs destaca o reconhecimento como elemento-chave tanto no ato de lembrar quanto na negociação da memória, que não é um registro estático, mas um processo dinâmico influenciado por interações sociais e culturais, moldada por contextos coletivos e individuais. Para o autor, lembrar e esquecer são processos interligados, influenciados por normas e valores sociais, fatos marcantes ressurgem no presente, nem sempre de forma clara, mas com potencial para revelar histórias silenciadas, como pode ser vista no relato abaixo:

A minha juventude ela foi boa, mas ela foi muito também dolorosa. Porque eu, desde muito nova, eu assumi muita responsabilidade que ainda não era nem da minha faixa etária, não era da minha ossada ainda, né? [...] eu não tinha idade pra assumir tanta responsabilidade a qual eu assumi desde os meus sete, oito anos de idade. Eu já ia trabalhar com meu pai, algumas lideranças aqui da comunidade que tinham uma condição melhor e eu ia trabalhar no roçado das pessoas, o dia todinho pra ganhar meu dia de uma pessoa grande. Então, pra mim a minha infância, a minha adolescência, ela já foi assim muito difícil. Pois era três filhos que meus pais tinham, um homem, duas mulheres e eu era uma das filhas que liderava. Liderava até meu pai mesmo. Quando tinha coisas assim que eu não concordava, eu dava um não na lata. A questão de divertimento, isso a gente não tinha muito nessa fase aí de adolescente. Ele não queria que a gente fosse pra festa, ele não queria que a gente namorasse, ele não queria muita coisa. Ele não queria e proibia muita gente. E eu fui sempre aquela menina danada de saber o que queria e correr atrás de mim. Era um bicho de sete cabeça. Aí a roupa tinha que ser muito, uma roupa comportada, não podia ser com decote, nada disso. Uma roupa, só o vestido sem uma saia por dentro. A minha prima já tinha se casado, já tinha se casado, ela disse, eu vou te dar logo um conselheiro. Tu compra uma saia de dentro, porque que tu não comprar quando tu casar, a nossa sogra vai dar uma saia a tu. Eu disse, ela pode dar a minha, eu não vou usar nenhuma. Eu comprei uma porque eu achava bonito, tinha umas meninas aqui na comunidade, que eram seis, eles chamavam de meia duza, eram seis irmãs e todas elas andavam tudo de um jeito só, parecia ser gêmea. E aí elas tinham uma saia que aparecia o biquinho da nágua, da saia de dentro. Aí era de forma de bico vermelho, bico amarelo, bico branco, tinha os biquinhos na saia, eu achava aquilo bonito. A saia tudo empregadinha, uma saia de Paula que tinha, tudo empregadinha, engomava as roupas com ferro de brasa, mas também ela deixava no grau, saia que nem uma sofona assim, e o biquinho da saia de dentro aparecendo, e eu achava aquilo bonito. Aí trabalhei, trabalhei, comprei uma saia, eu e minha irmã, a dela era amarela e a minha era vermelha. E aí eu comprei por boniteza, mas eu não usava, não era porque minha mãe exigia, não era porque meu pai exigia. Então se eu ia me casar com o rapaz, se o rapaz não estava exigindo e a mãe dele que ia exigir, eu jamais ia usar (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

O relato de Elza Silva oferece um vislumbre das dificuldades e desafios enfrentados por ela durante sua juventude, marcada por responsabilidades precoces e restrições sociais. A narrativa destaca a força e a resiliência necessárias para superar obstáculos e afirmar sua identidade. Desde muito jovem, Elza assumiu responsabilidades que não condiziam com sua idade, trabalhando no roçado para ajudar a família. Essa experiência moldou sua personalidade, tornando-a uma pessoa forte e independente.

A sua juventude foi marcada por restrições impostas pelo pai, que limitava o acesso a diversões, relacionamentos e liberdade de expressão. No entanto, apesar das restrições, ela demonstrava liderança e autonomia, confrontando o pai quando necessário, buscando sua própria independência, desafiando as normas e correndo atrás de seus objetivos. Os conselhos recebidos, como o da prima sobre o casamento, refletiam as expectativas e pressões sociais sobre as mulheres, assim como a necessidade de "roupas comportadas", e a preocupação com a reputação demonstra as restrições enfrentadas pelas mulheres na comunidade.

A resistência das mulheres nos quilombos, histórica e contemporânea, reflete sua força, resiliência e protagonismo na construção da liberdade e da cultura quilombola. Elas são pilares de uma história de luta que continua até os dias de hoje. Segue o relato de Elza:

Desde os nove anos eu já ia pra reunião com a minha mãe, ela participava da reunião do Sindicato, dos Trabalhadores Rurais, era o Movimento de Trabalhadoras Rural. Que existia em Alagoa Grande, ainda hoje existe. Margarida Maria Alves ainda aconselha ela a fazer discurso com idade de nove anos aqui em Caiana mesmo, ali na Capela Santa Luzia, que é a padroeira da comunidade. Ela vinha numa camionete, subia numa camionete, pegava o microfone com uma caixinha de som fazia o discurso dela (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Na Comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, pode-se afirmar que a família é uma unidade de resistência e sobrevivência. As mulheres são, em muitos casos, as responsáveis pela gestão da casa e pela organização da vida familiar. Elas são as guardiãs do saber familiar, transmitindo aos filhos a importância da solidariedade comunitária, da resistência histórica e da valorização da identidade.

E uma das frases que me marcou muito até o dia de ela dizia, é melhor morrer na luta do que morrer de fome. Eu acho que isso me incorporou

mesmo, que a minha vontade quando eu faço uma coisa, eu quero fazer outra. Agora, só que muita vez eu freio fazer, porque eu não gosto muito de fazer a coisa só por fazer e fazer de qualquer jeito. A minha vontade é fazer com qualidade. E muitas vezes eu fico assim, numa lentidão, que dá até a parecer que Elza não está ali. Mas, por dentro, ela está planejando como fazer, ela está planejando como ir para a ação e tudo mais. E uma coisa que me marcou muito também foi minha avó paterna, que ela foi um exemplo de a qual me inspirou muito trabalhar na área da saúde já há 31 anos. E a minha avó foi uma de inspiração. Ela, para mim, foi uma médica parteira, tinha sua horta de plantas medicinais, ela era muito procurada pela comunidade para ensinar uma receita. Eu, pequena, ouvia as mulheres chegarem, o nome dela era Sebastiana, mas chamava de Tiana, o mais próximo chamava de Mãe da Gente, até que esse espaço aqui, futuramente, ele vai ter o nome, ele já tem o nome, só não está publicado. Já falei para algumas pessoas, mas ainda não tem uma placa, mas, futuramente, o nome é Restaurante Mãe da Gente. Em inspiração, esse nome aqui, para mim, foi muito forte como incentivo, como resistência. Ela perdeu o marido dela muito cedo e cuidou de todos, e ela era muito resistente (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Sebastiana, Tiana, Mãe da Gente, ou simplesmente Vó, representa a ancestralidade que a nossa protagonista Elza Silva tenta preservar viva em sua memória, ou seja, ela passa a ser uma guardiã da memória, uma trabalhadora incansável e uma líder comunitária, cujas ações continuam sendo fundamentais para a preservação e o fortalecimento das tradições quilombolas. Elza Silva relata:

[...] E aí o pessoal chegava, comadre Tiana, eu vim aqui porque meu filho está doente, porque minha filha está doente, meu marido está doente, e eu queria um remédio. O que é que ela está sentindo? Aí a pessoa dizia, e ela logo, logo tinha uma receita para ensinar. E isso, para mim, foi muito forte. Muito forte. Até hoje em dia a gente procura esses medicamentos mesmo, naturais, e cura mesmo. E cura, exatamente. Inclusive, tem um paciente aqui na comunidade que ele está com um problema seríssimo, crise de rim, e acusou uma pedra, e aí a gente estava vendo eu e meu esposo procurando remédio mesmo que era bom para pedra nos rins. Aí apareceu a bananeira para cortar o pé da banana e deixar escorrer o líquido num copo, e a pessoa tomar uma colherinha todos os dias pelo menos cinco dias. E assim que a gente conheceu essa receita, a gente já passou pra um dos filhos, pra honra e glória do Senhor, ontem eu estive conversando com a família, com eles, e aí a ele teve uma crise muito forte, foi obrigado a acionar o SAMU, mas foi justamente porque a pedra, ela estava lá no canal, e aí prendeu até a urina e tudo mais. E aí, o remédio caseiro resolveu. Onde já foi pra médico, já foi pro hospital, já foi ultrassom, abdômen total e tudo mais, e não se resolveu. Então, uma coisa simples que tem na nossa comunidade, que tem no nosso meio, que tem no nosso quintal, então você tá com a farmácia dentro de casa. E eu tenho praticamente certeza que foi esse remédio que fez ele colocar uma das pedras e foi visibilizado através da urina que veio realmente uma pedra. E isso vem confirmar que a gente está certo (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Elza Silva destaca a importância do conhecimento tradicional e do uso de remédios naturais na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos. Ela relata a experiência de Comadre Tiana, uma figura importante na comunidade, que utilizava seus conhecimentos sobre plantas medicinais para curar diversas doenças, destacando a importância do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, transmitido de geração em geração. De acordo com Haerter (2010, p. 210):

Memorar, na perspectiva adotada, é reinterpretar constantemente o passado em razão do presente e também do futuro, e a memória, o resultado de estratégias ou lutas que buscam uma definição para determinadas narrativas, normalmente obscurecidas pela legitimidade de memórias oficiais, que envolve pessoas, grupos e instituições acerca de determinadas categorias êmicas. Com o conceito de “memória subterrânea”, o autor enfatiza a perspectiva dos grupos marginalizados e minorias na construção de memórias coletivas e suas estratégias de sobrevivência.

A relação entre reconhecimento e escuta, conforme proposto por Halbwachs (1990, p. 34) e aprofundado por Pollak, (1989, p. 7), é fundamental para a compreensão do trabalho da memória. O reconhecimento valida as experiências e narrativas individuais e coletivas, a escuta atenta e sensível permite a coleta e a interpretação de memórias, muitas vezes silenciadas ou marginalizadas, juntos, reconhecimento e escuta desencadeiam o processo de trabalho da memória, permitindo que as lembranças sejam articuladas e compreendidas.

Em seu relato, Marinélia Santino (2024), traz memórias da infância em Caiana, destacando a riqueza das brincadeiras tradicionais e a importância das histórias contadas pelos pais.

Segue abaixo o relato de Marinélia Santino (2024):

Bem, eu tenho muitas. Principalmente as brincadeiras. As brincadeiras que a gente tinha antigamente, a gente brincava, eram brincadeiras muito boas. Melhor que essas de agora, que os nossos filhos estão acostumados a brincadeira de roda, de ciranda de roda, de se esconder. E as histórias que a noite que os pais sentavam com a gente para contar, as histórias que tinham, eram gratificantes. No início do dia, a gente sabia o que tinha que fazer durante a manhã, antes de começar a brincar. Tinha uns litros para tomar licor, tirar a capa e botar água. Depois chegava a hora de ir para a escola, aí começava a ir, era inventada. Eu queria ser professora. Então tinha aula que eu tinha o papel de ser professora e os meus irmãos iam ser os alunos. Aí chegava a hora que eu ia ficar sentada para ele e ia ser tocador, porque ele queria ser cantor. Então, era muito bom. As brincadeiras dos pão - gola, brincar escorregando nos pés dele, fazer os carrinhos ou as

bonecas de roubar, pegar, roubar porque era escondido, dos pés do roçado das aquelas bonecas mais bonitinhas de milho para fazer as bonecas. Era uma coisa muito boa. Hoje em dia, aqui ainda pode ser que continue, mas em rua é um perigo (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A narrativa ressalta o contraste entre as brincadeiras do passado e as atividades contemporâneas das crianças, valorizando a simplicidade e a interação social das brincadeiras antigas. As histórias contadas pelos pais à noite são lembradas com carinho, destacando o papel da tradição oral na transmissão de valores e conhecimentos, eram momentos de união familiar, e de aprendizado. Elza Silva sonhava em ser professora, a brincadeira de "professor e alunos", demonstra a vontade que ela tinha em lecionar, e como ela usava as brincadeiras para demonstrar isso.

Por sua vez Jocelma Silva, gostava de dançar; sua amiga Josefa Nascimento gostava de jogar futebol e se entristece quando fala que enfrentou o preconceito da comunidade por isso, uma atividade considerada "coisa de macho", mas que apesar das críticas, ela persistiu em seu objetivo, jogando em times locais e conquistando o apelido de "Bebeta". Jocelma Silva relata:

Para dançarina. Dançarina, dançava muito. Também. Brincar de corda, brincava de chutar caca, saía logo cedo de dentro de casa e minha mãe procurando pra lavar roupa, e eu por aí brincando. Ai, meu Deus do céu (...) Agora, quando não tinha. Eu gostava muito, e tirava até hoje, não sinto vontade de roçar, mas não aguento a minha pressão. Quando pega esse sol quente, ela sobe que só Jesus Cristo. Vai subir aquela ladeira ali, consigo cortar lenha, mas não consigo nada. É isso. As memórias, né? Eu tenho uma memória boa. Eu sempre fui meia elétrica. Meu pai era elétrico, e logo cedo me levava pras ciranda de roda. A gente pegava a empreitada para fazer os tijolos das casas. Fazia os tijolos, fazia a caieira, e à noite era fazer a queimagem dos tijolos e tocar ciranda a noite todinha. Aí caiu a minha função durante essa temporada. Eu era criança ainda, menina danada. Aí eu ficava de saber onde estavam as paredes de namorado, que era para tirar a ciranda. Era correr esse negócio, que era para eles pagarem pipoca, vinho ... Aí sempre assim, quando tinha esse momento, eu achava tão bom, porque quando chegava a noite eu já ia caçar quem estava nos escondidos, que era para pagar pipoca. Aí vinha ocorrendo pra avisar os componentes para ir lá, aí tocava a ciranda e tinha uns que corria. A parede de namorado sempre tinha uns que eu acho que não tinha dinheiro para pagar. Aí corria. Aí onde saía? Corresse, nego, corresse, com medo de apanhar. No caso, apanhar, pagar a bebida e as pipocas para as crianças (Narrativas de Jocelma Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

As memórias de Jocelma Silva são permeadas por brincadeiras tradicionais, como dançar ciranda, pular corda e "chutar caca". Ela também recorda o trabalho

árido na produção de tijolos e caieiras, atividades essenciais para a construção de casas na comunidade, as festas e cirandas noturnas são lembradas com carinho, especialmente a função de "caçar" os namorados escondidos para pagar as bebidas e pipocas. A superação é uma marca na vida de Josefa Nascimento (2024), tendo que lidar com o trabalho árduo, e com o preconceito.

Eu achava muito bom. E também eu enfrentei um desafio grande quando eu era... no meu tempo da infância, porque, por incrível que pareça, o quilombo Caiana dos Crioulos, ele sofre uma discriminação muito grande na questão de... vamos dizer assim, no gosto das pessoas. Eu sempre gostei de jogar bola. O povo daqui do quilombo era um absurdo jogar bola, porque mulher não joga. E eu enfrentei esse desafio. A gente jogava aqui no time de futebol, a gente jogava em Massaranduba, na Vila São João. Era mesmo que... que estar brigando com a E eu, graças a Deus, enfrentei. E ganhava o jogo? Às vezes ganhava. Na época eu era chamada de Bebeta. Bebeta, sei lá como é. Que era uma das melhores. Aí, Graças a Deus meus pais tinham essa besteira de [...]. Não proibia não? Não, não proibia não. Mas a vizinhança toda me ficava dizendo que isso é coisa de macho. E eu enfrentei, graças a Deus. Mas, dói uma exposição muito boa. Além do desafio que era enfrentar a comunidade. Mas foi bom. Foi legal (Narrativas de Josefa Nascimento, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

O relato de Josefa Nascimento, demonstra um forte senso de pertencimento à comunidade de Caiana dos Crioulos, valorizando as tradições locais, as brincadeiras e as festas que fazem parte da identidade da comunidade, mesmo com os desafios, ela evidencia o quanto gosta de sua comunidade.

Maria Santos fala acerca das memórias da infância na comunidade quilombola, a memória das brincadeiras de boneca, batizado, panelinhas de barro, corda e banho de rio, e evoca um tempo de simplicidade e interação social. Ela destaca a criatividade das crianças em transformar materiais simples em brinquedos e jogos.

A memória da ... da minha infância era porque eu brincava muito, assim, de boneca. A gente fazia. Até batizada a gente fazia. Batizada, a gente comprava da vizinha ou levava alguma carne de casa, levava algum tempero. E a gente também gostava de aquelas panelinhas de barro. Aí a gente cozinhava. Fazia aquele batizado, tomava compade, comadre. Era muito bom. Balançava muito de corda. E para tomar banho no riacho, nos poços. Tomava muito banho também nos poços. Era muito bom. E também eu também balancei muito manga. Na época, meu pai carregava com a campina. Eu balançava muito manga, tirava capim. Gostava de andar no cavalo, com a água, correndo aí na estrada. Minha infância foi muito boa para a vista de hoje. Porque a infância de hoje as crianças deixam o celular. Não tem essas brincadeiras na vida. Não tem essas brincadeiras que a

gente tinha antigamente. As brincadeiras de hoje, as brincadeiras de antigamente, acabou (Narrativas de Maria Santos, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

As brincadeiras ao ar livre, como balançar manga e andar a cavalo, revelam a forte conexão das crianças com a natureza, a liberdade de brincar nos riachos e poços destaca a importância dos espaços naturais na vida da comunidade. Maria Santos expressa a preocupação com a falta de brincadeiras tradicionais na infância contemporânea, dominada pelo uso de celulares, demonstrando uma preocupação com o futuro e com o fato da tecnologia afastar as crianças das brincadeiras tradicionais.

O relato de Maria Santos (2024) oferece um contraste entre sua juventude e a das crianças de hoje, destacando a importância do trabalho árduo e da liberdade na sua formação. Ela também aborda as tradições culturais da comunidade, como a Festa da Boa Viagem, e as expectativas sociais em relação ao trabalho e ao comportamento das mulheres.

É totalmente diferente. Minha juventude foi ótima para mim. Para andar, meu pai não empatava. Agora nós tínhamos que fazer o serviço de casa. Trabalhava até o sábado. Para a festa da Boa Viagem, muitos pais não deixavam os filhos ir. E a gente ia nascer no só voltava no domingo para terminar. Mas também a gente deixava a ração dos bichos de gado do sábado e de domingo. Ia andar no domingo à tarde e quando nós chegávamos, meu pai não ia pegar os bichos no mato, não. A gente ia pegar os bichos, eu ia pegar os bichos, mesmo assim com o namorado. O namorado ficava em casa. E eu ia pegar os bichos no mato, trazia para casa, botava a ração e ficava lá com o meu namorado. Para isso meu pai foi bom. Eu gostei da minha juventude. Apesar que foi muito trabalhador, porque a gente trabalhava na enxada, mas eu gostei. Foi um bom ensinamento que meu pai me deu. Para mim. E eu criei meus filhos também assim, na enxada. Porque hoje em dia as crianças não querem trabalhar na enxada mais. É legal que é trabalho infantil, É, pra mim foi ótimo (Narrativas de Maria Santos, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Maria Santos descreve sua juventude como "ótima", apesar do trabalho árduo na enxada, destacando a liberdade que tinha para andar, mas também a responsabilidade de realizar os serviços de casa e cuidar dos animais. O trabalho na roça é visto como um "bom ensinamento" que ela transmitiu aos seus filhos. A Festa da Boa Viagem é mencionada como um evento importante na comunidade, onde os jovens se reuniam para celebrar. Apesar das restrições dos pais, Maria Santos e seus amigos encontravam maneiras de participar das festividades.

O legado do conhecimento ancestral ocorre por diferentes meios, sendo a oralidade um dos principais veículos de perpetuação dos saberes tradicionais. As mulheres mais velhas, conhecidas como guardiãs do conhecimento, desempenham um papel fundamental ao ensinar às novas gerações sobre as histórias da comunidade, as práticas agrícolas, os rituais religiosos e as tradições e festas.

4.2 “Porque coisa tem que saber, elas sabem, nós sabemos fazer, só basta mais coragem”: O Projeto Vivenciando e as ações das mulheres de Caiana

O "Vivenciando Caiana" é um projeto de turismo cultural desenvolvido pela Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos, situada na zona rural de Alagoa Grande, Paraíba. Iniciado em 2016, o projeto visa promover a valorização e divulgação da cultura quilombola local por meio de vivências e experiência através do turismo étnico, além de ser uma atividade que, de certa forma, gera renda para a comunidade, é fundamental para quebrar alguns paradigmas e estereótipos que são construídos historicamente a respeito dos quilombos, que envolvem gastronomia típica, artesanato e apresentações culturais, como coco de roda e ciranda.

Figura 21 – Folder de edição do projeto Vivenciando Caiana



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

Atualmente, o projeto é composto por uma comissão de doze pessoas e busca criar oportunidades para a comunidade gerar renda através do turismo, incentivando a venda de produtos locais, como artesanato e alimentos

produzidos nos roçados do quilombo, oferece aos visitantes a oportunidade de vivenciar a cultura quilombola, participando de atividades como oficinas de trança, com apresentações artísticas como o coco de roda, ciranda e contação de histórias, resgatando a memória e ancestralidade do local também através de artesanato e degustação da gastronomia local.

Figura 22 – Mulheres do Vivenciando Caiana



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

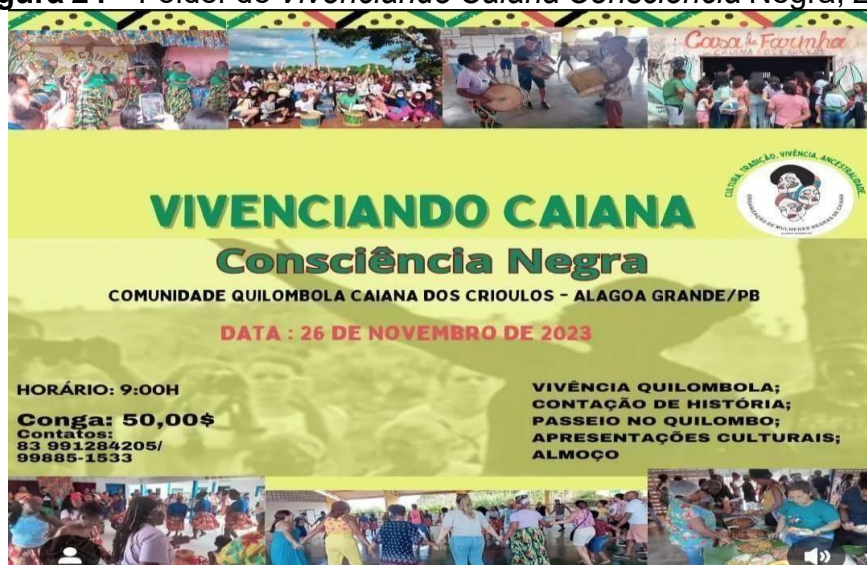
Figura 23 – Folder da 6ª edição do Vivenciando Caiana



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

As atividades incluem visitas guiadas a pontos históricos, refeições preparadas com ingredientes locais e oficinas de dança, conectando os visitantes a ancestralidades e às tradições vivas da comunidade. Além disso, o projeto realiza eventos especiais, como a edição anual em celebração ao Mês da Consciência Negra, que conta com apresentações culturais, culinária típica e outras atividades que reforçam a identidade e a história da comunidade. É também uma forma de arrecadar recursos para manutenção, ampliação e melhorias do quilombo.

Figura 24 – Folder do *Vivenciando Caiana Consciência Negra*, 2023



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

Figura 25 – Organização de Mulheres de Caiana dos Crioulos



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

As edições do *Vivenciando Caiana, Caminhos do Frio* ocorreram em 1º de setembro de 2019 e 2024, estas edições integram a programação do Festival Turístico *Caminhos do Frio*, oferecendo aos visitantes uma imersão na cultura local, com destaque para o coco de roda, ciranda, palestras sobre a história do quilombo e atividades na Casa de Farinha.

Figura 26 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana, versão Caminhos do Frio*, 2019



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

Figura 27 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana, versão Caminhos do Frio*, 2024



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2025).

Ocorreram também, duas edições do projeto *Vivenciando Caiana Consciência Negra*, uma em 26 de novembro de 2023, e outra em 24 de novembro de 2024, ambas celebraram o Mês da Consciência Negra com uma programação especial,

incluindo culinária típica, apresentações culturais e visitas a pontos históricos da comunidade.

Durante o mês de novembro, quando se organiza a celebração da Consciência Negra, as atividades do projeto se intensificam e são necessários alguns espaços próprios para a realização das apresentações culturais e também para a recepção dos turistas. Pensando nisso, a comunidade vem divulgando uma campanha de arrecadação para a construção de um Coreto, espaço para que as cirandeiras possam apresentar suas danças e músicas.

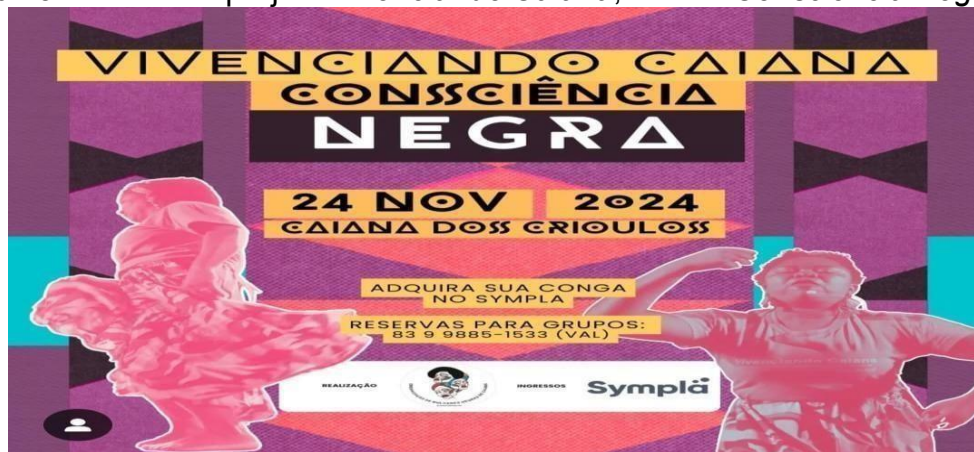
Toda vez que íamos nos apresentar para algum evento da comunidade precisávamos montar um espaço com palhas de coco, mas agora queremos ter um local fixo para nossas mostras e apresentações culturais de música e dança, por isso estamos realizando essa campanha para comprar os materiais: brita, cimento, telha, mão de obra... Nossos eventos do dia da Consciência Negra já estão chegando e queremos realizar nesse espaço, nesse coreto (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Figura 28 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão *Consciência Negra*, 2023



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2024).

Figura 29 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão *Consciência Negra*, 2024



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2024).

O Projeto Vivenciando surgiu como uma iniciativa essencial para a valorização da cultura quilombola e a promoção do desenvolvimento sustentável da comunidade de Caiana dos Crioulos. Criado com o objetivo de fortalecer a identidade quilombola por meio da educação, da troca de saberes e da valorização da memória coletiva, o projeto desempenha um papel central na preservação dos costumes, na transmissão de conhecimentos tradicionais e na capacitação dos moradores para a geração de renda.

Figura 30 - Projeto *Vivenciando Caiana* recebendo uma turma de alunos do Sesc para um dia de vivência no quilombo



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2024).

A preservação das tradições, saberes e práticas culturais quilombolas é essencial para garantir a preservação do patrimônio cultural para as futuras gerações. A valorização da diversidade cultural quilombola contribui para o

reconhecimento da riqueza cultural do Brasil e para o combate ao racismo e à discriminação. Dessa forma, o projeto Vivenciando se apresenta como uma ferramenta para o empoderamento local, garantindo que as novas gerações tenham acesso à história, às práticas sustentáveis e às manifestações culturais da comunidade.

O projeto do Venciano foi muito importante aqui na comunidade. Fez as mulheres, aquelas que estavam muito incomodadas em só para usar a fazenda de fazer cursos. Aqui na comunidade tem muitos cursos, de artesanato, de culinária. Isso aí abriu as portas para elas venderem. Eu achei que o Venciano foi muito bom. Foi um projeto muito melhor que saiu aqui na comunidade. Como eu já disse também, se tivesse mais gente, mais com coragem ainda, seria melhor ainda. Porque coisa tem que saber, elas sabem, nós sabemos fazer, só basta mais coragem. Unir mais, assim, chegar mais gente. Porque duas, três, até mais. É uma grande quantidade boa de mulheres. Se a gente se juntasse, eu queria ver que todos os dias. Esse grupo que tem aqui, dessas barracas, eu já imaginava que cada um fizesse um crédito diário de 5 mil. Quanto seria de melhoria para elas investirem nas suas barracas? A gente não precisa ter medo. É dinheiro do governo. Precisa só cumprir as regras. Cumprir as regras é o quê? Pagar em dia. Fazer tudo de tijolinho, mesmo cada um produzir a sua. Cada um fazia o valor, produzia a sua barraquinha. A gente sonha muito, eu pelo menos tenho um que grita dentro de mim (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).).

Marinélia Santino (2024) aponta para a importância do projeto Vivenciando para a comunidade de Caiana dos Crioulos, ressaltando seus impactos positivos na geração de renda e no empoderamento das mulheres, uma vez que o projeto proporciona cursos de artesanato e culinária, abrindo portas para as mulheres da comunidade venderem seus produtos e gerarem renda, encontrando novas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional.

Figura 31 – Folder do Projeto Vivenciando Caiana



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2024).

Marinéia Santino acredita que, com mais união e coragem, a comunidade pode alcançar resultados ainda melhores, a quilombola visualiza um futuro próspero, onde cada mulher tenha sua própria barraca e contribua para o desenvolvimento da comunidade, ao mesmo tempo em que sua fala incentiva a comunidade a buscar recursos governamentais, destacando a importância de cumprir as regras para obter benefícios, demonstrando uma vontade grande de ver a comunidade se desenvolver, e ter uma independência financeira.

Figura 32 – Folder do projeto *Vivenciando Caiana*, versão 2025



Fonte: Vivenciando Caiana dos Crioulos, (@quilombocaiana 2024).

Segundo Tavares *et al.* (2022, p.166), "o fortalecimento das comunidades quilombolas passa necessariamente pela valorização da cultura e pela criação de mecanismos que garantam a permanência dos moradores em seus territórios". O autor aponta para a importância de um conjunto de ações integradas para assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento sustentável dessas comunidades, ressaltando a valorização da cultura quilombola como fator fundamental no fortalecimento da identidade e do senso de pertencimento das comunidades. Segundo a colaboradora Marinélia Santino:

A gente tem um um salão da beleza negra. Com essa arte das tranças, turbantes, pinteado, maquiagem, manicure, pedicure, é meu maior sonho. Infelizmente, eu não posso me virar em mil. Tentando aqui, essa questão da alimentação, que eu acho que é uma da prioneira porque com fome ninguém trabalhava. Eu vi que era uma necessidade maior. Estou ainda tentando investir e melhorar o espaço. Mas se eu tivesse tempo para me dedicar, com certeza eu já tinha evoluído mais. Esse espaço, eu não digo nem que é a questão de dinheiro, claro que dinheiro é difícil, mas pelo ter esse conhecimento no banco. Se eu quisesse dizer assim, eu quero fazer um investimento de 20 mil reais. Era a hora que eu quisesse e eu fazia. E já tinha modelado mais isso. Mas gastar, gastar, não poder nem trabalhar, não tenho tempo para isso, então fico aqui devagarinho, pelas beiradinhas. Mas o meu maior sonho hoje é a gente ter um espaço, um salão. E aí, eu e Cida, a gente teve a teimoseira de fazer um curso de trança. A gente é uma que buscava uns conhecimentos, algumas técnicas. Claro que a gente não aprendeu tudo. Foram três dias, não dá para aprender tudo. Mas graças a Deus, que também é a questão da arte das tranças, a gente já aprendeu desde, do vento das nossas mães, a gente já entra nessa de cabeça, só não com as técnicas de hoje. E aí, graças a Deus, que aí a gente estava e eu mesma já apliquei três oficinas aqui dentro. Já participei de alguns editais do Estado, do Município (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Os objetivos do projeto estão alinhados à valorização da cultura quilombola e à promoção do desenvolvimento sustentável da comunidade de Caiana dos Crioulos, estão alinhados com a necessidade de reconhecimento e visibilidade da cultura quilombola. Por meio de oficinas, palestras e atividades práticas, os moradores de Caiana dos Crioulos têm a oportunidade de resgatar tradições que muitas vezes foram marginalizadas ou esquecidas. Além disso, o projeto busca aproximar a comunidade de instituições acadêmicas e movimentos sociais, promovendo intercâmbios de conhecimento e experiências. Marinélia Santino chama a atenção:

[...] já vários projetos que estão vindo aí, já participei de alguns cursos aqui na comunidade, cultura orgânica, terminei agora. Achei que ia lá fazer dois meses, terminei de um curso, e tô aí, né, é isso. E pra vocês dois, Nazaré? Qual é a pergunta que o meu rastro é feminino e qual é a minha? O que você, uma atividade que você desenvolve aqui no Quilombo, que você acha de importância? Então, é uma das atividades daqui. A gente aqui, a gente tem aqui um trabalho colaborativo, né, que, vamos dizer, que tem um grupo que trabalha, mesmo que saia dinheiro ou que não saia, né. Mas só que a gente precisa avançar mais e atrair pessoas, né, as mulheres que se interessem nesse conteúdo. Porque no futuro a gente pode tá, né, conseguindo ganhar, vamos dizer, alguma coisa aí, vai querer todo mundo, vai querer chegar perto, entrar, né, na rota. Onde que, no princípio, no começo, ninguém, ninguém dava atenção, ninguém dava importância, né? Importância. E é isso, é. O Vivenciando Caiana em si, ele é colaborativo, né, ele tem um trabalho coletivo com a comunidade. Só que a comunidade, a maioria das vezes, ela acha que a gente. Então, vamos dizer hoje, ela já acha que a gente tá ganhando milhões e milhões de dinheiro. E se tivesse, assim, uma conscientização das pessoas, né, de saber que nem tudo a gente vai no dinheiro. A gente tem um objetivo, né? Cada um de nós aqui tem um objetivo. Você tem o seu objetivo, eu tenho o meu. E no futuro a gente alcança algo que a gente possa tá no patamar onde a gente queria, né? (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Em sua fala Marinélia Santino (2024) revela a complexidade do trabalho desenvolvido no Quilombo Caiana dos Crioulos, destacando tanto os avanços alcançados quanto os desafios a serem superados, ela também demonstra seu engajamento com as iniciativas da comunidade, mencionando sua participação em cursos de cultura orgânica. Isso indica um esforço contínuo para adquirir novos conhecimentos e habilidades, revelando a importância do trabalho colaborativo, mas reconhece a necessidade de atrair mais pessoas, especialmente mulheres, para fortalecer o grupo.

Para Nascimento (2015, p.74), "a valorização da cultura quilombola deve ser um processo contínuo, que envolva não apenas os membros da comunidade, mas também a sociedade como um todo, por meio de ações educativas e políticas públicas inclusivas". O projeto Vivenciando responde a essa necessidade ao criar um espaço de aprendizado coletivo e fortalecimento cultural. Como podemos perceber no relato de Marinélia Santino:

Mas a gente precisa avançar e atrair mulheres da comunidade do Quilombo para entrar junto nessa rota, nessa batalha junto com a gente. É que o povo, muita gente nem acredita, Não acredita. Não acredita. Aí, tô lá feito besta, não tô ganhando nada. Mas pra tudo, pra começar, tem que ser assim um pouco. Aí, talvez, até mais tarde, quando eles veem que tá. O negócio aqui tá subindo, aí vão querer entrar, porque a vez que não tem mais nem oportunidade mais pra entrar. Aí fica desde já. Porque a gente chama, chama, mas ninguém quer vir. Só juntar com a gente. Fica geralmente com o mesmo grupo, então, né? É, o mesmo grupo. Pouquinha gente. Aí, seria bom ter mais gente. Quanto mais gente, melhor é. Mas o povo não quer compartilhar com a gente (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

O relato de Marinélia Santino, expressa a necessidade de ampliar a participação das mulheres da comunidade quilombola em iniciativas e projetos locais, visando fortalecer a união e o desenvolvimento coletivo. A resistência inicial da comunidade em aderir a essas iniciativas é compreensível, mas a persistência e a demonstração dos benefícios a longo prazo podem, segundo ela, gerar adesão, já que o entrave está na descrença e na hesitação em participar de novas iniciativas, como o projeto Vivenciando.

As atividades desenvolvidas dentro do projeto incluem desde oficinas de artesanato e culinária tradicional até encontros sobre a história quilombola e a resistência cultural. Cada uma dessas ações tem um impacto significativo na vida dos participantes, especialmente das mulheres, que assumem um protagonismo na transmissão dos saberes e na gestão do projeto. Além disso, eventos culturais e festividades comunitárias são promovidos para celebrar a identidade quilombola e reafirmar o orgulho de pertencimento ao território.

O maior ponto forte é essa questão da renda. É claro que é fortalecer a cultura, é fortalecer a gastronomia, as nossas tradições. Mas é essa melhoria, é essa busca pela melhoria de uma complementação da renda. Fazer com que o dinheiro circule. Então, quando a gente consegue conquistar dez mulheres para estar diante das barraquinhas. Em um evento, por exemplo, da Consciência Negra, que foi o último agora em novembro. A

gente provocou uma festividade, vamos dizer. No sábado, que rolou o forró. Quatro grupinhos, vamos dizer assim, de música, de show, para fazer o seu show. Pessoas do nosso conhecimento, até mesmo de Caiana. E que tocaram, cada um tiveram suas duas horas de relógio. Passei uma noite aqui, pegamos sol com a mão. Cada um com a sua gratificaçõzinha dos seus 350 reais. Cada grupo. E a gente teve as barraquinhas funcionando aí. Venderam cerveja, que até acabou, no outro dia de manhã, para o evento do domingo. Tem pessoas que foram comprar mais cerveja. A questão dos caldinhos e tudo mais. Galera da poeira, macaxeira, geladinho e tudo mais. E tudo tinha um pouquinho. As tranças também. As tranças, domingo. E aí, a gente é uma forma de fazer com que [...]. Quando tem mais renda, no vivenciamos. “Sempre. Mas quando tem mais renda, no vivenciamos. Um projeto voltado para essa questão é o Vivenciando. Sendo que as mulheres, a família aqui, a questão da agricultura familiar, né? Onde as pessoas, hoje, temos a terra que a gente conseguiu. E aí, as pessoas podem ser roçadas. Pessoas que lucram seus dez sacos de fava, né? Muita saca de milho. Para o seu consumo, mas também para vender. E aí, também, tem outros que já estão criando. Seus galinhos, compra 50 pintinhos. Ainda é tudo muito pouco, porque a gente ainda não tem... Essa questão do título da terra, que agora que está chegando, ainda não abriu as janelas. Até o último cadastro, que ainda vai concluir, no dia 20 e 21. Cadastro pelo INCRA, sobre a quantidade de famílias realmente que tem. E aí, a partir desse cadastro, vai passar para o segundo passo. Que é abrir a janela do credo. Aí, eu acredito que vai funcionar. É porque está recente o título da terra, né? É. E agora que vai começar. É porque depois do título, agora é o mapeamento final” (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Marinélia Santino (2024) fala que a principal força do projeto é a capacidade de gerar renda para a comunidade, o que fez o dinheiro circular na economia local, beneficiando as famílias quilombolas. A colaboradora falou também do sucesso que foi o evento da Consciência Negra, onde dez mulheres montaram barracas e geraram renda com a venda de bebidas, comidas e artesanato. O evento também contou com apresentações musicais de artistas locais, que receberam remuneração pelo seu trabalho.

Conforme destaca Ferreira (2020, p.56), "as práticas culturais são fundamentais para a manutenção da identidade de um povo, pois reforçam sua história e promovem a valorização de suas origens diante da sociedade". Dessa maneira, o projeto se torna um mecanismo de resistência e celebração das tradições de Caiana dos Crioulos. Para o autor as práticas culturais, sejam elas manifestações artísticas, rituais, tradições gastronômicas ou celebrações, funcionam como um elo com o passado. Elas transmitem conhecimentos, valores e experiências acumuladas ao longo das gerações, preservando a memória coletiva e a história de um povo.

Outro impacto relevante do projeto Vivenciando é o fortalecimento do turismo de base comunitária, que possibilita aos visitantes conhecerem de perto a cultura

quilombola, promovendo um intercâmbio cultural e gerando novas oportunidades econômicas para a comunidade. A recepção de grupos externos permite que os moradores compartilhem sua história, ao mesmo tempo em que desenvolvem autonomia financeira por meio da comercialização de produtos locais.

Então, aí a cultura, né? Que é a ciranda e o coco de roda, que temos. Hoje a gente pode dizer que tem praticamente quatro grupos aqui na comunidade. A gente tem o Brilho de coco, a gente tem o Desencosto da parede, a gente tem As caiana. As caiana é um grupo que é feito (...) São componentes do Vivenciano. Nós que somos aqui. Mulher sete, sete. Acho que está em nove. Acho que está em nove. Então, as pessoas que compõem a coordenação do Vivenciano. Então, a gente está... Só as por isso, As caiana. E aí, a gente já teve apresentação em João pessoa. Já foi lá para aquele... Como é que foi o lugar? Para Goiás. Goiás. E aí, estamos circulando já. Não só no Vivenciando, mas também na apresentação. E claro que também já tivemos premiação nos O desencosto da parede já teve várias premiações. O projeto aí, o Brilho do coco também. As mestras também já concorreram várias premiações de mestra. Tanto a mestra Edith como a mestra Silvia. E estamos indo. E eu também entrei como mestre na área da gastronomia. Já fui também premiada com um projeto aí (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Marinélia Santino destaca a riqueza cultural da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, na Paraíba, com ênfase nas tradições da ciranda e do coco de roda. Ela também evidencia o reconhecimento e a valorização dessas práticas culturais, tanto local quanto nacionalmente. A comunidade possui quatro grupos de ciranda e coco de roda: Brilho de Coco, Desencosto da Parede, e As Caiana. Isso demonstra a vitalidade e a diversidade das expressões culturais locais. O grupo "As Caiana" é formado por mulheres que compõem a coordenação do projeto *Vivenciando Caiana*, demonstrando a interligação entre cultura e desenvolvimento comunitário. Segundo Oliveira (2019, p. 123): "O turismo comunitário, quando bem estruturado, pode ser um instrumento de valorização cultural e de desenvolvimento sustentável, garantindo que as tradições locais sejam preservadas enquanto geram renda para a população."

Dessa forma, o projeto se consolida como uma iniciativa que alia cultura, educação e economia solidária. Como vemos na fala de Marinélia Santino:

Vivência do Caiana, a Ciranda e o Coco de Roda, a Gastronomia, a Agricultura Familiar, são os nomes. A Capoeira também, a gente trabalha com a Capoeira. Artesanato. Artesanato, que ainda precisa muito melhorar, né? Essa questão do turismo também já tá começando a chegar né? É, o turismo a gente já inclui no Vivência do Caiana, que é um olhar muito por

(...). Mas sem ser em época de vivenciano, vem pessoas conhecer? Vem, né? Vem também, então já vem (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A interligação entre cultura e economia através das atividades culturais, como a ciranda e o coco de roda, estão intrinsecamente ligadas à geração de renda e ao desenvolvimento do turismo, fazendo com que a comunidade reconheça o potencial do turismo como ferramenta para o desenvolvimento local, buscando aprimorar a infraestrutura e a oferta de serviços. Marinélia Santino aponta a necessidade de melhorar a produção e a comercialização do artesanato local, buscando agregar valor aos produtos e fortalecer a identidade cultural da comunidade. Ela também faz menção ao museu, indicando o interesse em preservar e divulgar a história e a cultura da comunidade para os visitantes.

Sim, sim. Que aí já, inclusive no museu. Inclusive no museu ... A gente tá em guerra, porque tem muitos dele que tá, assim, a aceitação tá ainda tá complicada. Mas você tem que fazer isso, porque, assim, é a renda de vocês, né? As pessoas têm que saber. As pessoas têm que saber que vem de fora, a gente tá recebendo aqui, a gente para de fazer as coisas da gente ... precisa de vocês pra passar as informações aqui logo. Então, além de eles visitarem, ainda vai ter saber da história, né? Nenhuma de nós aqui mora aqui, não. Ela mora na rua, ela mora na Ela mora lá do outro lado, eu moro lá do outro lado, nenhuma mora aqui. Tem que deixar de fazer suas atividades pra mim (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

O impacto social do projeto também pode ser observado na forma como ele fortalece o senso de pertencimento entre os moradores, especialmente entre os jovens. Muitos deles, antes desmotivados ou sem perspectiva de futuro dentro da comunidade, passaram a enxergar em suas raízes quilombolas uma fonte de orgulho e oportunidades.

Sabores do quilombo com sabores de cocada. Eu venho desenvolvendo já desde 2012. Uma linha de cocada com sabores. Eu trabalho frutas, legumes e plantas medicinais. Com cocada. Que planta que hoje não tem aqui. Mas quarta-feira tem. A próxima. E assim, está sendo um destaque. As pessoas que vieram. Inclusive, a Lagoa Grande teve um curso aí. Na área da gastronomia. Com a Universidade Unasal, de Campina Grande. Unasal. de Capina grande. Que estava indo no curso. Inclusive, quarta-feira a gente fez o encerramento aqui. E foi muito bacana. Ela teve o curso de gastronomia mesmo. Na Unasal. Pronto. Então, vieram fazer em Lagoa Grande. E a conclusão foi aqui. Foi muito bom. Elas queriam muito conhecer o quilombo. E aí, vieram. A gente fez alguns pratos. Também ainda do curso. Preparei um almoço aqui. Voltado com a nossa culinária. Foi muito bem aceito. Foi muito parabenizado. A comunidade. Mas também aqui. A questão do restaurantezinho aqui. Da barraca. A questão de barraca. E aí, como é o

nome aqui desse restaurantezinho? Infelizmente, tem nome e não tem. O nome é barraca. Mas por que barraca? Porque eu ainda não me vejo com... Ainda não. Não há possibilidade. Não há liberdade mesmo de dar um nome. De destacar. Não. Não existe isso, não. Você está perdendo muito com isso. Eu já vi muito lugar. Muito, muito, muito pior do que aqui. E tem o nome do restaurante. E você está com um espaço aqui fantástico. Eu estou encantada. Se abraçaram e me parabenizaram. É que realmente, quando você passa aqui, não sabe nem que é um espaço de café, de almoço. Porque não tem nome. Não tem. Porque ainda eu vejo que ainda quero...Preparar um almoço (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala de Marinélia Santino revela como a gastronomia pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento local, gerando renda, valorizando a cultura e promovendo o intercâmbio entre diferentes comunidades. Para Cardoso (2001, p. 95) "a educação quilombola, quando bem aplicada, tem o poder de transformar a percepção dos indivíduos sobre sua própria história, ressignificando a ancestralidade e promovendo autoestima coletiva".

Para o autor, o poder transformador da educação quilombola ressalta a importância de uma abordagem educacional que valorize e respeite a história e a cultura das comunidades quilombolas. Essa forma de educação busca promover a autoestima coletiva e ressignificar a ancestralidade, elementos essenciais para a construção de uma identidade forte e positiva.

Assim, o projeto Vivenciando contribui não apenas para a preservação da cultura, mas também para o fortalecimento da identidade e da autoestima dos quilombolas de Caiana. As mulheres de Caiana dos Crioulos têm desempenhado um papel fundamental na construção da autonomia da comunidade e na defesa dos direitos quilombolas. Por meio de suas ações, elas não apenas garantem a preservação da cultura, mas também promovem a sustentabilidade e o fortalecimento da identidade coletiva.

O protagonismo feminino na comunidade se manifesta em diversas áreas, desde a liderança de associações quilombolas até o desenvolvimento de atividades produtivas voltadas para a geração de renda. A fala de Marinélia Santino oferece um retrato vívido da realidade das mulheres na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos há 50 anos, revelando um cenário marcado pela desigualdade de gênero e pela falta de acesso a informações e recursos, onde as mulheres eram vistas principalmente como reprodutoras e responsáveis pelo trabalho doméstico e rural.

A maternidade era tida como uma obrigação, e não como uma escolha. Os homens exerciam um controle significativo sobre a vida das mulheres, limitando suas oportunidades e autonomia. A gravidez era usada como forma de "prender" a mulher, impedindo-a de buscar outras experiências. As mulheres não tinham acesso a informações sobre anticoncepcionais, o que perpetuava o ciclo de gravidez e trabalho árduo. A tradição de ter filhos, era muito forte, e impedia que as mulheres buscassem por métodos contraceptivos.

Então, eu vou falar de 50 anos atrás. As mulheres, por exemplo, as jovens que se casavam e os rapazes, eles tinham uma mentalidade que casar era para procriar. Era para ter filho. As mulheres, para ter filho, cuidar de casa, cuidar de animais, roçado, os maridos, deixar ela gestante. É como se fosse uma obrigação engravidar a mulher para poder trabalhar lá no Rio de Janeiro. O que passava na cabeça desses homens, dá para imaginar que era tipo assim, era uma forma de prender a mulher para ela não trair o marido. Eu vejo dessa forma a minha conclusão. Era tanto que eles vinham quando o bebê nascia, eles chegavam. e não passava muito tempo, engravidavam a mulher de novo. E daí é pouco. Ficava de novo com criança, com casa, com roçado, com animais, o bucho na guela e dois, três meninos atrás. E nem uma mulher besta ainda se soubesse, se tinha ouvido falar na vida que tinha um anticoncepcional, ninguém era nem uma doida a tomar, porque a tradição daqui era ter filho (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

As mulheres sempre foram fundamentais para a sobrevivência e resistência do quilombo, mas sua atuação era, em grande parte, voltada para o cuidado da família, a agricultura e o trabalho doméstico. Elas também desempenhavam papéis como curandeiras, detentoras dos saberes sobre plantas medicinais e práticas espirituais. Mas, segundo Elza Silva, questões como sexualidade e métodos contraceptivos não faziam parte da educação familiar dessas mulheres quando jovens.

Casou por que? Casou é pra ter filho. E eu lembro que quando eu casei em 95, eu sofri um desafio muito grande, por ter uma mentalidade já diferenciada, por eu já ter feito uma formação mais ou menos, uma prima minha encontrou um livro todo pontado, costurado, na lata do lixo. Ela estudava na cidade, morava na cidade, tinha morado no Rio, o pai dela, depois veio, morou em Alagoa Grande, e ela vindo do Rio, da escola, aí encontrou um livro no lixo. Quando ela observou o livro, ela achou interessante as figuras de adolescente, quando a criança vai saindo da fase de criança pra entrar na fase da adolescência, a questão do planejamento familiar, a questão da regra, como a menina menstruava, tinha todo o processo. E aí esse livro foi uma faculdade pra mim, foi minha primeira faculdade, eu posso dizer assim, no lado formal. E aí ela leu, depois passou pra uma menina, que hoje ela tá lá no Rio de Janeiro, o nome dela é Rosa, e depois de Rosa, ela também morava na cidade, em Alagoa Grande,

depois passou pra mim. Então hoje eu ainda tenho esse livro, que ela tem que ler. Isso já dura muitos anos, mais de 30 anos. E esse livro eu aprendi muito. Lá tinha como fazer um planejamento familiar, explicava sobre o DIU, sobre o anticoncepcional, sobre preservativo, a gente ensinava muita coisa (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

O direito de escolha nem sempre foi uma opção para as mulheres, assim como o controle sobre o próprio corpo. A mulher é, por muitas vezes, tratada como objeto sexual, sujeita ao olhar e ao desejo masculino. Mas, esse não era o caso de Elza Silva, que nos relata como um livro, encontrado no lixo por uma colega, trouxe informação acerca da educação sexual e planejamento familiar.

E aí quando eu me casei, eu já casei sabendo. E aí eu chamei o noivo e disse, olha, quantos filhos tu pensa ter? Ele disse, ah, eu não pensei nisso não, depois eu penso, vamos pensar juntos, porque eu já pensei. Eu não quero mais do que 4 filhos até 4 eu aceito, mais eu não quero. E outra coisa não vou me casar pra ser Maria da Cozinha Cozinha, não vou me casar pra ser cabra que amarra e deixa lá, e nem vou me casar pra ser mãe de 15 filhos, como a sua mãe foi pra 23. Ele olhou assim pra mim, aí eu disse, ah, é isso mesmo que você acabou de ouvir. Eu só quero combinar com você o que é que a gente vai fazer pra gente fazer o nosso planejamento familiar. Hora que eu tava afiada no livro, e ele, coitado, não tinha nenhuma orientação (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Elza Silva continua em suas reflexões e enfatiza que:

E aí ele disse, não, isso aí quando a gente casar a gente vê. Eu disse, não, nina, não. A gente precisa ver agora, por que eu quero agora? Porque se eu for falar isso, querer fazer isso, depois do casamento e você não aceitar, a gente vai entrar em conflito. Então, por isso que eu quero agora. Eu quero até 4 filhos. E já vou dizer, a minha opinião é usar o preservativo ou usar o anticoncepcional comprimido. Esse comprimido, eu disse, sim, ele comprimido dá muita doença. Eu disse, tu tem quantas mulheres que tomam que dê doença? Porque eu nunca vim dizer que alguma mulher adoeceu. Eu sei que eu quero tomar, eu sei que foi, foi, conversei, conversei, cozinhei tanto o juízo dele que ele aceitou. Mas isso pra família dele, misericórdia! (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A colaboradora consegue se impor diante de situações machistas ou situações que a diminuem:

E aí, bom, quando eu casei, eu tinha roupinhas realmente bem fininhas, tecido fino, aí meu marido disse assim, ôxente, a gente se arruma roupa aí, eu ia buscar o resto das roupas lá na minha mãe. Aí ele disse, ôxente, tu vai com essa saia? Eu disse, o que é que a saia tem? Essa saia tá muito rala, eu digo, ah pô, é rala mesmo que eu gosto. E tu gosta também, porque eu era solteira, usava ela, tu nunca achou ruim? Ah pô, e nem agora tu vai achar. Acabou, você nunca me reclamou mais de roupa. Mas antes eu uso

uma roupa grande gosto de roupa longa agora já deixo umas ela já era feia roupa longa E aí hoje eu tenho roupa de todo tipo, do fio dental até o babado. É isso mesmo, né? A pessoa não pode baixar a cabeça na hora que você ia se submeter a ele, aceitar o que ele quiser. Não é que eu tô dizendo que você não tem que ser companheiro do seu esposo, mas o quanto violência feminicida a gente vê hoje em dia é justamente por isso. Baixar a cabeça em situações que você resolveu. Resolveu com graça, com amor, com carinho, participando também dos eventos (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A participação da colaboradora Elza Silva, nos movimentos sociais nos mostra como a luta permanece dentro e fora da comunidade quilombola em que ela mora. O respeito que essa mulher conquistou diz muito sobre a forma como ela consegue lidar com as situações que lhes são impostas cotidianamente.

E aí a Organização de Mulheres Negras, ela pra mim foi também muito fundamental na minha vida. Porque a organização aqui, dela de 2005 ela foi reconhecida e a gente começou a ganhar o mundo. Eventos, Brasília, Rio de Janeiro, João Pessoa, Recife. Todas essas cidades eu já fui representando as mulheres, a Organização, e aí eventos sobre saúde, sobre políticas públicas, controle social, saúde da população negra, vários temas. E isso pra mim foi chave pra me conscientizar, mas também ajudar outras mulheres (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala de Marinélia Santino, abaixo, revela uma transformação significativa na mentalidade das mulheres da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, em comparação com as gerações anteriores. Ela destaca a importância da educação sexual e do diálogo aberto sobre questões de gênero.

As mulheres agora aqui na comunidade é mente aberta. Conversa com seus filhos o que vai acontecer, como que deve agir. Pensamento das meninas, o que ela pode até essa idade fazer. Antigamente não. Eu já nasci já em 83 pra cá, minha mãe já não contava muitas coisas. Olha que a minha mãe tinha a mente aberta até demais. Eu casei quase meia, vamos dizer, meia burra sobre isso. A minha sorte foi uma menina que eu já tava de volta na comunidade já que ela mora no Rio e me explicou muita coisa. Se não, eu tinha casado até pensando que qualquer toque eu já tava grávida. Mas eu era besta demais. Tem um dia que eu cheguei cá chorando, pensando que tinha engravidado só porque eu tava abraçada. Por isso que é importante a educação sexual, né? Participar de palestras, né? Sexualidade. Eu fiquei mocinha, cheia de coca-cola, com 15 anos. Menino, chorei de doer, chorei. Chorei de não saber o que significava. Ah, meu marido do céu. Quanto mais eu tomava bom, cadê? Só saber o que tem que fazer. Por quê? (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Segundo Marinélia Santino, as mulheres da comunidade agora têm uma "mente aberta", conversando com seus filhos sobre sexualidade e questões de

gênero., ou seja, percebe-se na fala da colaboradora que ocorreu uma mudança na forma como as meninas são criadas, com mais liberdade e autonomia para tomar decisões sobre seus corpos e suas vidas. Marinélia Santino se posiciona enfatizando que:

A mãe tinha vergonha de contar certa situação com o papo dos filhos. A gente teve que aprender. E a gente tinha que aprender como? Porque não tinha televisão. A professora daquele tempo, ela dava essas aulas. Eu acho que ela se engarrava, até apanhava da mãe. Até hoje ainda é difícil. É meio difícil. Porque, pelo menos, ela era proibida. Não era só por estudar. Os pais mesmo, se tu tivesse. Que na escola tava tendo uma aula dessa. Imagina só como é que seria. A gente saía até da escola. E elas, como não tinham uma formação, não tinham estudo, o negócio era, como a Elza falou, era casá pra ter filho. Tem casa, não andava, saía, era só naquele meio ali e pronto A gente foi educada nesse meio, do jeito que elas foram também. Nem o pouco que ela passou, elas não tinham coragem de dizer. E era um acontecimento, assim, até vergonhoso. Então, ela já não contava, né? Pois é. A minha não contou nada (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala de Josefa Nascimento revela as transformações e desafios enfrentados pela comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos ao longo do tempo, especialmente no que diz respeito ao acesso a projetos e políticas públicas:

Eu vejo uma diferença grande, ainda que é mínima, né? Pra começar, antigamente, ainda hoje, eu tô tendo agora formação sobre política pública e política social, que eu ainda tô pra entender qual é a definição, qual é a ação entre as duas. Mas, assim, eu acho que, antes, a dificuldade era tão grande, né? E o acesso pra chegar aqui no quilombo. E a gente não tinha conhecimento, não tinha um projeto voltado pro nosso quilombo, Não tinha, vamos dizer assim, uma pessoa que chegasse, talvez até tinha esse mas pra elaborar o projeto, a gente tinha que... Assinava só o nome e A gente não dizia o que queria fazer. Não contava as vantagens do projeto pro quilombo (Narrativas de Josefa Nascimento, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Ela também destaca o fato de que quando havia algum projeto, a comunidade não tinha poder de decisão sobre o que seria feito, apenas assinavam seus nomes, sem saber quais os benefícios que o projeto traria.

E, assim, hoje não. A gente já tem, assim, um estudo, né? Não tão profundo, mas a gente já sabe o que é a definição de um projeto que vem favorecer a comunidade quilombola, né? E, também, a gente já está estudando, assim, vamos se por a definição de um (...). De uma política pública e política social, né? Pra saber qual é a dimensão de cada uma, né? Qual é a função de cada uma. E, hoje, a gente já tem, mais ou menos, uma base. Aí, a gente já conhece, né? A gente já pode até elaborar um projeto... A gente já tem equipes que já estão conseguindo elaborar projetos. Já estamos fazendo. Essa conquista de vocês da terra, né? Sim. Já é uma

política pública. Mas, ontem, a gente não sabia. Mesmo assim, a gente não tinha conhecimento. Aí, a gente deixava levar tudo. E, hoje, a gente já tem esse conhecimento. Pouco, né? Ainda mais. Vamos chegar lá. Com certeza (Narrativas de Josefa Nascimento, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala de Josefa Nascimento revela um contexto de silêncio e falta de informação durante sua infância e adolescência, evidenciando os desafios enfrentados por muitas mulheres em comunidades tradicionais. Josefa foi criada pelo pai e pela madrasta, após a morte da mãe, e não recebia informações. O silêncio pode ser interpretado como uma forma de proteção ou como resultado da falta de confiança e abertura para o diálogo.

Conforme aponta Nunes (2024, p. 126) "a resistência feminina nas comunidades quilombolas se manifesta não apenas na defesa do território, mas também na luta por igualdade de direitos e pelo reconhecimento de sua importância social e cultural". Segundo o autor, a resistência feminina nas comunidades quilombolas é multifacetada, abrangendo diversas frentes de luta. Além da defesa territorial, as mulheres quilombolas se destacam na busca por igualdade de direitos e no reconhecimento de seu papel fundamental na preservação da cultura e da identidade de seus povos.

Segundo Santos (2023, p.48) "as mulheres quilombolas são peças-chave na organização social e na luta por direitos, pois articulam estratégias de resistência que garantem a continuidade das tradições e a proteção do território." A afirmação sobre o papel central das mulheres quilombolas na organização social e na luta por direitos destaca a importância de reconhecer e valorizar o protagonismo feminino nessas comunidades. As mulheres quilombolas desempenham um papel fundamental na preservação da cultura, na defesa do território e na busca por justiça social.

A defesa dos direitos quilombolas tem sido uma das principais pautas lideradas pelas mulheres da comunidade. Elas estão à frente de mobilizações pela regularização fundiária, pela melhoria das condições de infraestrutura e pelo acesso a políticas públicas que atendam às necessidades da população quilombola. Além disso, têm participado de redes de articulação com outros grupos quilombolas e movimentos sociais, ampliando sua voz e sua representatividade.

Para Ribeiro (2024, p.68) "a luta quilombola é, em sua essência, uma luta pela permanência nos territórios e pelo reconhecimento da identidade

afrodescendente na sociedade brasileira". A luta quilombola transcende a mera disputa por terras; ela é uma afirmação de identidade e um grito por reconhecimento. Ao longo da história do Brasil, as comunidades quilombolas têm enfrentado uma batalha constante pela garantia de seus direitos territoriais e pela valorização de sua cultura afrodescendente.

Dessa maneira, as mulheres de Caiana desempenham um papel fundamental nesse processo de resistência. As crenças populares também fizeram parte da criação dessas mulheres. A fala de Josefa Nascimento revela um contexto em que o conhecimento sobre sexualidade era tabu e a informação era transmitida de forma velada. Ela também destaca a importância do diálogo entre mulheres para a troca de experiências e informações.

Às vezes, no livro, até que a nenê Zetador dava aula de noite e ela explicava as coisinhas por debaixo dos pontos, que nem diz a história. Porque, se os pais soubessem, não deixava a gente ir pra escola. Aí, pronto, eu já sabia de algumas coisinhas. Eu também fiquei calada. Fiquei calada. Aí, quando foi um dia, aí eu peguei e perguntei a uma menina, uma amiga minha, que é a Rosa das Dores, que ela queria jaca. Ela disse que não queria. Aí, antigamente, os povos diziam que... Que fazia mal. Que fazia mal. Comesse jaca fazia mal. Comesse manga fazia mal. Comesse carne de porco fazia mal. E, se tivesse, menstruava. Aí, eu peguei e joguei a caçoadada pra lá. Já sei por que é. Aí, ficaram cochichando. Era uma dozinha mais rosa (Narrativas de Josefa Nascimento, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A puberdade era e continua sendo uma fase de descobertas, medos e incertezas para as jovens, e, aquelas que não tem a oportunidade de dialogar acerca dessas coisas em casa, tem que viver com o fato de se envergonharem quando tem que conversar com as filhas sobre o assunto:

Cochichando na outra. Com muita carmita pra tucaiar. Desse mesmo jeito. Aí, mesmo antigamente, os banheiros da gente eram tudo de paia. Essas paias aí, lá fora. Aí, vezes, quando eu ia pro banheiro, a minha irmã mais velha chegava. E eu sem saber de nada, às vezes, quando eu tava no banheiro minha irmã mais velha chegava. Quando foi um foi mesmo naquela hora que eu tava lavando. Ai. Eu fiquei assim, mulher. Morta de vergonha. E ela saiu, foi rindo. Aí, minha filha, estourou e disse pra Biuzinha. Aí, Biuzinha, deixou nada. Vamos tomar banho. Ave Maria, minha filha. E pronto. Aí, só sei que... Cuidado pra tu não dizer a fulano. Ainda tinha esse preconceito. As meninas mais velhas que já sabiam. Ainda foi me dizer. Aí, eu não era pra dizer as minhas coleguinhas, que ainda não eram (Narrativas de Josefa Nascimento Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A colaboradora Josefa Nascimento (2024) continua:

Porra, mas tá vendo como é que eram as coisas? E assim, a gente foi crescendo desse jeito que os pais da gente não avisavam. E eu mesmo, quando eu tenho uma filha, quando ela se formou, atualmente, da minha boca, ela não sabia. Sabia por que as coleguinhas diziam. Também, uns estudos já indicavam, né? Só sei que quando ela se formou, quando ela veio diretamente, me dizia, escreveu no papel e me mostrou. Isso colocou que eu ia dizer nada. Eu fui lá dentro. Aí, peguei. Aí, peguei. Peguei a pecinha de dentro e mostrei a ela como é que fazia. Mas, antigamente, os pais da gente não diziam nada. Como é que a gente ia dizer? Como é que a gente ia saber? Sabe? Agora, se tivesse alguma amiga, se falasse, tudo bem (Narrativas de Josefa Nascimento, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Quanto à falta de quem a orientasse em relação à interrupção dos estudos enquanto criança, todas elas afirmam que a necessidade de trabalhar, ajudar a mãe, a falta de dinheiro, favorecia a não realização dos sonhos de estudar. Trabalhar era maior que o desejo de estudar naquela fase de suas vidas, mas, afirmam também que faltou alguém que lhes orientassem acerca da importância de se estudar naquela época.

A fala de Josefa Nascimento trata acerca da transformação no acesso à informação sobre sexualidade e desenvolvimento pessoal ao longo do tempo, revelando um contraste entre as gerações passadas e presentes. Josefa Nascimento relata que muitas pessoas, mesmo adultas, não tinham conhecimento básico sobre sexualidade devido à falta de diálogo e informação. Josefa, sobre este aspecto, se posiciona mostrando que:

Mas, se não tivesse, minha a gente ficava diretamente. Eu conheço gente que se formou no meio do povo e sem saber o que era. E. Porque não tinha nem informação dos pais. Não dizia. As mães não diziam E hoje, os filhos já sabem. As mães já dizem tudo. Os filhos já querem saber. E a escola, os estudos. Até a ensaia. É. Eu só ia ensaiar pelo meu opção vento de porta-lápis também. Agora, estão mais avançados. Até antigamente, eu conseguia dizer assim. Porque, quando a gente fazia as crianças eram curiosas. Biscoito, essas coisas para comer, né? Aí, abria a Aí, quando eu vi o papo do opção vento, eu ô mãe, o que é isso aqui? Hoje é fralda para a menina de fulano. Eu dizia que era fralda. E, nisso, ela cresceu. Eu acho que ela ainda. Eu acho que ela ainda sabia que era fralda, Aí, quando eu fui pegar, dizia assim, olha aí a frase que eu que é para fulano. É para isso aqui. Aí, eu coloquei. Eu falo assim, assim. Aí, pronto. Aí, hoje é totalmente diferente, né? É. É, eu sei. (Narrativas de Josefa Nascimento Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

A fala de Josefa Nascimento evidencia a importância da educação sexual para o desenvolvimento saudável e consciente dos jovens, uma vez que o diálogo

aberto entre pais e filhos, bem como a educação sexual nas escolas, são fundamentais para garantir o acesso à informação e desmistificar tabus.

Marinéia Santino (2024), em seu relato evidencia o protagonismo das mulheres na comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, destacando sua liderança em diversas áreas e a importância da união feminina para o fortalecimento da comunidade e a luta por direitos.

Para mim, a importância é ... Como já disse, é importante. Aqui na comunidade, as mulheres liberam tudo. Acho que até em casa agora, as mulheres estão liberando, mas não vai liberar, até se vai o que não vai, vai quem libera. Eu acho que a rodada vai ser toda a mesma coisa. Ele fala do jeito mesmo. Ela já falou tudo aqui, já. Ela não fala nada mesmo, só que diz ela. Só ela não é mesmo. Se eu não tiver, não sei ela está pegando o gancho, já quer perguntar. Não sei, não sei comigo, não sei em casamento, não faz nada. Aí, como eu dizia, mulheres, mulheres. Quanto mais mulher, melhor. Melhor, melhor. Eu acho que a mulher aqui no Quilombo Caiana dos Crioulos, ela é. Lideram assim tudo, né? Na educação, na área da cultura, na saúde, quando tem uma reunião, toda a mulher que está liderando. E inclusive. Eu estava ouvindo, mulher. Tudo é mulher. Mas hoje nem quero mais. Inclusive agora, a gente está se reunindo, né, a gente vai juntar um milhão de mulheres negras na Marcha de 2025 em Brasília, né? (Narrativas de Marinélia Santino, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Marinéia Santino (2024) defende a união das mulheres, afirmando que "quanto mais mulher, melhor", reconhecendo a força e a capacidade das mulheres quilombolas de liderar e transformar a realidade local. Marinélia menciona a participação da comunidade na Marcha das Mulheres Negras em Brasília, em 2025, demonstrando o engajamento das mulheres quilombolas na luta por direitos e justiça social, já que a marcha representa um movimento nacional de mulheres negras que buscam visibilidade, reconhecimento e igualdade.

O enfrentamento das dificuldades sociais, no entanto, ainda é um desafio para muitas mulheres quilombolas que lidam com barreiras estruturais, como a falta de acesso a crédito, a discriminação de gênero e o racismo institucionalizado. Apesar dessas dificuldades, a resiliência e a capacidade organizativa das mulheres de Caiana garantem avanços significativos na construção de um futuro mais justo para a comunidade.

O empreendedorismo feminino tem sido uma das estratégias adotadas pelas mulheres de Caiana para garantir a autonomia financeira da comunidade. A produção de artesanato, a comercialização de produtos agrícolas e a organização

de feiras comunitárias são algumas das atividades que permitem a geração de renda sem comprometer a identidade cultural quilombola.

Elza Silva expressa orgulho das ações das mulheres, afirmando que elas são "heroínas" e que nada progride na comunidade sem a participação feminina, destacando a liderança das mulheres em diversas áreas, como religião, mudanças sociais, projetos comunitários e até mesmo em decisões familiares.

Ah! Participação da gente, A gente somos heróis. É. Eu sou muito orgulhosa das ações das mulheres. Porque, se não for as mulheres aqui, não vai nada para frente, não. Porque, se for na questão da religião, é as mulheres de frente, principalmente no catolicismo. Se for na questão da aceitação, das mudanças, também é pelas mulheres. Se for para enfrentar um projeto na comunidade, é as mulheres. Tudo é as se for uma mudança na casa, é as alguns homens, que aqui e lá se destaca um o próprio projeto, viver esse ano, é quase 100% mulher. Eu vi uma facilidade muito grande em falar como mulher para esse meu projeto. É. Não teve um homem que eu pudesse assim falar. Ah, pois bem. Mulher, você tem quase. A gente tem praticamente, na prática, dois homens, e assim mesmo, ainda é a desejar. É. Esse próprio espaço aqui, esse espaço que a gente está, se meu marido fosse pro ele, não tinha nenhuma teia aqui. Isso tudo fui eu. Resolvi, eu quero fazer, vou desenhar a arte, fiz de uma, de arquiteto, do jeito que eu Ele construiu, mas eu que decidi, que queria, eu que fiz o projeto, eu que arrumei o dinheiro, eu que resolvi (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Orgulhosas das suas atuações à frente do Quilombo, essas mulheres traçam para as suas vidas projetos que incluem ações de arquitetura, financeiras, religiosas, enfim, são elas as responsáveis. Elza Silva reflete ainda, afirmando que:

Do mesmo jeito, o nosso espaço aqui. Tem o espaço ali, o Palhoção, foi nós mulheres. Saímos um dia, saímos eu e Cida, que andamos na loja para fazer um orçamento sem nem ter um real. Primeiro, a gente não tinha nem um real em casa para levar. Vou levar cem reais. Não tinha. E a gente foi, fez o orçamento, deu uma de doida e está aí hoje o Palhoção. Hoje tem a reforma ali da casa que foi do tio meu. Do tio meu. E a gente conseguiu pensar num projeto elaborar um Teve uma reforma. Mas tudo nós que estamos enquanto mulheres. A Organização de Mulheres Negras, também, que tem pensado muito bem. A própria Associação de moradores parece que só teve dois ou foi, ou foi dois presidentes, que é a Associação de Moradores e ela é desde de 83. Nesse percorrer todo, me parece que só teve dois presidentes, que eu tenho já lembrado. Um foi na época, os líderes na época eram Jô Maria, José Luiz e José Caixão. Então, ele foi o primeiro fundador da Associação. Mas, depois disso, teve só um presidente. Só mulher que liderou a Associação de Mulheres. Hoje, a Associação de Moradores. É hoje. E é assim, no geral, quem lidera aqui é as mulheres. Então, coisa boa, né? E nos estudos, por incrível que pareça, no início foi bem para se formar. Foi um rapaz, né? Foi homem. Foi homem. Ele tinha os pais dele e aí o pai dele faleceu. Ele ficou liderando o recurso. A mãe tinha a aposentadoria, tinha a pensão, e ele ficou liderando. Aí, ele criou asa, né? (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Elza Silva relata que a Associação de Moradores da comunidade é liderada por mulheres, com apenas dois presidentes homens desde sua fundação em 1983, demonstrando o forte papel de liderança das mulheres na organização comunitária. Elza ainda lembra da unanimidade entre as mulheres em papéis de liderança no Caiana.

Segundo Costa (2023, p. 129), "o fortalecimento da economia quilombola passa necessariamente pelo reconhecimento do papel das mulheres como agentes econômicos, capazes de inovar e garantir a sustentabilidade da comunidade". Segundo o autor é de suma importância de valorizar o protagonismo feminino nessas comunidades. Dessa forma, o empreendedorismo feminino se torna um pilar essencial na estrutura econômica de Caiana dos Crioulos.

A atuação das mulheres quilombolas de Caiana demonstra que a luta pela preservação da cultura e pela sustentabilidade da comunidade passa, essencialmente, pelo protagonismo feminino. Suas ações garantem que as futuras gerações tenham acesso à educação diferenciada, a oportunidades econômicas e à valorização da identidade quilombola. Como ressalta Cardoso (2001, p. 162): "A presença ativa das mulheres nas decisões comunitárias não apenas fortalece a estrutura social, mas também garante que os saberes e práticas tradicionais sejam transmitidos de maneira consciente e sustentável."

Para o autor supracitado, o papel das mulheres é fundamental na organização social e na preservação da cultura nas comunidades quilombolas. A presença ativa das mulheres nas decisões comunitárias garante que os saberes e práticas tradicionais sejam transmitidos de forma consciente e sustentável, fortalecendo a estrutura social e cultural dessas comunidades. Dessa forma, a participação das mulheres na liderança comunitária e na defesa dos direitos quilombolas se torna indispensável para a continuidade da história de Caiana dos Crioulos.

4.3 Educação quilombola e o papel das mulheres na formação das novas gerações

A educação quilombola tem um papel fundamental na preservação da identidade cultural e na construção do futuro das novas gerações. Em comunidades

como Caiana dos Crioulos, a escola não deve ser apenas um espaço de ensino tradicional, mas um local de valorização da história, dos costumes e dos saberes ancestrais transmitidos ao longo do tempo.

Segundo Tavares (2021, p. 148), "a educação quilombola precisa ser diferenciada, contemplando as especificidades históricas e culturais dessas comunidades para que os jovens compreendam sua identidade e se reconheçam como parte de um legado de resistência". Para o autor, essa forma de educação busca promover a autoestima coletiva e ressignificar a ancestralidade, elementos essenciais para a construção de uma identidade forte e positiva. Dessa forma, garantir uma educação contextualizada e inclusiva é essencial para o fortalecimento da cultura quilombola e para a formação das novas gerações.

Para Elza Silva, durante a sua infância, a grande dificuldade era a falta de "liberdade" para estudar, terminar os estudos. O fator financeiro era um dos fatores que dificultava essas mulheres de "sonharem" com os estudos. Depois, vinha o casamento, os filhos:

Teve liberdade para estudar na cidade, ter seus livros e tudo mais. Isso que era uma grande dificuldade aqui na comunidade para as pessoas estudarem, terminar seus estudos, por conta financeira mesmo. Aqui na comunidade não tinha. Era só. Até 1995, só tinha a primeira e a segunda série. Antiga? Primeira série. E aí, me casei com esse estudo, da quarta série, porque já fui estudar em outra comunidade. Mas aqui mesmo, até 2001, não tinha. Então, isso também significa o grande avanço dos últimos anos (Narrativas de Elza Silva, Quilombo Caiana dos Crioulos, 2024).

Hoje, as mulheres quilombolas desempenham um papel central na difusão de valores culturais e históricos para crianças e jovens da comunidade. São elas que, por meio da oralidade, das práticas comunitárias e da vivência cotidiana, ensinam os mais novos sobre a ancestralidade, os costumes, a religiosidade e a importância da coletividade. Essa educação informal complementa o ensino escolar, garantindo que os conhecimentos tradicionais sejam preservados.

De acordo com Santos (2020, p. 144) "as mulheres quilombolas atuam como verdadeiras educadoras, transmitindo não apenas saberes históricos, mas também valores essenciais para a continuidade da identidade cultural das comunidades" Ensinar os mais jovens a valorizar as tradições e os costumes de suas comunidades, fortalecendo o senso de pertencimento e a identidade cultural, dessa

forma, a educação quilombola vai além dos livros, estando enraizada nas experiências e na vivência do cotidiano.

Um dos aspectos mais importantes da educação quilombola é o ensino da história afro-brasileira, que muitas vezes é negligenciado nos currículos escolares convencionais. A implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, representou um avanço significativo, mas sua aplicação ainda encontra dificuldades, principalmente pela falta de materiais didáticos adequados e pela pouca formação de professores nessa temática.

Segundo Oliveira (2019, p. 84), "a inclusão da história afro-brasileira na educação formal ainda é um desafio, pois muitas escolas não possuem estrutura nem docentes preparados para abordar o tema com a profundidade necessária". A ausência desse ensino impacta diretamente a identidade dos estudantes quilombolas, que muitas vezes não se veem representados na escola.

As iniciativas educacionais dentro da comunidade de Caiana dos Crioulos são fundamentais para preencher essa lacuna e garantir que as crianças e jovens tenham acesso a uma educação que valorize suas origens. Projetos comunitários, como rodas de conversa, oficinas de cultura e programas de incentivo à leitura de obras afro centradas têm sido desenvolvidos por mulheres quilombolas para fortalecer a identidade dos estudantes. Além disso, eventos culturais e festividades, como celebrações tradicionais e encontros intergeracionais, são oportunidades para que os mais novos aprendam diretamente com os mais velhos sobre sua própria história.

Inclusive, já tem grupos querendo fazer realização de projeto. Por exemplo, no dia 15 de novembro, teve um grupo de mais de 20 pessoas que quis fazer um. Eles mesmos, em si, o grupo, quis realizar o retiro pra eles aqui, sendo escolhido Caiana. E aí vieram aqui, viram na rede social. Aí vieram aqui a coordenadora do retiro, casal. Veio aqui, conheceu todo o espaço, fez a entrevista comigo. Aí fez todo o orçamento da alimentação, café, almoço, lanche. Aí o espaço, aluguel do espaço, valores pra visita na caixa de farinha, valor pra visita no museu. E aí tudo isso virou um pacote. E assim, eu fiquei muito feliz. Porque isso aí já deu uma grande inspiração e provou pra nós Maria.

Segundo Ferreira (2023, p 87) "a educação quilombola precisa ser um processo vivo, que envolva a participação ativa da comunidade na construção do conhecimento e na valorização dos saberes ancestrais".

As mulheres quilombolas desempenham um papel essencial na educação das novas gerações, pois são elas que garantem a transmissão de saberes, fortalecem os laços comunitários e promovem uma educação baseada no respeito à ancestralidade e à coletividade (Nascimento, 2015, p. 87).

No entanto, os desafios enfrentados pelas crianças e jovens quilombolas no acesso à educação de qualidade ainda são muitos. A precariedade da infraestrutura escolar, a falta de professores capacitados para trabalhar com a diversidade cultural e a discriminação racial no ambiente escolar são algumas das barreiras que dificultam a permanência e o sucesso dos estudantes quilombolas.

De acordo com Cardoso (2001, p. 95), "as escolas quilombolas enfrentam um *déficit* estrutural significativo, o que impacta diretamente na qualidade da educação oferecida e na motivação dos alunos para permanecerem na escola". Muitas crianças quilombolas percorrem longas distâncias para estudar e, em alguns casos, enfrentam dificuldades para ter acesso ao transporte escolar.

Para Cardoso (2001) a falta de infraestrutura adequada, a escassez de recursos e a ausência de materiais didáticos específicos são alguns dos obstáculos que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. Outro desafio enfrentado pelas novas gerações quilombolas é a necessidade de conciliar a educação formal com as práticas tradicionais da comunidade.

Muitas famílias dependem da agricultura de subsistência, do artesanato e de outras atividades produtivas, o que faz com que algumas crianças e adolescentes tenham que dividir seu tempo entre os estudos e o trabalho na comunidade. Embora essa dinâmica contribua para a aprendizagem de saberes tradicionais, também pode impactar negativamente o rendimento escolar dos estudantes.

Segundo Ribeiro (2024, p.165), "é essencial encontrar um equilíbrio entre a valorização da cultura quilombola e a necessidade de garantir que os jovens tenham acesso a uma formação acadêmica que lhes permita ampliar suas oportunidades no futuro".

A resistência das mulheres quilombolas frente a esses desafios se manifesta na busca por melhorias na educação de suas crianças. Muitas delas participam ativamente de movimentos de reivindicação por melhores condições escolares, lutando por políticas públicas que garantam recursos para a formação de professores, o fornecimento de materiais pedagógicos adequados e a construção de escolas com infraestrutura apropriada. Além disso, organizam encontros comunitários para debater a educação das crianças e criar estratégias para que a escola seja um espaço de fortalecimento da identidade quilombola.

Segundo Costa (2024, p. 156): "as mulheres quilombolas não apenas educam suas crianças, mas também se tornam líderes na luta por uma educação que respeite e valorize a história de suas comunidades". A autonomia das mulheres quilombolas na educação também se reflete na criação de grupos de estudo e na formação de professores dentro da própria comunidade.

Algumas quilombolas se tornam educadoras e multiplicadoras do conhecimento, ensinando tanto nas escolas formais, quanto em espaços comunitários alternativos. Esses espaços funcionam como verdadeiras escolas da resistência, onde a história da comunidade é preservada e os jovens são incentivados a se orgulhar de sua identidade quilombola.

Conforme Nunes (2024, p.159): "A educação quilombola se fortalece quando a comunidade se torna protagonista no processo educativo, garantindo que os conteúdos ensinados reflitam a realidade e os valores da população local."

Portanto, a educação quilombola em Caiana dos Crioulos desempenha um papel crucial na formação das novas gerações, sendo um instrumento de resistência, preservação da identidade cultural e construção de um futuro mais justo. As mulheres quilombolas são as principais responsáveis por garantir que os saberes ancestrais sejam transmitidos e que as crianças tenham acesso a uma educação que valorize sua história e sua cultura.

Apesar dos desafios estruturais, sociais e institucionais, a força e a determinação dessas mulheres demonstram que a educação quilombola continua sendo um pilar essencial para a continuidade da identidade quilombola. Como ressalta Almeida (2021, p. 96) "a luta pela educação quilombola é, antes de tudo, uma luta pelo reconhecimento da cultura, pela dignidade e pela garantia de um futuro para as novas gerações". O autor destaca o fato de que é *mister* uma

abordagem educacional que valorize e respeite a história e a cultura das comunidades quilombolas. Essa forma de educação busca promover a autoestima coletiva e ressignificar a ancestralidade, elementos essenciais para a construção de uma identidade forte e positiva.

Segundo Tavares *et al.* (2022, p.152) "a autonomia das comunidades quilombolas está diretamente relacionada à sua capacidade de articular parcerias estratégicas que garantam acesso a recursos e oportunidades de desenvolvimento". Dessa forma, construir redes de apoio sólidas permitirá que as mulheres quilombolas expandam seus projetos e conquistem maior reconhecimento político e social.

A cada fala colhida durante as entrevistas, fica claro que essas mulheres lideram não somente as suas casas e famílias, mas são verdadeiras colaboradoras no sentido literal da palavra. Além de serem guardiãs de saberes intergeracionais, elas possuem força suficiente para preservar, através da História Oral, relatos de vida que perpassam a infância e, vislumbram o futuro como algo a ser construído, tijolo a tijolo, na luta, na garra e determinação.

Essas mulheres são as responsáveis por criar iniciativas econômicas capazes de valorizar os produtos confeccionados na comunidade, os saberes adquiridos por seus ancestrais e o turismo de base comunitária, tudo isso utilizando recursos de forma sustentável, na perspectiva do ecofeminismo, o que tem gerado renda para suas famílias e para a comunidade de Caiana.

Ao se conectarem com a terra em que nasceram, nasce também o desejo de criar raízes cada vez mais profundas com Caiana. A cada fala, um sonho realizado, ou um sonho a ser seguido, que não é inalcançável nem tão pouco, fácil de ser realizado, mas que traz a memória de que essas mulheres são guerreiras, donas e enraizadas no chão daquele lugar. As práticas agrícolas que elas exercem, e que fazem questão de relembrar a cada pergunta, mostram o respeito que todas tem pela natureza e pelas tradições ancestrais, valorizando o uso de plantas medicinais, a produção de produtos orgânicos e o artesanato, indicando que o ecofeminismo faz parte de uma rede de mulheres responsáveis por garantir um futuro digno para as novas gerações de mulheres em Caiana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, percorreu-se um caminho de investigação sobre o protagonismo e a ação coletiva das mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos. Esta trajetória representou não apenas um aprofundamento acadêmico, mas também uma imersão em histórias de resistência, luta e construção coletiva. A realização desta pesquisa foi um aprendizado valioso, possibilitando enxergar a potência das mulheres quilombolas como agentes transformadoras de suas realidades.

A pesquisa revelou que as mulheres de Caiana dos Crioulos desempenham um papel fundamental na manutenção da identidade quilombola e na luta por melhores condições de vida para a comunidade. Através de suas narrativas, foi possível compreender que ser quilombola é carregar a força de uma ancestralidade de resistência e, ao mesmo tempo, enfrentar desafios contemporâneos com estratégias de ação coletiva. A busca pela geração de renda e sustentabilidade é um dos pilares dessa luta, evidenciando um compromisso tanto com a preservação cultural quanto com o desenvolvimento econômico da comunidade.

As atividades produtivas desempenhadas por essas mulheres são diversas e estão intimamente ligadas ao território e aos saberes tradicionais. A produção agrícola, o artesanato e a culinária são algumas das formas pelas quais elas garantem o sustento de suas famílias e fortalecem a economia local. No entanto, os desafios são muitos, dentre eles estão a valorização de seus produtos e as dificuldades impostas pelas desigualdades estruturais.

Ao analisarmos essas dinâmicas, identificamos pontos de convergência entre a luta das mulheres quilombolas e os princípios do ecofeminismo. A relação estreita que elas mantêm com a terra, a valorização dos conhecimentos ancestrais e a luta pela autonomia econômica demonstram uma perspectiva que entrelaça justiça social e ambiental. Assim, sua resistência não se dá apenas contra as desigualdades de gênero e raça, mas também contra um modelo de exploração que ameaça suas formas de vida sustentáveis.

A pesquisa também permitiu compreender as múltiplas dimensões da vida comunitária em Caiana dos Crioulos. Nas narrativas dessas mulheres, encontramos expressões de pertencimento, solidariedade e desejo de transformação. Foi possível

observar que sua luta não é apenas por sobrevivência, mas também por reconhecimento, dignidade e fortalecimento da identidade quilombola.

Conservar a memória de um povo que luta e permanece lutando por visibilidade é uma constante entre as mulheres que colaboraram para esse estudo. Trazer as suas memórias da infância, juventude e, como tudo o que elas passaram durante essas fases as transformou em forças da natureza, capazes de seguir adiante, mesmo sabendo que o mundo as vê com os olhos de quem não as enxerga, não as ouve, como deveriam e lhes negam seus direitos, mostra que esse estudo é apenas o início de um grande desafio como pesquisadora. Esse trabalho vai além de uma simples dissertação, passou a ser o ponto forte de um desejo de participar da luta dessas mulheres como parte de um processo que torna a luta delas a luta de todas as mulheres que não fogem dos desafios e não se vitimizam com barreiras que lhe são impostas.

Reconhecer que, ao utilizarem práticas inovadoras e sustentáveis, os seus conhecimentos tradicionais não são anulados ou esquecidos, mostra que elas aplicam os conhecimentos ancestrais sobre o manejo da terra e a biodiversidade para desenvolver práticas agroecológicas que respeitem o meio ambiente, garantindo alimentos saudáveis, valorizando a cultura local e gerando renda para a comunidade.

A divulgação dos resultados dos projetos como o Vivenciando, Dia da Consciência Negra, Festa do Coco, entre outros eventos, nas mídias sociais, é um exemplo da utilização das novas tecnologias para divulgar a sua cultura e no aprimoramento de suas atividades produtivas, é também exemplo de que os saberes ancestrais, com as inovações, podem garantir a continuidade das tradições e a construção de um futuro mais justo e igualitário para os descendentes de Caiana.

Ao evidenciar a interseccionalidade entre gênero e etnia-raça na experiência das mulheres de Caiana, o estudo contribui para a superação de visões homogeneizantes e para a construção de práticas profissionais mais sensíveis e contextualizadas, pois, ao dar voz à essas mulheres e evidenciar suas lutas por direitos, o estudo busca contribuir para o fortalecimento da luta por justiça social e igualdade, para a superação do racismo e para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

A partir de suas narrativas é possível entender como elas se tornaram peças fundamentais numa comunidade que historicamente foi formada por homens, ao evidenciarem ações coletivas, que envolvem a organização de associações, a participação em movimentos sociais e a articulação de parcerias, fortalecendo ainda mais a luta de cada uma delas.

O futuro das comunidades quilombolas, como Caiana dos Crioulos, depende de uma combinação de esforços internos e externos para garantir a preservação da cultura, o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes. O fortalecimento das redes de apoio e a ampliação das parcerias com instituições acadêmicas, organizações não governamentais e movimentos sociais são essenciais para potencializar as iniciativas já existentes.

Um dos principais desafios enfrentados por Caiana dos Crioulos é a dificuldade de acesso a políticas públicas eficientes que contemplem as necessidades específicas da comunidade. Apesar do reconhecimento legal das comunidades quilombolas no Brasil, a implementação de políticas que garantam a regularização fundiária, o acesso à educação diferenciada, a infraestrutura básica e o incentivo à produção sustentável ainda é lenta e, em muitos casos, insuficiente.

De acordo com Oliveira (2019, p. 126), "a falta de investimento governamental e a burocracia no reconhecimento dos territórios quilombolas ainda são entraves significativos para o desenvolvimento dessas comunidades". Portanto, é fundamental que os gestores públicos adotem medidas eficazes para fortalecer a autonomia dessas populações.

A busca por políticas públicas mais inclusivas é um dos caminhos para garantir a continuidade dos projetos comunitários e da luta pelos direitos quilombolas. Programas de incentivo à educação quilombola, à produção agrícola sustentável e ao turismo comunitário podem contribuir para fortalecer a economia local e garantir melhores condições de vida para os moradores.

Além disso, a criação de mecanismos de financiamento específicos para mulheres quilombolas ajudaria a consolidar iniciativas de empreendedorismo e liderança feminina.

Segundo Cardoso (2024, p.119) "o investimento no fortalecimento das comunidades quilombolas, não deve ser visto apenas como uma política social, mas

como uma estratégia de preservação da diversidade cultural e do patrimônio histórico do país".

O incentivo ao empreendedorismo feminino e à produção artesanal são alternativas viáveis para garantir autonomia financeira às mulheres quilombolas, permitindo que elas diversifiquem suas fontes de renda sem renunciar às suas tradições. A comercialização de produtos agroecológicos e artesanais pode ser ampliada por meio de feiras, lojas colaborativas e plataformas digitais.

Conforme destaca Ribeiro (2024, p.82), "o acesso a mercados consumidores fora da comunidade é um dos desafios a serem superados, mas também uma oportunidade de expansão econômica para as mulheres quilombolas." Dessa forma, o fortalecimento da economia solidária pode transformar a realidade da comunidade, no entanto, a capacidade de se fortalecerem coletivamente e de estabelecerem parcerias estratégicas é fundamental para garantir a autonomia dessas comunidades, como afirma Nascimento (2015, p. 112),

O futuro das comunidades quilombolas está diretamente ligado à capacidade de se fortalecerem coletivamente e de estabelecerem parcerias estratégicas que garantam sua autonomia. O protagonismo das mulheres quilombolas é essencial nesse processo, pois elas são as principais responsáveis pela manutenção dos saberes ancestrais e pela construção de alternativas sustentáveis para o desenvolvimento comunitário.

O acesso à tecnologia e à comunicação digital também pode ser um diferencial para a valorização da comunidade e o fortalecimento de suas iniciativas. A inclusão digital permitiria que os moradores divulgassem suas atividades e produtos, fortalecendo a economia local e promovendo a cultura quilombola para um público mais amplo. Além disso, o uso da internet pode facilitar a participação da comunidade em redes de articulação política, ampliando sua visibilidade e potencializando suas reivindicações.

Dessa forma, o acesso à internet pode se tornar um importante aliado na preservação cultural e na geração de renda. A educação quilombola também precisa ser fortalecida, garantindo que crianças e jovens tenham acesso a um ensino de qualidade, alinhado com a identidade cultural da comunidade. A formação de professores, a produção de materiais didáticos contextualizados e a criação de espaços educativos dentro da comunidade são algumas das estratégias que podem

contribuir para esse avanço. Além disso, programas de incentivo à formação acadêmica para jovens quilombolas podem permitir que eles retornem à comunidade com maior conhecimento técnico e capacidade de inovação.

Outro aspecto relevante para o futuro de Caiana dos Crioulos é a possibilidade de expansão dos projetos liderados por mulheres. O protagonismo feminino já é uma realidade dentro da comunidade, e a ampliação dessas iniciativas pode garantir ainda mais avanços sociais e econômicos. Projetos de turismo comunitário, feiras de produtos quilombolas, oficinas de capacitação e programas de incentivo ao empreendedorismo são algumas das áreas que podem ser fortalecidas.

Para Nunes (2019, p. 56), "as mulheres quilombolas são agentes de transformação dentro de suas comunidades, e o reconhecimento de seu papel deve ser acompanhado de políticas públicas que incentivem sua participação em espaços de tomada de decisão". Dessa forma, o futuro da comunidade depende da consolidação da liderança feminina e da criação de condições que garantam sua atuação plena.

Os desafios para a comunidade de Caiana dos Crioulos são grandes, mas as possibilidades de crescimento e fortalecimento da identidade quilombola são igualmente significativas. A união entre a resistência histórica e o uso de estratégias inovadoras pode garantir que a comunidade continue avançando na luta por direitos e no desenvolvimento sustentável.

Como ressalta Cardoso (2001, p. 76) "o futuro das comunidades quilombolas será construído por aqueles que compreendem a importância da preservação cultural e da justiça social". Dessa forma, os caminhos para o amanhã de Caiana dos Crioulos continuam sendo traçados com luta, resistência e acima de tudo no fortalecimento das redes de apoio, na implementação de políticas públicas eficazes e na ampliação dos projetos liderados por mulheres, que são estratégias fundamentais para garantir um desenvolvimento justo e sustentável. O protagonismo feminino das mulheres de Caiana, aliado à mobilização comunitária e ao apoio institucional, pode transformar a realidade da comunidade e criar oportunidades para as próximas gerações, que serão definidas pelas ações que forem tomadas hoje.

Dessa forma, este estudo não apenas lança luz sobre as dinâmicas de protagonismo feminino no quilombo, mas também aponta caminhos para políticas públicas e iniciativas que possam fortalecer essas mulheres em suas trajetórias. Que

este trabalho sirva como um registro da força dessas mulheres e um convite à valorização e ao apoio às suas lutas!

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, A. B. W. Apresentação das coleções: “narrativas quilombolas” e Luta e resistência quilombolas”. *In*: AIRES, M. N. M. **Nice Guerreira: mulher, quilombola e extrativista da floresta**. Rio de Janeiro, 2016. p. 07-12.

ALMEIDA, M. Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. **História Oral**, v. 24, n. 2, p. 293–309, 2021.

ALMEIDA, S. L. **Estado e direito**: a construção da raça. São Paulo: Pólen, 2017.

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. **Feminismo Negro**: notas sobre o debate norte-americano e brasileiro. **Anais Fazendo Gênero 9**, Santa Catarina. GT Diáspora, Diversidade, Deslocamentos. Santa Catarina: UFSC. 2010.

BARTH, Frederick. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FERNART, Jocelyne (Orgs.). **Teorias da etnicidade**. 2º ed., São Paulo: UNESP, 2011. p. 144-146.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 dez. 2024.

BRASIL. **Decreto no 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombolas de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília: Diário Oficial da União, 21 nov. 2003.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 30 de dezembro de 2003**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo escolar a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: Diário Oficial da União, 31 dez. 2003. Seção 1, p. 1.

BOURDIEU, P. F. A dominação masculina. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p. 156-158, 2017. Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71724>.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p.205-227, 2004.

BUTTO, Andréa. A perspectiva de gênero nos programas de desenvolvimento rurale combate à pobreza no Brasil: políticas públicas. *In*: **Anais Seminário “gênero y enfoque territorial del desarrollo rural”**, Natal, 14 a 17 jul. 2003.

CARDOSO, Maíra Freitas. **Educação quilombola**: um olhar sobre possibilidades e desafios no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense-Campus Cabo Frio, Macaé, RJ. Dissertação, Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, 2023.

CARDOSO, Marcos Antônio. **O movimento negro em Belo Horizonte: 1978- 1998**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Geografia e História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 22–57, 2001.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a Outsider Within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 nov. 2024.

CORNEJO-VALLE, Mónica; PICHARDO, José Ignacio. A “ideologia de gênero” frente aos direitos sexuais e reprodutivos. O cenário espanhol. **Cadernos Pagu**, v. 50, p. 43-49, 2017.

COSTA, João Bosco Araújo da. Regularização de Territórios Quilombolas (RTQ): uma avaliação do processo de implementação da Comunidade da Aroeira (RN) . **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 18, n. 49, p. 305–329, 2023.

COSTA, Luciana das Neves Rosa. **Quilombo Santa Rita do Bracuí**: entre luta, trocas e saberes. Dissertação. Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, 2021.

COSTA, P. L. A., ANDRADE, L. P. de, & ANDRADE, H. M. L. da S. Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola: observação das interfaces através de uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira De Educação Do Campo**, v. 9, p. 118-129, 2024.

COSTA, P. L. A. Educação do Campo e Educação Escolar Quilombola: observação das interfaces através de uma revisão sistemática da literatura. **Revista Brasileira De Educação Do Campo**, v. 9, p. 136-147, 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. University of California, 1989.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEALDINA, S. S. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política. *In*: DEALDINA, S. S. (org.) **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020. p. 25-44.

D'EAUBONNE, Françoise. **Le féminisme ou la mort**. Paris: Pierre Horay, 1974.

DIAS, Fiama de Castro Azevedo; ARAGÃO, Patrícia Cristina de. O papel do assistente social na educação evidenciando a importância dos direitos humanos, políticas públicas e do programa de cotas raciais para negros e quilombolas. *In*: ARAGÃO *et al.* (orgs.) **Raça, classe, gênero e anticapacitismo: experiências de emancipação**. São Paulo: Mentres Abertas, 2024. P.168-185.

DUARTE JR, João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2015.

EMPINOTTI, Vanessa Lucena; MOREIRA, Marina Rago. Território e feminismos na América Latina. **Anais XX ENANPUR 2023** Universidade Federal do ABC Universidade Federal do ABC. p. 15-17. Belém, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, José Cândido Lopes. **Quilombo Caiana dos Crioulos**. Belo Horizonte: FAFICH, 2020.

FIABANI, Adelmir. **Mato, Palhoça e Pilão**. O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2012.

FIABANI, A. Mulheres Quilombolas. *In*: FIABANI, A. Gomes, A. B. S. Miranda, Carmélia Aparecida Silva (org.). **Do quilombo ao batom: histórias de mulheres quilombolas**. Curitiba: CRV, 2017. p. 13-25.

GOMES, F. S. **Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

GONZÁLEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GUERRA, Yolanda. Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social. **Revista Serviço Social e Sociedade**, Volume 10, n. 62. p.160-165, 2000.

GURGEL, Telma. **Feminismo e Liberdade: Sujeito total e tardio na América Latina**. Tese, Doutorado em Sociologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

HAERTER, Leandro. **Uma etnografia na comunidade negra rural Cerro das Velhas: memória coletiva, ancestralidade escrava e território como elementos de**

sua auto-identificação quilombola, Pelotas, RS. Dissertação ou tese, programa, universidade, Pelotas, 2010.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HEREDIA, Beatriz Alásia; GARCIA JR, Afrânio Raúl. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. *In*: Neuma Aguiar. (Org.). **Mulheres na força de trabalho na América Latina**: análises qualitativas. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho**: um olhar voltado para a empresa e a sociedade. 1ªed. São Paulo: Boitempo, 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz 1995.

JACOBI, P. R. Meio ambiente e sustentabilidade. *In*: JACOBI, Pedro Roberto (org.), **O município no século XXI**: cenários e perspectivas. São Paulo: CEPAM, 1999. p.142-147.

LOPES, Rita de Cássia Domingues. **Identidade e territorialidade na comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente – Tocantins**. Palmas: Eduft, 2020.

LUIZ, Janailson Macedo. **Das Ressignificações do Passado**: As artes da memória e a escrita da história da comunidade remanescente de quilombos Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB.2013. Dissertação. Mestrado em Historia. Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2013.

MONTEIRO, K. dos **As mulheres quilombolas na Paraíba**: terra, trabalho e território. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Exatas e da Natureza, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Editora Ática, 1993.

MURARO, Rose Marie; BOFF, leonardo. (Org.). **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NASCIMENTO. Josefa. **Protagonismo e Ação Coletiva de Mulheres Quilombolas**: desenvolvimento sustentável em Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande. [Entrevista concedida a Fiama de Castro Azevedo Dias]. 13 de dez.2024. MP4: Video e voz. Duração: 1:33:49.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. São Paulo (União dos Coletivos Pan-Africanistas de São Paulo (UCPA)) Diáspora Africana, Editora Filhos da África, 2015.

NASCIMENTO, Rogério Humberto Zeferino (equipe). **Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território da Comunidade Quilombola Matão**. Gurinhém, Paraíba; Serviço de Regularização de Territórios Quilombolas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e Fundação Parque Tecnológico da Paraíba – ParqTecPB, 2009.

NEPOMUCENO, Bebel. Mulheres Negras. Protagonismo ignorado. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana. (orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 382-409.

NUNES, D. Bucala. **A princesa do quilombo do Cabula**. Ilustrações de Daniel Santana. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

NUNES, G. C. Práticas integrativas e complementares: saberes e fazeres em comunidades quilombolas. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 5, 1746–1763, 2024. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p1746-1763>.

OLIVEIRA, Naia. Grupos Mulheres da Terra: abordagem fundamentada no ecofeminismo e na alfabetização ecológica. **Mulher e Trabalho**, v. 5, p. 110-112, 2009. Disponível em: <<http://revistas.fee.tcche.br/index.php/mulheretrabalho/article/view/2716/3039>>. Acesso em: 11 out. 2024.

OLIVEIRA, O. M. de. Saberes tradicionais e acesso à educação escolar no quilombo: análise das trajetórias e processos de identificação de duas lideranças. **Revista Do Arquivo Público Do Estado Do Espírito Santo**, v. 3, n. 6, p.109–123, 2019. Recuperado de <https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/32300>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Carta das Nações Unidas. **ONU Brasil**, 2017. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas>. Acesso em : 22 mar.2025.

ORTNER, Sherry B., “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” *In*: ROSALDO, Michelle Zimbalist & LAMPHIRE, Louise (eds.), **Women, culture and society: a theoretical overview**. Stanford, Stanford University Press, 1974 (Trad. Bras. Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979).

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. **Anais Fazendo Gênero 8**. Florianópolis, Santa Catarina: UFSC. SP, 2008.

PAULILO, Maria Ignez S. A mulher e a terra no Brejo Paraibano. *In*: BRUSCHINI, MariaCristina A.; ROSEMBERG, Fúlvia (Org.). **Trabalhadoras do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

Trabalho familiar: uma categoria de análise esquecida.
Estudos Feministas, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.55-58, janeiro - abril/2004.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, p.33-37, 2008. DOI: 10.5216/sec.v11i2.5247. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/5247>. Acesso em: 11 jan. 2025.

PLANT, Judith. Buscando um suelo comum: bioregionalismo. Con- spirando. **Revista Latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidade y teologia**. Santiago de Chile, v.4. pp. 30-31, Junio 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, p.60-64, 1989.

RIBEIRO, Matilde. **Políticas de promoção da igualdade racial no Brasil (1986-1910)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2020.

RUETHER, Rosemary R. *New Woman, New Earth: Sexist Ideologies and Human Liberation*. New York: Seabury Press, 1975. 221 p.

RIBEIRO, Elaine Monteiro **Quilombo é onde estou** : experiências, saberes insurgentes e a intelectualidade negra orgânica de Beatriz Nascimento (1942-1995) Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Programa de Pós Graduação em História Social de Cultura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel: Fundap, 2002.

SAFFIOTI Heleieth. **Gênero, patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

_____. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTINO, Marinélia. **Protagonismo e Ação Coletiva de Mulheres Quilombolas**: desenvolvimento sustentável em Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande. [Entrevista concedida a Fiana de Castro Azevedo Dias]. 13 de dez.2024. MP4: Vídeo e voz. Duração: 1:33:49.

SANTOS, F. Lugares de afeto da mulher afrodescendente. *In*: E. M. Lima, F. F. Santos, A. H. Y. Nakashima & L. A. Tedeschi (Orgs.), **Ensaio sobre racismo**: pensamento de fronteira. São Paulo: Balão Editorial, 2023. p. 63-69.

SANTOS, G. L.; CHAVES, A. M. Ser quilombola: representações sociais de habitantes de uma comunidade negra. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 353-361, jul./set. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/3jtVsS3GnFhTc9qXpdWHMQC/abstract/?lang=pt..> Acesso em: 02 dez.2024.

SANTOS, Maria. **Protagonismo e Ação Coletiva de Mulheres Quilombolas**: desenvolvimento sustentável em Caiana dos Crioulos- Alagoa Grande. [Entrevista concedida a Fiana de Castro Azevedo Dias]. 13 de dez.2024. MP4: Vídeo e voz. Duração: 1:33:49.

SANTOS, Maria. Retalhos da educação cotidiana de alunos quilombolas do Arrojado. **Argumentos Pró-Educação**, v. 5, p. 10-37, 2020.

SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. **Negras velhas**: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade. Dissertação, Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

SCHMIDT, S. P. Como e por que somos feministas. **Estudos Feministas**, v. 12, Número Especial, p. 17-22, 2002.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana Tese, Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. New York: Columbia University Press, 1989.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria**: a pilhagem da natureza e do conhecimento. Trad. Laura Cardellini B. de Oliveira. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

SILVA, C. H. da; OLIVEIRA, A. R. S. de. A atuação das Mulheres Quilombolas na manutenção da identidade territorial: um olhar a partir das comunidades de Água

morna e Guajuvira em Curitiba-PR. In: FIABANI, A.; GOMES, A. B. S.; MIRANDA, C. A. S. (org.). **Do Quilombo ao Batom**: histórias de mulheres quilombolas. Curitiba: CRV, 2015. p. 73-88.

SILVA, Elza. **Protagonismo e Ação Coletiva de Mulheres Quilombolas**: desenvolvimento sustentável em caiana dos crioulos- Alagoa Grande. [Entrevista concedida a Fiana de Castro Azevedo Dias]. 13 de dez.2024. Arquivo MP4: Video e voz. Duração: 1:33:49.

SILVA, Gilvânia Maria da. Por outras epistemologias: os quilombos como espaços de construção de conhecimento. **Revista de estudos em relações interétnicas | Interethnica**. v. 23, n. 1, p. 100-127, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/25545>. Acesso em 03/02/2025.

SILVA, Jocelma. **Protagonismo e Ação Coletiva de Mulheres Quilombolas**: desenvolvimento sustentável em caiana dos crioulos- Alagoa Grande. [Entrevista concedida a Fiana de Castro Azevedo Dias]. 13 de dez.2024.MP4: Video e voz. Duração: 1:33:49.

SILVA, Kleide Iraci. **Mulheres negras quilombolas**: um estudo de caso sobre agência feminina na dinâmica da geração familiar, Barrinha, Bom Jesus da Lapa-Bahia. Tese, Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, M. L.; FARIAS, M.; OCARIZ, M. C.; STIEL NETO, A. (org.). **Estado e direito**: a construção da raça. São Paulo: Escuta, 2019.

SILVA, Roseane Amorim da; MENEZES, Jaileila de Araújo. Relações étnico-raciais e educação nas comunidades quilombolas. **Pesqui. prá. psicossociais**, vol.13, no.3, p.1-17, Set 2018. ISSN 1809-8908.

SILVA, Severino dos Ramos. **Registros de contos e cantos nas Comunidades Quilombolas do Seridó Ocidental do RN**. Trabalho de conclusão de curso na modalidade Relatório de Documentário, apresentado ao Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Campus de Caicó, Departamento de História, 2016.

SOUZA, Ana Lucia Silva; CROSO, Camila (Coord.). Igualdade das Relações Étnico-Raciais na Escola: possibilidades e desafios para a implementação da lei nº 10.639/2003. São Paulo; Petrópolis: Ação Educativa; CEAFFRO; CEERT, 2014.

SOUZA, Márcia Lúcia Anacleto de. **“Ser quilombola”**: identidade, território e educação na cultura infantil. Tese, Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, Campinas, 2015.

SOUZA, Wallace G. Ferreira de. **Famílias, Território e Espiritualidades**: uma etnografica de Caiana dos Crioulos-PB. Tese, Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campina Grande, 2017.

TAVARES, José Ricardo; SILVA, Camila Gomes da; GUIMARÃES, Catia Fernanda Ebersol; COSTA, Rogério Santos da. Racismo ambiental, esquecimento e seletividade estatal: Quilombo Vidal Martins e o Parque Estadual do Rio Vermelho/S. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n. 2, p. 701–719, 13 Jan 2022. Disponível em: <https://cajapio.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/18468>. Acesso em: 12 jan 2025.

TAVARES, L.L.S. de. **Memórias e saberes de Caiana dos Crioulos na formação de professores [manuscrito]**: Modos e formas de aprender na educação escolar quilombola. Dissertação, Mestrado Profissional em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2021.

TEDESCHI, Losandro Antônio. Do silêncio a palavra: identidades e representações sociais de mulheres camponesas no Noroeste do Rio Grande do Sul. **Anais XXIV Simpósio Nacional de História**, Rio Grande do Sul, 2007.

_____. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas no Brasil: uma ferramenta necessária. **Anuário de Hojas de Warmi nº 15**, 2010.

_____. **Mulheres camponesas da região noroeste do Rio Grande do Sul: identidades e representações sociais (1970-1990)**. Tese de doutorado do Programa de Pós Graduação em Geografia e História/UNISINOS, São Leopoldo, 2006.

_____. Mulheres e a sociedade agrária: representações sociais e relações de gênero. **Saeculum - Revista de História**, João Pessoa, v.26; p. 31-37, jan./jun. 2012.

_____. Viver, ouvir e aprender: o outro nas entrevistas com a história oral. **Tempos históricos**, vol. 17, p.39-45, 2013.

TRAPASSO, Rosa Domingo. Ecofeminismo. Revisitando nuestra conexión con la naturaleza. **Revista Con-spirando**, v.4, p. 2-6, 1993.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, JK. (Org.) **História geral da África**: I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982, pp. 157-179.

VEIGA, Ana Maria. Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, p. e0101, 2020. DOI: 10.5965/2175180312292020e0101. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0101>. Acesso em: 11 de nov.2024.

VIVENCIANDO CAIANA DOS CRIoulos. Alagoa Grande/PB. Instagram: @quilombocaiana, 2024. Disponível em:

<https://www.instagram.com/quilombocaiana?igsh=YnM3MG5qMDRnc2U=>. Acesso em 19 de mar.2025.

WARREN, Karen. Introduction to Ecofeminism. *In*: ZIMMERMAN, Michael E.; CALLICOTT, J. Baird; SESSIONS, George; WARREN, KarenJ.; CLARK, John (Eds.). *Environmental Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 2000. p. 253-267.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - PRPGP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL - PPGSS
ORIENTADORA: PROF. DRA. PATRICIA CRISTINA DE ARAGÃO
ORIENTANDA: FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados de identificação

a) Nome:

b) Idade:

c) Gênero:

d) Etnia:

e) Escolaridade:

f) Profissão:

g) Localidade onde nasceu?

h) Há quanto tempo mora em caiana dos crioulos?

PERGUNTAS PROPOSTAS

1. Para você o que é ser mulher quilombola?
2. O que é pertencer a caiana dos crioulos e morar nesta comunidade?
3. O que caiana dos crioulos significa na história de sua vida e para sua família?
4. Na história de sua vida que memórias você tem de caiana dos crioulos em sua juventude?
5. Durante sua juventude como era desenvolvida a luta na comunidade em busca de políticas sociais? Do que você lembra em termos de ações feitas e das dificuldades?
6. Como era caiana dos crioulos antes e como atualmente você percebe a comunidade a partir das ações desenvolvidas por mulheres da comunidade? Você percebeu modificações?
7. Como você vê a questão ambiental e a luta para preservar o território de caiana? O que tem sido feito?
8. Qual a importância deste tipo de luta para as mulheres de quilombo?
9. Como você vê a atuação e participação das mulheres em caiana em busca de políticas sociais?
10. Que tipo de atividade você participa e desenvolve na comunidade e a importância dela para você?
11. Em termos de geração de renda, como as mulheres de caiana dos crioulos tem desenvolvido ações neste aspecto?
12. Quais as primeiras ações para geração de renda, realizada na comunidade?

13. Qual a participação que as mulheres da associação do quilombo têm no vivenciando caiana, no coco de rodas e na venda dos produtos produzidos no quilombo?

14. Quais são as atividades atualmente realizadas na comunidade?

15. Que benefícios elas trazem para caiana?

16. Quais são as atividades geradores de renda?

17. Você participa de alguma ação coletiva com as mulheres de sua comunidade?

Se participa, na sua opinião qual a importância dela para a comunidade de caiana dos crioulos?

18. Como você percebe a luta das mulheres de caiana em busca de políticas sociais para a comunidade?

19. Quais os desafios para você para efetivação de políticas sociais e geração de renda na comunidade?

20. Para você a ação das mulheres em caiana tem contribuído para empreender mudanças na comunidade? De que tipo?

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROTAGONISMO E AÇÃO COLETIVA DE MULHERES QUILOMBOLAS: DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL EM CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE-PB.

Pesquisador: FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 83646724.0.0000.5187

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.273.824

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um Projeto de Pesquisa vinculado ao Programa Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A apresentação resumida do projeto reside nos seguintes termos: "O presente estudo pretende analisar a relação entre o protagonismo e ação coletiva, com ênfase na sustentabilidade ambiental frente ao trabalho das mulheres do Quilombo Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande-PB. Tal estudo partirá da premissa da ressignificação, problematizando a construção identitária e a discussão da mesma, assim como a reivindicação de gênero, classe, território e raça como elementos que se identificam como liames de ordenamento territorial, biodiversidade, ecologia e estratégias de conservação da natureza."

Objetivo da Pesquisa:

O Projeto de Pesquisa apresenta os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

- Compreender a ação coletiva das mulheres quilombolas de Caiana de Crioulos, em Alagoa Grande, PB e o protagonismo social destas, na luta por políticas sociais que visem o desenvolvimento sustentável e ambiental.

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó

CEP:

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

58.109-753

Telefone: (83)3315-3373

Fax: (83)3315-3373

E-mail: cep@setor.uepb.edu.br

Objetivos específicos:

- Narrar sobre as mulheres quilombolas e suas ações coletivas na busca políticas sociais e desenvolvimento sustentável e ambiental, com base nas perspectivas do ecofeminismo.
- Inventariar como as políticas sociais implementadas trazem impactos na experiência coletiva da comunidade Caiana dos Crioulos.
- Identificar como as mulheres de Caiana dos Crioulos organizam e desenvolvem suas atividades coletivas de geração de renda na perspectiva do desenvolvimento sustentável e ambiental.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios da pesquisa são apresentados de forma clara e de acordo com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

É um projeto de pesquisa com condições de realização, claramente definido em termos éticos, metodológicos e logísticos, tal como determina a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, caracterizando exequibilidade na proposta.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os documentos obrigatórios estão adequados e contemplam as exigências do Anexo II da Norma Operacional CNS nº 001 de 2013 e da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora responsável realizou a revisão e as correções solicitadas.

Sem pendências e/ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2422742.pdf	04/12/2024 10:21:14	FIAMA DE CASTRO ZEVEZ DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ERMCS.pdf	12/11/2024 15:46:10		Aceito

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário

Bairro: Bodocongó

CEP: 58.109-753

UF: PB

Município: CAMPINA GRANDE

Telefone: (83)3315-3373

Fax: (83)3315-3373

E-mail: cep@setor.uepb.edu.br

Cronograma	CRONO.pdf	12/11/2024 15:45:05	FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI.pdf	26/09/2024 16:19:47	FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOAUTORIZACAO.pdf	23/09/2024 19:05:13	FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS	Aceito
Declaração de concordância	DECLARACAO.pdf	23/09/2024 19:04:12	FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	projeto.pdf	23/09/2024 16:28:03	FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	23/09/2024 14:35:16	FIAMA DE CASTRO AZEVEDO DIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 06 de Dezembro de 2024

Assinado por:
Gabriela Maria Cavalcanti Costa
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Baraúnas, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó **CEP:** 58.109-753
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 **Fax:** (83)3315-3373 **E-mail:** cep@setor.uepb.edu.br